

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

JULIANA RANGEL SCARDUA

**ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NA FALA DE VITÓRIA/ES:
O LINGUÍSTICO, O SOCIAL E O ESTILÍSTICO**

**VITÓRIA
2018**

JULIANA RANGEL SCARDUA

**ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NA FALA DE VITÓRIA/ES:
O LINGUÍSTICO, O SOCIAL E O ESTILÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

VITÓRIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S285a Scardua, Juliana Rangel, 1994-
Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES : o
linguístico, o social e o estilístico / Juliana Rangel Scardua. –
2018.
217 f. : il.

Orientador: Maria Marta Pereira Scherre.
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Língua portuguesa - Concordâncias. 2. Língua portuguesa -
Vitória (ES). 3. Comunicação oral – Vitória (ES). I. Scherre, Maria
Marta Pereira, 1950-. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Juliana Rangel Scardua

**“ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NA FALA DE
VITÓRIA/ES: O LINGUÍSTICO, O SOCIAL E O
ESTILÍSTICO.”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2018.

Comissão Examinadora:


Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora


Profa. Dra. Lillian Coutinho Yacovenco (UFES)
Examinadora Titular Interna


Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre
Por Profa. Dra. Edair Maria Görski (UFSC)
Examinadora Titular Externa

Aos meus pais, Nino e Rosa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu protetor, pelo dom da vida e por permitir a realização dos meus sonhos.

Aos meus pais, Reinaldo Antonio Scardua e Rosa Maria Rangel Scardua, pelo amor que sempre me dedicaram no decorrer da vida e pelo apoio incondicional durante a minha trajetória acadêmica.

Ao meu irmão, Helder Rangel Scardua, por sua generosa contribuição para minha educação.

Agradeço aos demais familiares por acreditarem em mim, especialmente a minha vovó, Rezilia Victorio Scardua, que me acompanha na vida de mestrandia desde os estudos para o processo seletivo. Meu agradecimento também a Maria Fernanda Dias Cavaliere, por todo amor que me oferece nesses primeiros três anos de sua vida.

A Bruno Patricio Rodrigues, amor paciente, pelo carinho e pelas palavras incentivadoras em momentos difíceis. Obrigada por compreender as minhas ausências e, também, por me encher de tranquilidade e segurança. Caminhar com você deixou mais leve essa intensa jornada de dois anos.

A minha querida orientadora Maria Marta Pereira Scherre, por me guiar até aqui. Obrigada por todo conhecimento compartilhado desde os tempos de Iniciação Científica, pelos livros emprestados e por toda dedicação e cuidado que sempre teve ao orientar meus passos pelos trilhos da pesquisa.

A Lilian Coutinho Yacovenco, pelas importantes considerações no exame de qualificação e pela amizade com que me honrou. Meu muito obrigada pelos conhecimentos, pela atenção e pela oportunidade de participar do grupo de pesquisa PortVix.

A Edair Maria Görski, por aceitar o convite para compor a minha banca de qualificação e defesa e pelas valiosas reflexões feitas a este trabalho.

Agradeço igualmente a Leila Maria Tesch, pelas contribuições apresentadas para o desenvolvimento desta pesquisa.

A Frederico Pitanga Pinheiro, companheiro de todas as horas, pela amizade sincera. Agradeço por participar assiduamente de minhas atividades, ajudando-me com leituras atentas do meu texto e com possíveis encaminhamentos quando das inúmeras dificuldades enfrentadas durante a realização deste projeto. Obrigada pela solicitude ao ler aqueles longos e inacabáveis trechos de fala duvidosos.

A Camila Oliveira Fonseca, Fabrício Eduardo Dias Martinelli e Vitor Manzolli Martinelli, pela ajuda com as traduções.

Aos queridos amigos do PortVix, por toda força e incentivo. Agradeço, em especial, a Marliny Carla Detoni Caetano e Tarsila Machado Pinto, pela amizade e ajuda de sempre. E ainda, a Caroliny Batista Massariol, por viver e compartilhar comigo, desde a graduação, todos os momentos da vida acadêmica.

A todos os colegas que o mestrado me deu, pelo convívio e pelos agradáveis, leves e divertidos cafés da tarde na cantina do Onofre.

Não poderia deixar de agradecer também a todos os meus amigos de fora da universidade. Meu agradecimento, em especial, a Ana Carolina A. C. Queiroz, Camila Matias de Souza, Laiane Lopes Cruz, Lídia Romana Teles da Silva, Ludmilla Alice Barcelos e Lucas Gomes Trarbach, pelos momentos de descontração.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo, por colaborarem com a ampliação do meu conhecimento dos estudos linguísticos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela assistência financeira, que permitiu que eu me dedicasse de forma plena ao curso de mestrado.

A todos aqueles que cruzaram meu caminho e que se dispuseram a me ouvir.

Cidade ilha

“Por algum tempo deixaste escondido
no alto de teu Penedo imponente
teu destino de grandeza.

Mas o tempo, em suas andanças,
traria consigo grandes mudanças
e isso já não fazia sentido.
Então, raiou no horizonte
um sol diferente
e veio chegando, sem muito alarido.

Hoje, amplias teus horizontes
e, para além de tuas pontes,
a ilha se faz Continente”.

Maria Esther Tourinho

RESUMO

Este estudo analisa a variação da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal na fala de Vitória, capital do Espírito Santo. Os dados dessa pesquisa foram extraídos da amostra Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix), composta por 46 entrevistas estratificadas por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes (YACOVENCO, 2002; YACOVENCO et. al., 2012). Seguindo a perspectiva teórica-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), buscamos evidenciar o sistema fortemente ordenado que condiciona a concordância nominal. Para a análise quantitativa, usamos o programa computacional *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH 2005), que selecionou como estatisticamente significativas todas as variáveis linguísticas e sociais controladas, incluindo a estilística. Nossos resultados revelam uma taxa de marcação de plural na fala capixaba da ordem de 88,6%, visto que, do total de 10.923 dados, 9.683 são casos de concordância. As variáveis linguísticas evidenciam que os nomes localizados mais à esquerda no sintagma nominal, os mais salientes e os precedidos de marcas são os que possuem mais chances de retenção do morfema de plural. As variáveis sociais apontam que pessoas do sexo masculino, das faixas etárias mais jovens e com maior escolaridade são as que mais marcam o plural em Vitória. A variável estilística, investigada em função da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a) e, posteriormente, de sua remodelação, indica, de forma geral, mais concordância no ramo monitorado e menos no ramo não monitorado. Além disso, sugere que os falantes mais escolarizados realizam alternâncias estilísticas mais nítidas em função da atenção à fala do que os menos escolarizados. Desse modo, além de colaborar com os estudos linguísticos do Espírito Santo apresentando como a variedade capixaba se alinha ou distancia de outras variedades brasileiras, nosso trabalho contribui para a compreensão do papel do estilo na variação linguística em geral.

Palavras-chave: Concordância nominal variável. Árvore da Decisão laboviana. Fala capixaba.

ABSTRACT

This study analyzes the variation of the number agreement among the elements of the noun phrase in the speech of Vitória, capital of Espírito Santo. The data of this research were taken from the “Projeto Português Falado na Cidade de Vitória” (PortVix), comprising 46 interviews stratified by sex/gender, age group and schooling of speakers (YACOVENCO, 2002; YACOVENCO et al., 2012). Based on the theory and methods of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), we aim to highlight the strongly well-ordered system that governs noun phrase agreement. For the quantitative analysis, we used the *Goldvarb X* program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH 2005), which selected as statistically significant all the controlled linguistic and social variables, including the stylistics one. Our results reveal a plural marking rate in capixaba speech in the order of 88.6%, since from the total of 10.923 data, 9.683 are agreement cases. The linguistic variables show that the leftmost nominal elements in the noun phrase, the most prominent ones and those preceded by more marks are the ones that have the greatest chance of retaining the plural morpheme. The social variables indicate that males, younger age groups and speakers with higher level of education are the ones that mark more the plural in Vitória. The stylistic variable, investigated using of the Decision Tree method (LABOV, 2001a) and after being remodeled, indicates usually more agreement in the careful speech and less in casual speech. Furthermore, it suggests that the more educated speakers make sharper stylistic changes due to attention to speech than the less educated ones. Therefore, in addition to collaborating with the linguistic studies of Espírito Santo demonstrating how the capixaba variety aligns or distances itself from other Brazilian varieties, our work contributes to the understanding of the role of style in linguistic variation in general.

Keywords: Variable noun phrase agreement. Labov’s Decision Tree. Capixaba speech.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTILOS CONTEXTUAIS SEGUNDO O EIXO DE ATENÇÃO À FALA (PROPOSTA LABOVIANA)	52
FIGURA 2 – ÁRVORE DA DECISÃO.....	53
FIGURA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE AUDIÊNCIA CONFORME SEU NÍVEL DE INFLUÊNCIA SOBRE O FALANTE.....	56
FIGURA 4 – IMAGEM AÉREA DA CIDADE DE VITÓRIA	60
FIGURA 5 – MAPA DO ESPÍRITO SANTO, COM DESTAQUE PARA VITÓRIA	61
FIGURA 6 – REAPRESENTAÇÃO DA ÁRVORE DA DECISÃO	86

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – SÍNTESE DAS CARACTERÍSTICAS DAS GRAMÁTICAS CONSULTADAS NA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL.....	27
QUADRO 2 – SÍNTESE DAS AMOSTRAS UTILIZADAS NOS TRABALHOS CONSULTADOS NA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL.....	30
QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS DO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	64
QUADRO 4 – LISTA INICIAL DOS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS	66
QUADRO 5 – DISTINÇÃO ENTRE GÊNERO TEXTUAL E TIPO TEXTUAL/SEQUÊNCIA TEXTUAL	101
QUADRO 6 – LISTA FINAL DOS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS.....	112
QUADRO 7 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO LINGUÍSTICO E DO SOCIAL (TODOS OS INFORMANTES DA AMOSTRA PORTVIX).....	116
QUADRO 8 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO ESTILO (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIOS DA AMOSTRA PORTVIX)	159
QUADRO 9 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO ESTILO (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX).....	160
QUADRO 10 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO ESTILO (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)	160

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – EFEITO DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	141
GRÁFICO 2 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX.....	151
GRÁFICO 3 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX.....	154
GRÁFICO 4 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX)	189
GRÁFICO 5 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX).....	190
GRÁFICO 6 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)	191
GRÁFICO 7 – VARIAÇÃO ESTILÍSTICA SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA POR SUBAGRUPAMENTOS DE FALANTES DA AMOSTRA PORTVIX.....	193

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX.....	118
TABELA 2 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA: AMOSTRAS COM DIFERENTES NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO	118
TABELA 3 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS: AMOSTRAS COM DIFERENTES NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO.....	119
TABELA 4 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL POR ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA	120
TABELA 5 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL POR ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	120
TABELA 6 – EFEITO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	125
TABELA 7 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA.....	126
TABELA 8 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	127
TABELA 9 – EFEITO DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	131
TABELA 10 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA	133

TABELA 11 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS	134
TABELA 12 – EFEITO DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	136
TABELA 13 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E OUTRAS CIDADES BRASILEIRAS	138
TABELA 14 – EFEITO DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	140
TABELA 15 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA	142
TABELA 16 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	142
TABELA 17 – EFEITO DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	144
TABELA 18 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS ESCOLARIDADE E FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX.....	145
TABELA 19 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA	147
TABELA 20 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	147
TABELA 21 – EFEITO DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX	149

TABELA 22 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA	149
TABELA 23 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS.....	150
TABELA 24 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX.....	150
TABELA 25 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX.....	153
TABELA 26 – EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX).....	162
TABELA 27 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS	164
TABELA 28 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS.....	166
TABELA 29 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX) – SEM ELEMENTOS NÃO NUCLEARES ANTEPOSTOS AO NÚCLEO.....	168
TABELA 30 – EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX)	170

TABELA 31 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS.....	171
TABELA 32 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS.....	172
TABELA 33 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX) – SEM ELEMENTOS NÃO NUCLEARES ANTEPOSTOS AO NÚCLEO E NUCLEARES NA 1ª POSIÇÃO.....	175
TABELA 34 – EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX).....	176
TABELA 35 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)	177
TABELA 36 – TABULAÇÃO CRUZADA PERCENTUAL DE CONCORDÂNCIA DAS VARIÁVEIS ESTILO E FAIXA ETÁRIA PARA A CATEGORIA RESPOSTA DA ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX).....	178
TABELA 37 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS.....	181
TABELA 38 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX) – SEM ELEMENTOS NÃO NUCLEARES ANTEPOSTOS AO NÚCLEO E NUCLEARES NA 1ª POSIÇÃO	183

TABELA 39 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA SEM FALANTES DE 7-14 ANOS (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS	185
TABELA 40 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DOS CONTEXTOS ESTILÍSTICOS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL SUPERIOR, MÉDIO E FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)	187
TABELA 41 - COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL SUPERIOR, MÉDIO E FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)	196

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

E1	Entrevistador 1
E2	Entrevistador 2
FEM	Feminino
FUND	Ensino Fundamental
Inf	Informante
MASC	Masculino
MED	Ensino Médio
UNIV	Ensino Universitário
PortVix	Projeto Português Falado na Cidade de Vitória
PR	Peso relativo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	26
2.1	COMPÊNDIOS GRAMATICAIS	26
2.2	PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS	29
2.2.1	Scherre (1988)	31
2.2.2	Fernandes (1996)	35
2.2.3	Lopes, N. da S. (2001)	37
2.2.4	Martins (2013)	39
2.2.5	Lopes, L. de O. J. (2014)	40
2.3	CONCLUSÃO	42
3	REFERENCIAL TEÓRICO	43
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA	43
3.2	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	46
3.2.1	Variação estilística	50
3.2.1.1	Atenção à fala: a perspectiva laboviana	51
3.2.1.2	Audiência design: o modelo de Alan Bell	55
3.2.1.3	Personae: a proposta de Eckert	57
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
4.1	A COMUNIDADE PESQUISADA	60
4.2	O BANCO DE DADOS	63
4.3	DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS ANALISADAS	65
4.3.1	Variável dependente	68
4.3.2	Variáveis independentes	71
4.3.2.1	Variáveis linguísticas	71
4.3.2.2	Variáveis sociais	80
4.3.2.3	Variável estilística	85
4.4	TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS	113

5 ANÁLISE DA FALA CAPIXABA: O LINGUÍSTICO E O SOCIAL.....	116
5.1 RESULTADOS GERAIS.....	117
5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	123
5.2.1 Posição relativa e linear.....	123
5.2.2 Marcas precedentes.....	128
5.2.3 Saliência fônica.....	135
5.3 VARIÁVEIS SOCIAIS.....	139
5.3.1 Faixa etária.....	139
5.3.2 Escolaridade.....	143
5.3.3 Sexo/gênero.....	148
5.4 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	157
6 ANÁLISE DA FALA CAPIXABA: O ESTILÍSTICO.....	159
6.1 ENTREVISTAS DO ENSINO UNIVERSITÁRIO.....	161
6.2 ENTREVISTAS DO ENSINO MÉDIO.....	169
6.3 ENTREVISTAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	176
6.4 CONCLUSÕES PARCIAIS.....	186
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS.....	200
APÊNDICES.....	209
APÊNDICE A – CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES DA AMOSTRA PORTVIX.....	209
APÊNDICE B – NÍVEIS DE SIGNIFICÂNCIA NA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS.....	211
APÊNDICE C – NÍVEIS DE SIGNIFICÂNCIA NA ANÁLISE DA VARIÁVEL ESTILÍSTICA.....	213
APÊNDICE D – TESTES DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA ENTRE FATORES DE UMA MESMA VARIÁVEL INDEPENDENTE.....	218

1 INTRODUÇÃO

As línguas naturais apresentam um dinamismo inerente em seu sistema, o que as torna heterogêneas e diversificadas. Em decorrência disso, encontramos no sistema linguístico mais de uma maneira de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Em um primeiro momento, poderíamos pensar que essa heterogeneidade ocasionaria, nos termos de Tarallo (2007), um caos linguístico. No entanto, as pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado, a partir da observação de restrições internas e externas à língua, que a variação e a mudança são passíveis de sistematização.

Neste trabalho, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, difundida por William Labov (2008 [1972]), analisamos o uso variável da concordância nominal de número. No excerto (1), os sintagmas nominais, ora com a presença ora com a ausência do morfema plural, exemplificam a variação estudada:

(1) Inf – [...] além deles pegar o camarão eles pegam peixe pequeno... **aqueles peixinho pequenininho**... eles pega tainha eles não soltam... pega também tudo quanto é tipo de bicho de filhote que tem em maré... siri caranguejo **um monte de coisa**... que na maré lá eles catam tudo porque aí eles pega o camarão e aliás quando você pega aquele camarão do balão vem **um monte de coisa**... vem madeira vem pedra vem tudo porque ele carrega **vários pesos**... sai arrastando a maré ele carrega tudo que vem na maré aí vem **os peixinho**... eles não soltam... mata acaba matando **os peixinho**... aí aí em vez disso eles poderia soltar **os peixe** e eles não soltam... aí acaba matando... aí em vez de soltar **os peixes** pra crescer e poder reproduzir mais sendo que **aqueles bichinhos** vão vão crescer vão reproduzir e vai ajudar a gente mais ainda [...] você pode pegar um camarão de de balão não é o mesmo que da rede [...] vem mais é lama folha **essas coisas** assim e de balão vem pedra vem pau vem tudo... e o camarão fica por baixo daqueles/ **dos objetos**... aí o camarão fica muito machucado [...] (FEM/15-25/FUND).

O emprego da marca explícita ou zero de plural, por estar acima do nível da consciência, costuma ser objeto de avaliações por parte dos membros da comunidade de fala. Com base nos *continua* rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística, propostos por Bortoni-Ricardo (1998, 2005), podemos dizer que, nas situações que cruzam os pólos [+urbano], [+letrado] e [+monitorado], a presença de marcas explícitas é uma variante de prestígio social, ao passo que a ausência é estigmatizada. Desse modo, como esse fenômeno linguístico distingue grupos sociais, nessas situações, é possível que falantes que usem a forma não padrão recebam comentários negativos/ofensivos e até mesmo o rótulo de “não saber falar português” (SCHERRE, 2005, p. 123).

É importante salientar que nem todas as ocorrências de zero plural são igualmente estigmatizadas. Em verdade, parece haver um *continuum* que vai da extremidade mais estereotipada, onde se localizam estruturas do tipo *os hospital*, à extremidade menos estereotipada, onde se situam estruturas como *um monte de coisa*. Algumas vezes, contudo, há fortíssima e evidente atribuição de valor negativo a toda e qualquer não marcação de concordância. É o caso da polêmica envolvendo o livro didático *Por uma vida melhor*, de Heloísa Ramos, amplamente criticado por colunistas midiáticos pelo fato de, segundo eles, ensinar a falar e a escrever errado (cf. BENFICA, 2016; SCHERRE, 2013; SILVA, 2011).

Os diversos estudos sobre o tema em tela têm evidenciado que há um sistema altamente estruturado governando a presença ou ausência de marcas plurais no interior do sintagma nominal e que, linguisticamente, a variante padrão não é “mais correta” do que a não padrão. Entre os inúmeros trabalhos, podemos citar Scherre (1988), sobre o português falado no Rio de Janeiro/RJ; Fernandes (1996), sobre o português falado na Região Sul; Lopes, N. da S. (2001), sobre o português falado em Salvador/BA; Martins (2013), sobre o português falado na microrregião do Alto Solimões/AM; e Lopes, L. de O. J. (2014), sobre o português falado na área rural de Santa Leopoldina/ES.

Em Vitória, capital do Espírito Santo, a análise da variação da concordância nominal foi iniciada em pesquisas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação da professora Marta Scherre. Utilizando a amostra Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix), Silva (2011) analisou cinco variáveis

em 43 das 46 entrevistas do PortVix, sendo duas linguísticas – posição relativa e linear e saliência fônica – e três sociais – sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Posteriormente, Scardua (2014) deu continuidade a esse estudo, concluindo o levantamento dos dados e a análise dessas mesmas variáveis nas entrevistas que restavam.

Considerando que ainda há muito por se investigar para compreender a dinâmica e a sistematicidade desse fenômeno linguístico, neste trabalho, de base teórica variacionista, propomos expandir a análise sobre a marcação de plural nos elementos do sintagma nominal no português falado nessa cidade, avaliando as dimensões linguística, social e estilística da variação.

Nos planos linguístico e social, efetuamos a análise de seis variáveis que atuam sobre a concordância nominal¹: (1) três internas à língua – posição relativa e linear, saliência fônica e marcas precedentes; (2) e três externas à língua – faixa etária, sexo/gênero e escolaridade. Além disso, comparamos nossos resultados com os de outras pesquisas brasileiras sobre a mesma temática de modo a ir mapeando esse fenômeno variável no Brasil. Vale mencionar aqui que as cinco variáveis já examinadas por Silva (2011) e Scardua (2014) que compõem nosso estudo ainda não tinham sido observadas, simultaneamente, em todas as entrevistas do *corpus*.

No plano estilístico, investigamos a relação entre variação e estilo, buscando verificar se é possível identificar efeitos estilísticos sobre o comportamento linguístico dos falantes através da proposta da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a), que é uma metodologia elaborada para verificar os diferentes graus de monitoramento da fala em entrevistas sociolinguísticas². Além da análise pioneira baseada na Árvore da Decisão, propomos, ainda, uma remodelação à proposta metodológica laboviana, com o objetivo de traçar encaminhamentos para a resolução de uma das questões mais contestadas do modelo: o nó denominado resíduo.

¹ Em função do tempo que demandou a análise estilística, não foi possível analisar, neste momento, as variáveis linguísticas contexto fonético-fonológico seguinte, animacidade e grau e formalidade léxica. Essas outras variáveis que regem o fenômeno da concordância nominal, portanto, serão analisadas em estudos futuros.

² Labov (1966, p. 87-95), em seu livro *The Social Stratification of English in New York City*, usa o termo entrevistas linguísticas para se referir a seu banco de dados de fala. Neste trabalho, contudo, usamos entrevistas sociolinguísticas porque essa terminologia é mais comum no Brasil.

Nosso objetivo central, neste trabalho, é descrever e analisar a concordância nominal variável na comunidade de Vitória com base no banco de dados do PortVix, bem como compreender o papel do estilo na variação linguística. Esperamos, assim, contribuir para o conhecimento linguístico do português brasileiro e situar a variedade capixaba no cenário nacional.

Nesse sentido, a presente pesquisa se justifica por aprofundar o estudo da concordância nominal em um local que ainda não possui pesquisa consolidada sobre essa temática e por contemplar a análise da variação estilística, que é um estudo pouco abordado no Espírito Santo e no campo nacional.

Estruturalmente, este trabalho está organizado em sete capítulos, sendo o primeiro destinado a essa introdução. No segundo capítulo, realizamos uma revisão da literatura sobre o tema em questão em gramáticas e em estudos sociolinguísticos específicos.

No terceiro capítulo, apresentamos nosso referencial teórico. Discorremos sobre o contexto histórico do surgimento da Sociolinguística e sobre os princípios fundamentais dessa teoria, bem como explanamos as três principais abordagens do estilo.

No quarto capítulo, expomos informações sobre a comunidade de Vitória e descrevemos a amostra utilizada na investigação da concordância nominal. Nesta seção, comentamos e exemplificamos também o nosso fenômeno variável, assim como os fatores linguísticos e extralinguísticos atuantes sobre ele por nós controlados. Focalizamos, ainda, algumas questões relativas ao programa computacional usado para a análise dos dados.

No quinto e no sexto capítulo, analisamos e discutimos os resultados de nossa pesquisa. Além disso, relacionamos o comportamento de nossas variáveis linguísticas e sociais ao encontrado em outras pesquisas realizadas no Brasil através de uma análise comparativa.

No sétimo capítulo, trazemos as considerações finais e, por fim, listamos as referências bibliográficas.

2 A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentaremos uma revisão bibliográfica da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal em gramáticas e em pesquisas sociolinguísticas do português brasileiro.

2.1 COMPÊNDIOS GRAMATICAIS

Realizamos aqui uma revisão das colocações encontradas sobre a concordância nominal nas obras *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, e *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima, que adotam uma orientação normativista. Também revisitamos as obras *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba de Castilho, *Gramática do português brasileiro*, de Mário Perini, e *Gramática pedagógica do português brasileiro*, de Marcos Bagno, que seguem uma perspectiva analítico-descritiva.

Gostaríamos de observar que essas gramáticas se ocupam de diferentes tipos de norma, registro e modalidade. Conforme Faraco e Zilles (2017), de um modo geral, há dois tipos de normas nos estudos linguísticos: a norma normativa e a norma normal. A primeira diz respeito “ao modo como se deve dizer em determinados contextos”, ao passo que a segunda se refere “ao modo como se diz habitualmente numa comunidade de fala” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12). Com base nisso, podemos considerar que os compêndios gramaticais de orientação normativista adotam a norma normativa ao registrarem os usos ideais da língua portuguesa, enquanto os de perspectiva analítico-descritiva optam pela norma normal ao discutirem o funcionamento real do português brasileiro falado e/ou escrito.

No que concerne ao registro e à modalidade, verificamos que Cunha e Cintra (2007), Bechara (2009), e Rocha Lima (2011), voltados para a linguagem literária clássica, ocupam-se de um registro mais formal e da modalidade escrita. Já Castilho (2010) e Perini (2010), guiados pelo português falado no Brasil, dedicam-se, principalmente,

ao registro mais informal e à modalidade falada. Por fim, Bagno (2011), com foco na linguagem jornalística, encarrega-se, em especial, de um registro mais formal e da modalidade escrita. É importante esclarecer, todavia, que Castilho (2010), Perini (2010) e Bagno (2011) não se restringem à análise de um único tipo de registro ou de uma única modalidade da língua, contemplando em suas gramáticas, em maior ou menor grau, tanto usos escritos quanto usos falados em registros mistos.

No quadro 1, a seguir, encontra-se a síntese das características das gramáticas examinadas sobre a concordância nominal:

QUADRO 1 – SÍNTESE DAS CARACTERÍSTICAS DAS GRAMÁTICAS CONSULTADAS NA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL

Obras consultadas	Tipo de norma	Tipo de registro	Tipo de modalidade
Cunha e Cintra (2007)	Normativa	Formal	Escrita literária
Bechara (2009)	Normativa	Formal	Escrita literária
Rocha Lima (2011)	Normativa	Formal	Escrita literária
Castilho (2010)	Normal	Informal e formal	Fala e escrita contemporânea
Perini (2010)	Normal	Informal e formal	Fala e escrita contemporânea
Bagno (2011)	Normal	Formal e informal	Escrita contemporânea e fala

É importante pontuar que não há necessariamente uma correlação entre registro formal/modalidade escrita e registro informal/modalidade falada. A título de ilustração, podemos citar as apresentações de trabalhos científicos em congressos e as mensagens de *whatsapp* enviadas a amigos e familiares, ocasiões em que, comumente, a língua falada é manifestada em registro formal e a escrita em registro informal, respectivamente. Ressaltamos, assim, que tanto a fala quanto a escrita contemplam gêneros textuais de diferentes graus de formalidade, que se localizam ao

longo de um *continuum* tipológico que segue da fala informal à escrita formal (cf. KOCH; ELIAS, 2014, p. 13-30; MARCUSCHI, 2008, p. 196-197).

Feitas essas observações, passemos agora à apresentação das questões relacionadas à concordância nominal propriamente dita. No grupo dos normativistas, Bechara (2009, p. 543) afirma, em capítulo específico para a concordância, que a concordância nominal é “a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou o pronome (palavras determinadas) a que se referem”.

Cunha e Cintra (2007) e Rocha Lima (2011) declaram, no capítulo relacionado aos adjetivos de seus respectivos compêndios gramaticais, que o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo. Na seção destinada aos pronomes possessivos, Cunha e Cintra (2007, p. 319) estabelecem, ainda, que “o pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e em pessoa com o possuidor do objeto em causa”.

Os gramáticos citados listam uma série de regras de concordância, desconsiderando a possibilidade de outras formas de marcação de plural que não as registradas por eles. De um modo geral, expõem uma regra quase categórica de que o plural deve ser inserido em todos os constituintes flexionáveis do sintagma nominal. Como exemplo de caso que a regra é facultativa, citam o de adjetivo posposto a mais de um substantivo (a língua e a literatura **portuguesas** ou a língua e a literatura **portuguesa**), estrutura em que admitem a possibilidade de o adjetivo se flexionar para o plural ou permanecer no singular (BECHARA, 2009, p. 545; CUNHA; CINTRA, 2007, p. 271).

Em contrapartida, no grupo dos analítico-descritivos, Perini (2010) admite que a regra do português falado opera de maneira diferente da língua escrita. Segundo o autor, na maioria das vezes, falantes de qualquer classe social ou região inserem marcas explícitas apenas nos elementos que se localizam na primeira posição.

Consoante a isso, Bagno (2011) relata que, como a concordância nominal é um fenômeno redundante, os falantes tendem a empregar, pelo Princípio da Economia, o –S plural com mais frequência no primeiro item a fim de manter a noção de plural, abandonando as demais regras postuladas pelas gramáticas normativas. O linguista

defende, ainda, que a concordância gramatical de número plural no interior do sintagma nominal não é indispensável para que uma comunicação verbal ocorra com sucesso, visto que “nem todas as línguas a apresentam e, além disso, as que apresentam exibem graus muito variados de incidência da concordância” (p. 702).

Castilho (2010), por sua vez, também reconhece que há regras alternativas para a concordância nominal, além das registradas pelas gramáticas normativas. Com base no comportamento das variáveis classe gramatical, posição e marcas precedentes observadas por Scherre (1988), o autor demonstra que as regras variáveis que determinam a presença da marca ou do zero plural na modalidade falada são “altamente sofisticadas” (CASTILHO, 2010, p. 461), diferentemente da concepção recorrente de que a concordância tende a uma simplificação no português do Brasil.

Assim, uma das constatações a que se chega a partir dessas pontuações é que as gramáticas normativas, considerando, principalmente, a escrita literária clássica, fazem a prescrição do processo de concordância nominal exibindo uma lista com um conjunto de regras canônicas que não refletem o que ocorre no uso real da língua. Ademais, é possível perceber que as gramáticas analítico-descritivas, por outro lado, têm procurado mostrar a existência das diversas formas de marcação de plural e, por conseguinte, de um distanciamento entre as normas normais³ das diversas comunidades de fala brasileiras e norma normativa registrada pela tradição gramatical.

2.2 PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS

O estudo sistemático da variação nos elementos flexionáveis do sintagma nominal no português brasileiro foi iniciado por Braga e Scherre (1976) e amplamente desenvolvido, ao longo dos anos, por diversos pesquisadores. A fim de delinear um breve panorama da concordância nominal no português falado no Brasil, revisitamos aqui alguns dos inúmeros trabalhos sociolinguísticos já realizados a respeito desse

³ Empregamos aqui o plural do termo norma normal pelo fato de haver diversas normas dessa natureza português brasileiro, fruto das diferentes variedades linguísticas que o constituem (cf. FARACO; ZILLES, 2017).

tema, a saber: Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013) e Lopes, L. de O. J. (2014).

A escolha desses trabalhos foi feita com fins comparativos, ou seja, selecionamos algumas pesquisas de língua falada que foram realizadas com base em amostras com as quais o PortVix apresenta similaridade. Além disso, vale ressaltar que, apesar de haver pesquisas anteriores sobre a concordância nominal, decidimos iniciar por Scherre (1988) pelo fato de a linguista ter dado um tratamento mais minucioso aos dados tanto do ponto de vista linguístico quanto do estatístico, servindo de base teórico-metodológica para inúmeros estudos posteriores, incluindo este em tela.

Antes de passarmos ao resumo dos principais resultados das pesquisas de Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013) e Lopes, L. de O. J. (2014), apresentamos, no Quadro 2, a síntese das amostras nelas utilizadas para facilitar a visualização dos dados sociais relativos a cada uma delas ao nosso leitor.

QUADRO 2 – SÍNTESE DAS AMOSTRAS UTILIZADAS NOS TRABALHOS CONSULTADOS NA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL

Trabalhos	Amostra/período de organização	Características sociais da amostra
Scherre (1988, p. 20-28)	Amostra Censo 1980	Amostra aleatória estratificada de 64 falantes do Rio de Janeiro distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e anos de escolarização (1-4 anos, 5-8 anos e 9-11 anos).
Fernandes (1996, p. 15-21)	Amostra VARSUL 1990	Amostra aleatória estratificada de 47 falantes da Região Sul distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (25-49 anos e >49 anos), anos de escolarização (1-4 anos, 5-8 anos e 9-11 anos) e etnia (açoriana, italiana, alemã e eslava).
	Amostra Formal	Amostra constituída por gravações de fala de 5 comentaristas esportivos de programas televisivos, de 4 entrevistadores de diferentes canais de televisão e de 21 mestrandos apresentando a dissertação.

Trabalhos	Amostra/período de organização	Características sociais da amostra
Lopes, N. da S. (2001, p. 114-128)	Amostra NURC 1970	Amostra aleatória estratificada de 12 falantes de Salvador distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (25-35 anos, 45-55 anos, >55 anos) e anos de escolarização (>11 anos).
	Amostra NURC 1990	Amostra não aleatória estratificada de 18 falantes de Salvador, recontactados da amostra de 1970, distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (25-35 ⁴ anos, 45-55 anos e >55 anos) e anos de escolarização (>11 anos).
	Amostra PEPP 1990	Amostra aleatória estratificada de 48 falantes de Salvador distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (15-24 anos, 25-35 anos, 45-55 anos e >65 anos) e anos de escolarização (1-5 anos e 9-11 anos).
Martins (2013, p. 80-83)	Amostra da fala da microrregião Alto Solimões 2010	Amostra aleatória estratificada de 57 falantes da microrregião do Alto Solimões distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (18-35 anos, 36-55 anos e >56 anos) e anos de escolarização (4-8 anos e 9-11 anos).
Lopes, L. de O. J. (2014, p. 62-72)	Amostra da fala rural de Santa Leopoldina 2010	Amostra aleatória estratificada de 32 falantes da zona rural de Santa Leopoldina distribuídos em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e anos de escolarização (1-4 anos e 5-8 anos).

2.2.1 Scherre (1988)

Em sua tese de doutorado, Scherre (1988) reanalisa o processo de concordância nominal na fala carioca sob duas perspectivas: atomística e não atomística. Na primeira, cada elemento do sintagma nominal é um dado de investigação. Já na segunda, o objeto de estudo é o sintagma inteiro. Como tratamos a variação nos

⁴ Para essa faixa etária foram gravados novos informantes.

elementos do sintagma nominal sob o ponto de vista atomístico em nossa pesquisa, discorreremos apenas sobre esta abordagem.

O *corpus* utilizado na pesquisa é a amostra Censo, do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Essa amostra é formada por 64 entrevistas divididas em dois sexos/gêneros (masculino e feminino), quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais) e três anos de escolarização (primário ou 1-4 anos, ginásial ou 5-8 anos e colegial ou 9-11 anos, o que corresponde hoje ao fundamental I, fundamental II e ensino médio). Com a análise desse material gravado no início da década de 1980, a linguista obtém um total de 13.229 ocorrências, das quais 9.385 apresentam marca formal, correspondendo a uma taxa de 70,9% de marcação de plural.

A fim de discutir a sistematicidade da variação, a relação entre variação e mudança e a existência da variação inerente, a autora investiga detalhadamente variáveis linguísticas e sociais. Como variáveis linguísticas, são controladas saliência fônica, posição linear, classe gramatical, marcas precedentes, contexto fonético/fonológico seguinte, função sintática do sintagma nominal, animacidade dos substantivos e grau e formalidade dos substantivos e adjetivos.

A saliência fônica é analisada, num primeiro momento, como três variáveis distintas: processos morfofonológicos de formação de plural, tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares e número de sílabas dos itens lexicais singulares. Todavia, segundo a pesquisadora, como o número de sílabas não foi considerado como estatisticamente significativo, a abordagem mais adequada é a que une processos e tonicidade, as duas dimensões que exercem influência sobre a concordância nominal. Os resultados advindos dessa amalgamação mostram que os itens duplos (**novos papeizinhos**) e os terminados em -I (**os casais**), -R (**os professores**), -ão (**as próprias contradições**) e -S (**os freqüeses**) favorecem marcas explícitas de plural, ao passo que os itens regulares paroxítonos (**as coisa toda**), proparoxítonos (**essas grande fábrica**) e oxítonos (**as lei trabalhista**) desfavorecem. Vale mencionar, porém, que os regulares oxítonos têm peso maior do que os regulares paroxítonos e proparoxítonos para os falantes dos três níveis de escolaridade (cf. SCHERRE, 1988, p. 74-141).

Em relação à posição, classe gramatical e marcas precedentes, Scherre afirma que essas variáveis isoladamente não conseguem explicar o fenômeno em discussão, sendo necessário, portanto, transformá-las em duas: (1) relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do sintagma nominal; (2) marcas precedentes em função da posição. Na variável relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do sintagma nominal, a análise revela que a presença de concordância ocorre mais nos constituintes não nucleares antepostos ao núcleo (**todas as casas**) e nos nucleares localizados na primeira posição (**coisas lindas**), enquanto a ausência de concordância é maior nos constituintes não nucleares pospostos ao núcleo (**três colega meu**) e nos nucleares a partir da primeira posição (**essas besteira toda/os próprios vagabundo**) (cf. SCHERRE, 1988, p. 142-167).

Quanto ao grupo de fatores marcas precedentes em função da posição, os resultados encontrados pela linguista evidenciam que o plural é mais marcado nos elementos situados na segunda posição antecidos de zero (**DO meus pais**) ou nos localizados a partir da primeira posição precedidos de marcas (**TRÊS capítulos/OS freqüeses/AS MAIORES privações**). Em contrapartida, ele é menos marcado quando há zeros imediatamente precedentes a partir da primeira posição (**UMAS BORRACHA grande/AS PERNA TODA marcada**) (cf. SCHERRE, 1988, p. 168-193, 240-241).

No contexto fonético/fonológico seguinte, a análise estatística aponta que, quando o contexto seguinte é formado por uma pausa, há favorecimento da concordância. Por outro lado, quando o contexto seguinte é constituído por uma vogal ou uma consoante ocorre o desfavorecimento⁵ (**pocos mês Al/as casa MAIS antiga**) (cf. SCHERRE, 1988, p. 247-253).

Para a variável função sintática do sintagma nominal não são encontradas diferenças nas funções sintáticas tradicionais investigadas entre si, mas entre a função resumitiva⁶ e as demais. Os dados assinalam, dessa forma, que as marcas de plural

⁵ Os itens regulares também foram analisados em termos de traços dos segmentos (cf. SCHERRE, 1988, p. 253-255).

⁶ Função resumitiva é aquela que “funciona como resumo de ideias anteriores, mas pode também se apresentar como uma unidade parentética [...] este tipo de SN não faz parte de uma estrutura sintática na qual se possa identificar a sua função em termos tradicionais” (SCHERRE, 1988, p. 257).

são desfavorecidas quando o sintagma é de função resumitiva (já saímos de melindrosa De Pedrita, de... que mais? **Essas besteira toda**) em oposição à quando ele não é de função resumitiva (**as garotas** brincam/participar **das reuniões**/quarto **dos fundos**) (cf. SCHERRE, 1988, p. 257-265).

Por fim, nas variáveis animacidade e grau e formalidade léxica, Scherre declara que o fenômeno variável da concordância nominal de número é condicionado por traços mórficos, semânticos e estilísticos. Seus resultados demonstram que os elementos de grau normal não informal e com traço semântico [+humano] favorecem a marcação de plural (**as pessoas**). Já os elementos de grau aumentativo/diminutivo, de grau normal informal e com traço [-humano] desfavorecem-na (**as barraquinha/dois dentão enorme/essas coisa**) (cf. SCHERRE, 1988, p. 266-277).

Como fatores sociais, são controladas variáveis convencionais – escolaridade, sexo/gênero e faixa etária – e não convencionais – mercado ocupacional, mídia e sensibilidade linguística. No que tange à escolaridade, os dados indicam um processo aquisitivo de concordância à medida que o nível de escolarização aumenta (cf. SCHERRE, 1988, p. 444-447).

No que se refere ao sexo/gênero, os resultados mostram que as mulheres marcam mais o plural do que os homens, o que corrobora a afirmação da literatura de que as mulheres são mais sensíveis às normas de prestígio em comunidades ocidentais (cf. SCHERRE, 1988, p. 444-447).

Em termos de faixa etária, os dados de Scherre exibem um padrão curvilíneo, com os falantes mais jovens e os mais velhos desfavorecendo a marcação de plural, enquanto os de idades intermediárias a favorecem levemente. Essa configuração social sugere que a concordância nominal é um fenômeno de variação estável na fala carioca (cf. SCHERRE, 1988, p. 444-447).

Visando confirmar ou refutar essa possível estabilidade, Scherre divide os informantes em quatro agrupamentos segundo o ambiente de origem (humilde ou não humilde) e o grau de concordância (concordância baixa ou concordância alta), a saber: falantes de ambiente humilde e concordância baixa; falantes de ambiente humilde e concordância alta; falantes de ambiente não humilde e concordância baixa; e falantes de ambiente não humilde e concordância alta. Com esse novo agrupamento, a autora

observa que há, na verdade, três movimentos distintos dentro da comunidade: (1) variação estável para os falantes não humildes de alta concordância; (2) mudança em direção à perda de marcas para os falantes de baixa concordância, independentemente de sua origem; (3) mudança em direção à aquisição de marcas de plural para os falantes humildes de alta concordância, correlacionada à escolaridade e não à faixa etária (cf. SCHERRE, 1988, p. 447-460).

No que diz respeito às variáveis não convencionais, a análise estatística sinaliza que os falantes com cotação positiva em relação ao mercado ocupacional, à sensibilidade linguística e à mídia favorecem a concordância. Diferentemente disso, os falantes com cotação negativa no mercado de trabalho, à sensibilidade linguística e à mídia desfavorecem-na (cf. SCHERRE, 1988, p. 492-501).

Diante desse panorama, a pesquisadora conclui que seu estudo permite determinar com precisão os prováveis contextos que os falantes tendem a marcar ou não o plural em sintagmas nominais.

2.2.2 Fernandes (1996)

A dissertação de mestrado de Fernandes (1996) aborda a variação entre presença/ausência de marcação de plural nos sintagmas nominais na fala urbana da Região Sul por meio de uma amostra composta por dois *corpora* de fala: um em situação informal e outro em situações formais, nos termos da autora.

O primeiro, extraído do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul (VARSUL), constitui-se de 30 minutos da fala de 47 informantes estratificados por sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (25-49 anos e 50 anos ou mais), escolaridade (antigos primário, ginásial e colegial) e etnia (açoriana, alemã, italiana e eslava). Já o segundo compreende comentários esportivos de programas televisivos, entrevistas televisivas e defesas de dissertações de mestrado.

No *corpus* que simboliza o contexto informal, dos 5.375 casos analisados, 3.829 possuem concordância, correspondendo a uma frequência de 71%. Já no *corpus*

correspondente a situação formal, dos 1.521 dados analisados, 1.343 são de concordância, totalizando um índice de 88,3% (cf. FERNANDES, 1996, p. 112).

Seguindo a mesma linha de Scherre (1988), a pesquisadora investiga a influência de fatores internos e externos à língua sobre a retenção de marcas explícitas de plural nos elementos do sintagma nominal no VARSUL⁷. No que toca ao condicionamento linguístico, os dados estatísticos mostram que a variante padrão tende a ser mais empregada nos itens: a) não nucleares antepostos ao núcleo (**boas recordações**) e nucleares na primeira posição (**filmes instrutivos**); b) precedidos de zero ou de marcas quando localizados, respectivamente, na segunda posição e a partir desta (**NO lugares/OS GÊNEROS alimentícios**); c) de maior diferenciação fônica na oposição singular/plural (**todos aluguéis**); d) seguidos de pausa; e) de grau normal (**oito irmãos**). Inversamente, a variante não padrão tende a ser mais utilizada nos itens: a) não nucleares pospostos ao núcleo (**nas horas vaga**) e nucleares na segunda e na terceira posição (**alguns médico/todos os vizinho**); b) precedidos de marca e de ausência de marcas quando situados, respectivamente, na segunda posição e a partir desta (**OUTRAS coisa/OS PONTO fraco**); c) de menor diferenciação fônica na oposição singular/plural (**três hora**); d) seguidos de consoante ou vogal (**nas FÁBRICAS/pelos ALUNOS**); e) de grau aumentativo/diminutivo (**as casinha**). Nesse estudo não é considerada a formalidade léxica. Além disso, diferentemente da pesquisa de Scherre (1988), a variável animacidade não é selecionada como estatisticamente relevante (cf. FERNANDES, 1996, p. 45-49, 51-61, 77-80, 89-95).

Com relação ao condicionamento social, os resultados revelam que a marcação de plural é favorecida pelos informantes de maior nível de escolarização, de 50 anos ou mais, de etnias alemã e eslava e do sexo/gênero feminino (cf. FERNANDES, 1996, p. 95-102, 114-115). Além disso, a comparação entre a frequência e o peso relativo do *corpus* informal (71% e 0,43) com as frequências e os pesos relativos do formal (80% e 0,56 – comentários esportivos; 80% e 0,65 – entrevistas televisivas; 94% e 0,82 – defesas de dissertações de mestrado) confirma o crescimento de concordância conforme o aumento da formalidade do contexto, como sugerido pela autora (cf.

⁷ M. Fernandes usa o *corpus* formal apenas para observar a influência das situações comunicativas, não analisando variáveis linguísticas e sociais nesses dados.

FERNANDES, 1996, p. 111-115). Fernandes (1996) capta, portanto, efeitos estilísticos com relação ao contexto de situação de produção.

Ao finalizar seu trabalho, Fernandes conclui que o condicionamento da concordância nominal variável na Região Sul não se difere do Rio de Janeiro, visto que o fenômeno é governado pelos mesmos aspectos não estruturais e estruturais, que envolvem questões morfossintáticas, morfofonológicas e léxico-semânticas.

2.2.3 Lopes, N. da S. (2001)

Lopes, N. da S. (2001) descreve a variação da concordância nominal de número em Salvador. Seu estudo examina 78 inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) e do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador (PEPP), sendo 12 da década de 1970 e 66 da década de 1990. Esses inquéritos estão distribuídos em três grupos em função do sexo/gênero (masculino e feminino), da faixa etária (15-24 anos, 25-35 anos, 45-55 anos e acima de 65 anos) e da escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) dos informantes. É importante esclarecer aqui que Lopes, N. da S. (2001) analisa juntamente os dados de 1990 das amostras NURC/90 e PEPP. Os dados do NURC/70 são utilizados apenas na análise da variável tempo, momento em que a autora realiza um estudo em tempo real dos falantes universitários comparando a década de 1970 com a década de 1990.

Em seus resultados gerais, a linguista obtém uma taxa de 81% de concordância contra 19% de não concordância nas 13.905 ocorrências analisadas nos *corpora* NURC/90 e PEPP (cf. LOPES, N. da S., 2001, p.163). Sobre o encaixamento linguístico, a análise estatística aponta que a probabilidade de uso de marcas explícitas é maior nos elementos: a) de oposição singular/plural mais saliente (**os pares**); b) situados na segunda posição precedidos de ausência de marcas ou localizados na terceira, na quarta ou na quinta posição com marcas anteriores (**MEU filhos/OS PRIMEIROS dias**); c) não nucleares antepostos ao núcleo (**muitas dificuldades**) e nucleares na primeira posição (**roupas chiques**); d) que possuem uma pausa final no contexto subsequente. Em contrapartida, a probabilidade de escolha do zero plural é maior nos elementos: a) de oposição singular/plural menos saliente (**as amigas**); b) situados na

segunda posição precedidos de marca ou localizados na terceira, quarta ou quinta posição sem marcas anteriores (UNS rombo/OS OUTRO menor); c) não nucleares pospostos núcleo (passeios maravilhosos) e nucleares a partir da primeira posição (os primeiros dia); d) que possuem pausa interna, consoante ou vogal no contexto subsequente (nas IGREJAS/as BANDEIRANTES); e) de grau aumentativo/diminutivo (daqueles fardão assim/uns grupinhos); f) que se encontram em sintagmas que possuem o quantificador *tudo* (aqueles bicho lá tudo). Para as variáveis grau dos substantivos e adjetivos e coexistência com *tudo* não são encontrados contextos favorecedores de concordância, apenas desfavorecedores e neutros (cf. LOPES, N. da S., 2001, p. 212-215, 259-269, 285-288, 297-300, 312-315 e 335-337).

Quanto ao encaixamento social, os resultados de Lopes, N. da S. (2001) demonstram que é mais provável que a retenção de marcas de plural ocorra na fala de pessoas do nível universitário, do sexo/gênero feminino, de 65 anos ou mais e de sobrenome não religioso⁸ (cf. LOPES, N. da S., 2001, p. 162-165, 170-171, 183-185). A análise em tempo real, analisada nas amostras NURC/70 e NURC/90, indica, assim como a análise em tempo aparente, uma mudança em direção a perda de concordância na comunidade de Salvador (cf. LOPES, N., da S., 2001, p.179-182).

Diante desse cenário, Lopes, N. da S. (2001) conclui que a marcação de plural nos sintagmas nominais é altamente governada por aspectos internos à estrutura linguística e pelo aspecto externo nível de escolarização. Tratando, especificamente, da comunidade investigada, a autora ressalta que, embora Salvador tenha uma população formada por grupos étnicos distintos, não há indicativos de uso de gramáticas diferentes entre esses grupos.

⁸ Lopes, N da S. (2001) analisa a influência da variável etnia a partir dos sobrenomes dos falantes: os sobrenomes religiosos são indicadores de ancestralidade negra, ao passo que os sobrenomes não religiosos são indicadores de ancestralidade não negra. Nas palavras da autora, “caso tenha havido processos de aquisição diferente do português por parte dos filhos dos africanos aqui no Brasil, as pessoas, hoje, que têm como ancestrais essa população devem, de alguma forma, fazer uso de uma linguagem que contenha traços, em maior proporção que outros que não o são, que remontem aquela aquisição” (LOPES, N. da S., 2001, p. 145-146).

2.2.4 Martins (2013)

Em sua tese de doutoramento, Martins (2013) analisa o processo de concordância nominal no português falado na microrregião do Alto Solimões, Amazonas. Sua pesquisa é feita com base em um banco de dados composto por 57 entrevistas estratificadas segundo o sexo/gênero (masculino e feminino), a faixa etária (18-35 anos, 36-55 anos e 56 anos ou mais) e os anos de escolaridade (4-8 anos e 9-11 anos) dos informantes residentes em cinco das sete localidades pertencentes ao Alto Solimões, a saber: Fonte Boa, Jutai, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença e Tonantins.

Na análise geral da amostra de fala da microrregião do Alto Solimões, a autora, analisando um total de 7.270 dados, obtém 4.264 casos de concordância (58%) (cf. MARTINS, 2013, p. 139). No que diz respeito aos grupos de fatores internos à língua, os resultados assinalam que o morfema plural é mais usado nos vocábulos: a) não nucleares antepostos ao núcleo (as palavra); b) com maior grau de diferenciação material fônica na relação singular/plural (uns quatro meses); c) localizados a partir da segunda posição precedidos de marcas (AS PRIMEIRAS pessoas); d) que possuem uma vogal no contexto subsequente (as OUTRA minha irmã); e) de grau aumentativo (umas barrigonas). De maneira oposta, o zero plural é mais usado nos vocábulos: a) não nucleares pospostos ao núcleo (hospitais lotado) e nucleares (as escola); b) com menor grau de diferenciação material fônica na relação singular/plural (as criança); c) localizados a partir da segunda posição precedidos de zero (ESSES BAIRO MAIS distante); d) que possuem uma pausa ou uma consoante no contexto subsequente (vinte e três professor FORMADOS); e) de grau diminutivo (os meninozinho) (cf. MARTINS, 2013, p. 141-147, 150-155, 158-159).

Em relação aos grupos de fatores externos à língua, os resultados sugerem que as marcas explícitas de plural tendem a ser favorecidas pelos falantes mais jovens, do sexo/gênero feminino e de maior escolaridade (cf. MARTINS, 2013, p. 160-161, 169-170, 177-178). Além disso, apontam que pessoas com pouco grau de deslocamento, maior sentimento de pertencimento à cidade de origem, com ocupação considerada de cotação alta no mercado de trabalho e que moram nas localidades de São Paulo de Olivença, Jutai e Santo Antônio do Içá são as que mais realizam concordância

entre os elementos do sintagma nominal (cf. MARTINS, 2013, p. 162-169, 171-172, 174-175).

Na análise de cada localidade do Alto Solimões, os dados revelam que, em todas as cidades, os efeitos das variáveis linguísticas são similares em termos de tendências gerais. Ademais, indicam que ocupação e mobilidade são as variáveis extralinguísticas mais importantes para o entendimento da variação da concordância nominal nessa microrregião, visto que são as selecionadas como estatisticamente significativas para a maioria das cidades. Os resultados dessas duas variáveis seguem, em grande parte dos municípios, o padrão geral de mais marcação de plural na fala de informantes com ocupação de cotação alta no mercado de trabalho e com pouco grau de deslocamento (cf. MARTINS, 2013, p. 181-209).

A partir disso, Martins conclui que o funcionamento da variação da concordância nominal de número na microrregião do Alto Solimões não se difere de outras localidades brasileiras, pois os contextos linguísticos e extralinguísticos que influenciam a presença ou ausência de plural condizem com os encontrados em outras pesquisas realizadas sobre esse fenômeno variável no território brasileiro.

2.2.5 Lopes, L. de O. J. (2014)

A dissertação de mestrado de Lopes, L. de O. J. (2014) apresenta uma pesquisa sobre a concordância nominal variável na fala rural de Santa Leopoldina, município localizado na região serrana do Espírito Santo. Para tanto, a autora analisa uma amostra de entrevistas sociolinguísticas, organizada por ela e Camila Candeias Foeger⁹, com 32 informantes dos dois sexos/gêneros (masculino e feminino), de quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos, 50 anos ou mais) e de dois níveis de escolaridade (Fundamental I e II). Esses informantes são todos moradores

⁹ Camila Candeias Foeger estudou a alternância pronominal *nós/a gente* e a concordância verbal de primeira pessoa na fala rural de Santa Leopoldina. Seus resultados se encontram em sua dissertação, *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*, apresentada, em 2014, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo.

e trabalhadores da zona rural do município (FOEGER, 2014; LOPES, L. de O. J., 2014).

Na amostra utilizada são encontrados 6.313 dados, dos quais 3.873 são casos de presença de marcas explícitas de plural (61,3%) (cf. LOPES, L., 2014, p. 99). No tocante às restrições estruturais, mais uma vez, a marcação de concordância é favorecida nos constituintes a) situados mais à esquerda no sintagma nominal (**as minhas irmãs/ comidas típicas**); b) mais salientes (**os ovinhos**); c) antecidos de marcas (**PROS MEUS pais**). Em processo inverso, a não marcação de concordância é favorecida nos constituintes a) localizados mais à direita no sintagma nominal (coisas **boa/ as minhas filha**); b) menos salientes (**as novelas**); c) antecidos de zero plural (**UNS MENINO bagunceiro**). Nessa pesquisa, as variáveis animacidade dos substantivos e grau e formalidade léxica dos substantivos e adjetivos apresentam mais força restritiva se consideradas agrupadas, de modo que os resultados sinalizam que, independentemente do grau, os traços [-humano] e [+animado] (**três cachorros/cinco irmão**), que caracterizam, principalmente, animais pertencentes ao cotidiano da comunidade, inibem marcas de plural no interior do sintagma nominal. Em outras palavras, a formalidade léxica e/ou familiaridade léxica é mais importante que o grau e que o traço de animacidade (cf. LOPES, L. de O. J., 2014, p. 114-116, 119-135).

No que concerne às restrições sociais, os dados indicam que a concordância é favorecida pelos falantes mais novos (7-14 anos e 15-25 anos), do sexo/gênero feminino e de maior nível de escolaridade, o que indica um processo de mudança linguística no sentido de aquisição de marcas de plural na comunidade (cf. LOPES, L., 2014, p. 99-104).

Refletindo sobre a fala dos ambientes urbano e rural, Lopes, L. de O. J. (2014) conclui que, apesar das particularidades que envolvem o segundo, como a atuação das variáveis animacidade e formalidade léxica, essas duas variedades possuem muitas semelhanças no que se refere ao funcionamento do fenômeno da concordância nominal.

2.3 CONCLUSÃO

Diante da revisão da literatura aqui realizada, percebemos que os compêndios gramaticais de cunho normativo e alguns de cunho analítico-descritivo não refletem o funcionamento da concordância nominal no português brasileiro falado. No primeiro grupo, que registra os usos ideais da língua, sequer encontramos menção à variação da marcação de plural, além das reconhecidas por eles. No segundo grupo, por seu turno, observamos uma grande generalização das regras variáveis da concordância por parte de Perini (2010) e Bagno (2011), que afirmam que o plural é marcado no primeiro elemento do sintagma nominal. Em verdade, entre todos os compêndios gramaticais aqui revisitados, Castilho (2010) é quem contempla a complexidade do fenômeno da concordância que os trabalhos sociolinguísticos têm captado.

Nesta dissertação, temos os objetivos de descrever, analisar e sistematizar o processo de marcação de plural nos elementos do sintagma nominal na fala capixaba, observando os fatores linguísticos e extralinguísticos que regem esse fenômeno variável. Como veremos no capítulo 4, as pesquisas aqui revisadas servirão de base para a definição das variáveis independentes a serem investigadas em nossa pesquisa, visto que fornecem indícios das que atuam de maneira mais relevante sobre a concordância nominal de número. Além disso, elas irão nos auxiliar no levantamento feito na análise dos dados de semelhanças e/ou diferenças entre a fala de Vitória e a de outras localidades do Brasil.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho em tela se insere no arcabouço teórico da Sociolinguística Variacionista, também denominada Teoria da Variação e Mudança Linguística, Sociolinguística Quantitativa ou Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). As pesquisas realizadas no âmbito dessa corrente linguística se desenvolveram extensivamente desde a sua origem, na década de 1960. O primeiro *New Ways of Analyzing Variation* (NWAV), principal conferência dos estudos de variação e mudança linguística, realizado em 1972, na Universidade de Georgetown, teve 64 apresentações de trabalho. Atualmente, o evento possui em torno de 140 apresentações de trabalho, distribuídas em palestras e pôsteres (TAGLIAMONTE, 2016, p. 21-22).

A seguir, apresentaremos uma breve contextualização histórica do surgimento da Sociolinguística e os pressupostos básicos dessa teoria, focalizando as noções de variação linguística e variação estilística.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA

De forma puramente convencional, damos destaque aos estudos linguísticos a partir do início do século XX, com a emergência do Estruturalismo. Diferentemente das investigações de caráter eminentemente histórico realizadas durante o século XIX, o Estruturalismo, em suas vertentes europeia e norte-americana, adota uma abordagem não histórica, descritiva e sistemática da língua.

O Estruturalismo europeu tem como princípios norteadores os postulados do genebrino Ferdinand Saussure, os quais foram compilados no livro *Curso de Linguística Geral*, publicado, em 1916, por seus alunos da Universidade de Genebra.

Na concepção saussureana, a linguagem possui duas faces: uma social e uma individual. A face social, a língua, é a estrutura do sistema linguístico, que possui as

características de ser homogênea, sistemática e regular. Já a face individual, a fala, constitui o uso particular desse sistema e, portanto, é definida como heterogênea, assistemática e variável. Saussure (2006), interessado no conhecimento que é comum a todos, estabelece a língua como objeto de análise da Linguística.

Dessa forma, com a tese de que a língua é formada por um sistema de signos que se relacionam organizadamente dentro de um todo, seguindo leis internas, Saussure (2006) propõe um estudo imanente da língua. Em outras palavras, o modelo saussuriano foca em questões internas à estrutura linguística, desconsiderando de suas análises aspectos extralinguísticos, como o falante, a sociedade e a cultura.

De forma semelhante, o Estruturalismo norte-americano, representado, principalmente, pelas ideias de Leonard Bloomfield, tem como objetivo realizar a descrição sincrônica das línguas faladas no território americano. Para isso, as pesquisas partem da

observação de um *corpus* para descrever seus elementos constituintes de acordo com a possibilidade de eles se associarem entre si de maneira linear. Pressupõe-se, assim, que as partes de uma língua não se organizam arbitrariamente, mas, ao contrário, apresentam em certas posições particulares relacionadas umas às outras. Trata-se, portanto, de um método puramente descritivo e indutivo que corrobora o entendimento de que todas as frases de uma língua são formadas pela combinação de construções – os seus constituintes –, e não de uma simples sequência de elementos discretos (COSTA, 2013, p. 124).

Assim, os pesquisadores desenvolvem “uma tarefa eminentemente descritiva, que deveria, tanto quanto possível, evitar a interferência dos conhecimentos prévios do linguista (por exemplo, sua formação em gramática inglesa, ou das línguas greco-latinas” (ILARI, 2011, p. 77), pois sua tarefa se restringe “à classificação dos segmentos que aparecem nos enunciados do corpus e à identificação das leis de combinação de tais segmentos” (COSTA, 2013, p. 25).

Posteriormente, em oposição à teoria bloomfieldiana, que, sob influência do behaviorismo, defende a aquisição da língua pela relação estímulo-reação, surge o Gerativismo, na década de 1950, a partir dos estudos do norte-americano Noam Chomsky.

Nessa nova corrente, os estudos da linguagem se centram no conhecimento linguístico anterior à experiência. Dito de outra forma, os gerativistas procuram compreender o conhecimento pré-existente dos indivíduos que os permite produzir os enunciados possíveis de sua língua (CHOMSKY, 1975).

Ao conceber a linguagem como uma estrutura biológica, Chomsky (1975) estabelece o inatismo como princípio básico à gramática gerativa. Esse princípio presume que a mente dos seres humanos possui um órgão nomeado faculdade da linguagem que é responsável pela aquisição da linguagem.

De maneira análoga a Saussure, que distingue língua e fala, o gerativista distingue competência e performance. Para Chomsky (1975), a competência é a capacidade inata da espécie humana de conhecer as regras que governam a construção das frases da língua, ao passo que a performance é o seu uso concreto nas diversas situações de fala. Assim, com o intuito de explicar os processos mentais subjacentes ao uso da língua, Chomsky (1975) adota a competência como objeto de estudo da Linguística. Nas palavras de Robins (1983),

os adeptos do transformacionalismo buscam estabelecer um sistema de regras que representem a capacidade criadora de todo falante nativo, capacidade que lhe permite produzir (ou gerar) e compreender um número infinito de frases (apenas as frases gramaticais da língua), a maioria das quais ele nunca pronunciou ou antes ouviu (p. 186).

Nesse sentido, esses estudos citados tendem a se enquadrar no viés formalista, uma vez que focalizam a estrutura interna da língua. As correntes estruturalistas, apesar de serem divergentes em alguns aspectos, apontam que a língua é um sistema e reivindicam seu estudo sincrônico com o intuito de descrevê-la internamente. Já o Gerativismo, transcendendo o caráter puramente descritivo do Estruturalismo, insere a noção de cognição aos estudos linguísticos, aponta a existência de aspectos linguísticos universais e busca explicar a linguagem considerando as propriedades da mente humana e a relação destas com a organização biológica da espécie.

Embora alguns estudiosos tenham se preocupado com a relação entre língua e sociedade nesse período que o formalismo esteve em auge (cf. LABOV, 2008 [1972], p.301-374), somente na segunda metade do século XX, a partir da década de 1960,

é que as pesquisas que exploram essa relação ganham maior destaque no campo dos estudos linguísticos, com metodologias bem definidas. A fim de reunir os pesquisadores que vinham realizando esse tipo de trabalho, William Bright organizou uma Conferência sobre Sociolinguística na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles (TAGLIAMONTE, 2016).

Com base nas diversas discussões teóricas da conferência, Bright (1974) apresenta, no artigo intitulado *As dimensões da Sociolinguística*, as primeiras concepções da ciência linguística que estava emergindo em resposta à perspectiva formalista em voga. Segundo o autor, a diversidade linguística é o objeto de análise da Sociolinguística, a qual, por sua vez, tem a tarefa de “demonstrar a covariação das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma outra direção” (BRIGHT, 1974, p. 17).

De acordo com Alkmin (2012), os diversos enfoques da língua no contexto social, inicialmente denominados Sociolinguística, abrangiam uma grande variedade de assuntos, a saber: Dialetologia Social, Sociologia da Linguagem, Etnografia da Conversação, Contato Linguístico, Sociolinguística Interacional e Sociolinguística Variacionista.

Nas seções a seguir, resumiremos os princípios dessa última corrente, que é a base teórica deste trabalho.

3.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista consolidou-se a partir dos estudos do norte-americano William Labov, realizados na década de 1960, sob a orientação de Uriel Weinreich. Segundo Chambers (1995, p. 1-33), relacionando a variação linguística – coocorrência entre duas ou mais formas de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade – à diferenciação social de cada comunidade, tais estudos foram os responsáveis por mostrar que a variação e a mudança linguística são passíveis de serem sistematizadas.

Em sua pesquisa pioneira, realizada em 1963, Labov investigou a centralização

fonética dos ditongos /ay/ e /aw/ na fala dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard, localizada no estado de Massachusetts. Para isso, Labov constituiu um *corpus* composto por entrevistas que contemplavam a fala espontânea, a monitorada e o estilo de leitura, além de um questionário lexical, perguntas sobre julgamento de valores e observações em situações casuais (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 31-33).

Além de observar questões linguísticas (ambiente segmental e fatores prosódicos), Labov relacionou a mudança linguística a fatores socioeconômicos (idade, grupo étnico e localização geográfica), pois “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Sabendo que a ilha recebe uma grande quantidade de turistas durante o verão, essas correlações lhe permitiram verificar que um dos aspectos que estava por trás da centralização da vogal base dos ditongos era o sentimento de pertencimento à ilha: os moradores que tinham um sentimento positivo em relação à ilha faziam mais centralização do que aqueles que pretendiam ir para o continente (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 57-59).

Em seu segundo estudo, realizado em 1966, o norte-americano analisou a estratificação do /r/ na cidade de Nova York. Para tanto, além da análise de entrevistas sociolinguísticas, o autor perguntou aos vendedores de três lojas de departamento de diferentes *status* social onde se encontrava determinada loja a fim de obter a resposta *fourth floor*.

Labov (2008 [1972], p. 71-74) constatou um aumento da frequência de /r/ entre os vendedores à medida que o público-alvo da loja era pertencente às classes mais favorecidas socialmente: as taxas mais elevadas de /r/ foram encontradas na loja de *status* superior (*Sacks*), enquanto os índices intermediários e baixos foram obtidos, respectivamente, nas de *status* médio (*Macy's*) e inferior (*S. Klein*).

Os estudos labovianos, dessa maneira, propõem o estudo da língua em seu contexto social e trazem uma nova concepção de língua ao compreendê-la como um sistema heterogêneo e diversificado.

Tal heterogeneidade, contudo, não é aleatória. Nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), as línguas naturais são sistemas dotados de variabilidade

ordenada, o que significa dizer que os falantes de uma dada comunidade dominam as estruturas variáveis no plano da estrutura linguística. Nas palavras dos autores,

a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125).

O interesse central dos estudos sociolinguísticos é encontrar a regularidade existente por trás do processo de variação, isto é, mostrar que há um sistema governando a variabilidade inerente à língua, o que torna possível prever, por meio das restrições linguísticas, sociais e estilísticas, os contextos que os falantes tendem a usar uma ou outra forma linguística. Outro interesse, tão importante quanto o primeiro, reside na compreensão da mudança linguística.

Conforme Labov (1994), para saber se o fenômeno linguístico trata de variação estável ou mudança em curso, há o estudo em tempo aparente e o estudo em tempo real. No estudo em tempo aparente, a propagação das formas variantes é observada através da sua distribuição em diferentes faixas etárias, com base no pressuposto de que “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável” (NARO, 2013a, p. 44). Assim, como os falantes mais velhos refletem a língua de anos atrás e os mais jovens a atual, tem-se variação estável quando não há diferenças quantitativas significativas entre a faixa etária mais jovem e a mais velha. Por outro lado, tem-se mudança em curso quando há diferenças significativas entre essas faixas etárias, com a distribuição gráfica da variante favorecida em formato de S deitado (NARO, 2013b, p. 22).

No estudo em tempo real, há duas possibilidades metodológicas: estudo painel e estudo de tendências. No primeiro são analisados dados dos mesmos informantes em períodos distintos de sua vida, enquanto no segundo são analisados dados de informantes diferentes, com mesmo perfil social, em duas sincronias distintas (cf. LABOV, 1994, p. 76).

Em nosso estudo, usamos o método do tempo aparente para inferir se a concordância

nominal em Vitória é um caso de variação estável ou de mudança em curso, visto que dispomos de gravações orais de apenas uma sincronia.

É válido mencionar aqui que as diversas pesquisas realizadas no âmbito da Sociolinguística Variacionista podem ser agrupadas em três ondas, nos termos de Eckert (2005). A primeira onda diz respeito à investigação de comunidades de fala, que são entendidas como grupos de pessoas que compartilham as mesmas normas e avaliações a respeito do uso da língua (GUY, 2001; LABOV, 2008 [1972]; SCHERRE, 2006). Correlacionando a variação a restrições linguísticas e fatores sociais amplos (por exemplo, faixa etária, classe social e sexo/gênero), as pesquisas dessa natureza identificam as tendências gerais da comunidade e tornam viável, por utilizarem padrões sociais replicáveis, a comparação entre diferentes comunidades. Enquadram-se nessa onda inúmeros estudos, tal como o feito por Labov (1966), em Nova York. Como exemplos no português brasileiro, temos os aqui citados sobre a concordância nominal (FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014; LOPES, N da S., 2001; MARTINS, 2013; SCARDUA, 2014; SCHERRE, 1988; SILVA; SCHERRE, 2012), além de diversos outros, sobre diferentes fenômenos variáveis, realizados com bancos de dados estratificados segundo características sociais amplas, como o PEUL, o VARSUL, o VALPB e o PortVix, por exemplo¹⁰.

A segunda onda, por sua vez, consiste em estudos etnográficos realizados em comunidades de fala menores. Os trabalhos inseridos nessa onda permitem a identificação dos significados que os diferentes modos de falar assumem em determinado local ao observar categorias sociais importantes para a comunidade em vez de pré-estabelecer as que devem ser investigadas. Podemos citar como pesquisas representativas da segunda onda, por exemplo, a de Labov (1963), em Martha's Vineyard, a de Milroy (1980), em Belfast, e a de Eckert (2000), em Detroit. Como exemplo no português brasileiro, Freitag, Martins e Tavares (2012) mencionam a tese de doutorado de Ferrari (1994), na comunidade do Morro dos Caboclos/RJ.

Por fim, a terceira onda compreende estudos etnográficos de comunidades de prática, definidas como grupos de indivíduos que compartilham conhecimentos, valores e que interagem, frequentemente, em torno de um interesse em comum (ECKERT, 2005).

¹⁰ Ver Votre e Roncarati (2008) para detalhes sobre PEUL, VARSUL e VALPB. Ver Yacovenco (2002) e Yacovenco et. al. (2012) para detalhes sobre o PortVix.

Focalizando o significado social da variação, os estudos dessa linha demonstram que os valores locais de cada comunidade de prática estão associados às diferentes formas de falar de um indivíduo e atuam diretamente para a construção da sua identidade. Nos trabalhos de terceira onda, encaixam-se, por exemplo, o de Eckert (2011), realizado com adolescentes em escolas. Como exemplo no português brasileiro, Freitag, Martins e Tavares (2012) citam o de Bentes (2009), que analisa a fala do Mano Brown.

Eckert (2005) salienta que esses três modos distintos de abordar e estudar a variação linguística não são substitutivos. Consoante a isso, Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 929) defendem que os novos bancos de dados linguísticos de fala devem articular as três ondas da sociolinguística, controlando variáveis sociais amplas, bem como o “falante, suas características individuais e práticas, de modo a permitir que se construa um perfil social que contemple indicadores sociodemográficos mais amplos e abstratos”.

Nesta pesquisa, vamos nos embasar nos pressupostos da Sociolinguística Laboviana, uma vez que estudamos a língua inserida em seu contexto social, buscando compreender a regularidade da concordância nominal variável. Nosso trabalho se enquadra nos estudos de primeira onda, pois analisamos o *corpus* PortVix por meio do controle de categorias sociais amplas, bem como examinamos o estilo como uma variável independente na fala de todos os indivíduos conjuntamente, nos moldes de Labov (2008 [1972], 2001a).

3.2.1 Variação estilística

A variação estilística, conhecida como variação intrafalante (*intraspeaker variation*), diz respeito às “diferenças dentro da fala de um único informante” (BELL, 1984, p. 145). Segundo Hernández-Campoy (2016), as propostas diversas para tal estudo na literatura sociolinguística podem ser agrupadas em: (1) abordagens que entendem a variação estilística como uma forma reativa (*responsive*) – Labov (2008 [1972], 2001a), Bell (1984, 2001); (2) abordagens que entendem a variação estilística como proativa (*initiative*) – Eckert (2001), entre outros.

Nesta seção, apresentaremos as visões de Labov (2008 [1972], 2001a), Bell (1984, 2001) e Eckert (2001). Nosso objetivo é destacar as três principais concepções de estilo e, assim, justificar a utilização da abordagem laboviana como base metodológica no estudo estilístico feito neste trabalho.

3.2.1.1 Atenção à fala: a perspectiva laboviana

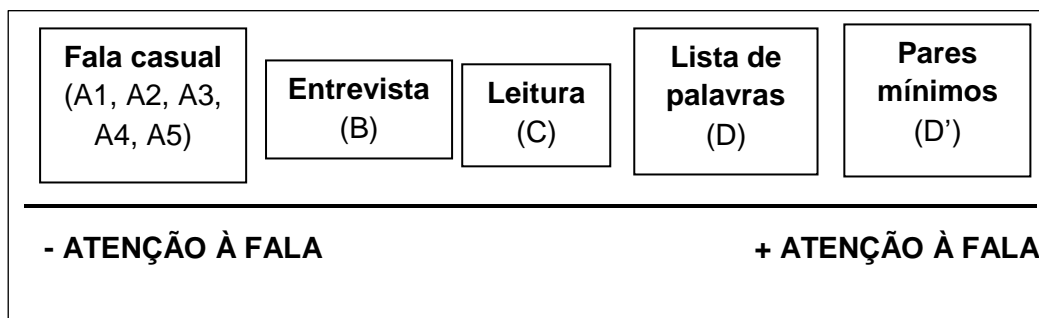
Labov busca organizar a dimensão estilística intrafalante (*intraspeaker*) na situação de entrevista sociolinguística e captar seus efeitos em fenômenos linguísticos variáveis (Labov (2008 [1972], p. 91-138, 2001a, p. 85-108). Embora a noção de prestígio tenha grande importância para sua teoria, a alternância de estilo é definida em termos de atenção que se presta à fala (ECKERT, 2001). Dessa forma, como a situação comunicativa e o interlocutor são os mesmos durante a entrevista, postula-se que a variação estilística da fala individual ocorre à medida que a pessoa alterna a monitoração da fala durante a interação verbal.

Conforme Labov (2001a), a entrevista sociolinguística é uma situação comunicativa cuja relação entrevistador-entrevistado permite uma produção linguística estilisticamente diversificada. Em outras palavras, segundo Labov (2003 [1969], p. 234), não há falantes de estilo único, o que possibilita encontrar momentos de fala casual mesmo em situações formais como as de entrevistas.

Inicialmente, em estudo realizado no Lower East Side, Labov (2008 [1972], p. 91-138) formulou a abordagem da identificação de estilos contextuais, na qual estabelece cinco situações que possibilitam observar a diminuição ou o aumento da monitoração da fala e, por conseguinte, a obtenção de um estilo mais casual durante as gravações de entrevistas sociolinguísticas, que são monitoradas por excelência. De acordo com o pesquisador, os contextos estilísticos de A a D', a seguir, colocados num *continuum* de atenção à fala, seguem do estilo menos formal ao mais formal e, por conseguinte, da fala casual à monitorada: A1 – Fala fora da entrevista formal; A2 – Fala com uma terceira pessoa; A3 – Fala que não responde diretamente a perguntas; A4 – Parlendas e rimas infantis; A5 – Risco de vida; B – A situação de entrevista; C – Estilo de leitura; D – Lista de palavras; D' – Pares mínimos.

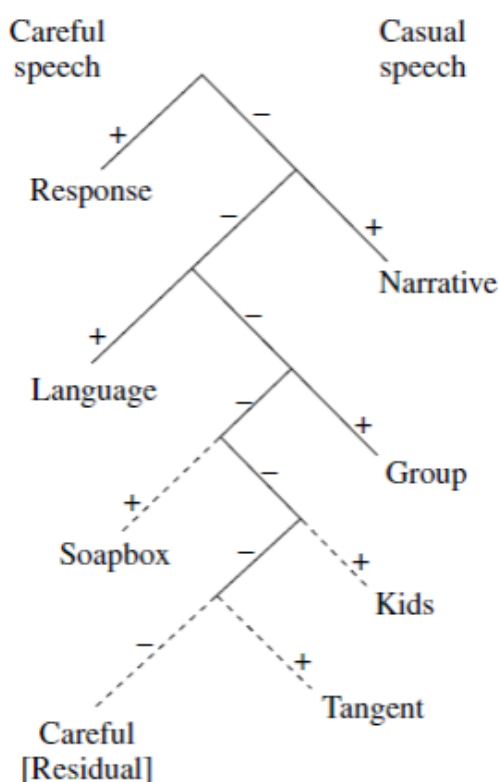
Segundo o linguista, além desses contextos, há algumas pistas do canal que permitem identificar trechos de fala casual, tais como a presença de risos e alterações na voz, no volume e na intensidade da respiração do falante.

FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTILOS CONTEXTUAIS SEGUNDO O EIXO DE ATENÇÃO À FALA (PROPOSTA LABOVIANA)



Posteriormente, Labov (2001a) elaborou uma proposta denominada *Árvore da Decisão* (*The Decision Tree*). Essa “árvore” divide a situação de entrevista para a identificação dos estilos de fala monitorada (*careful speech*) e de fala casual (*casual speech*), organizando os contextos estilísticos em ordem decrescente de objetividade.

FIGURA 2 – ÁRVORE DA DECISÃO



Fonte: Labov (2001a, p. 94)

No lado direito da Árvore da Decisão, representantes da fala casual, situam-se os contextos de:

- a) **Narrativa de experiência pessoal (*narrative*):** relatos dramatizados de eventos singulares vivenciados ou testemunhados pelo falante;
- b) **Grupo (*group*):** Falas dirigidas a uma terceira pessoa ou ao entrevistador fora da entrevista formal;
- c) **Infância (*kids*):** Falas sobre experiências e brincadeiras de infância do ponto de vista infantil;
- d) **Tangente (*tangent*):** Falas que fogem da pergunta feita pelo entrevistador, com digressões e opiniões pessoais.

No lado esquerdo, por sua vez, correspondentes ao estilo de fala monitorada, encontram-se os contextos de:

- e) **Resposta (*response*):** Primeiro enunciado que se segue à fala do entrevistador;
- f) **Língua (*language*):** Falas a respeito da língua, sobre variedades de línguas e atitudes em relação à língua;
- g) **Opiniões genéricas (*soapbox*):** Trechos de opiniões gerais sobre temas como política, minorias, violência e corrupção;
- h) **Resíduo (*residual*):** Demais casos que não se encaixam nos ramos de fala monitorada e de fala casual, entre os quais se incluem as pseudo-narrativas, ou seja, relatos de eventos habituais, não dramatizados, e narrativas de experiência vicária, ou seja, eventos que os falantes relatam sem terem presenciado ou vivido.

É importante destacar, contudo, que Labov não propõe uma teoria estilística. O autor, inclusive, pondera que em seus dois modelos de análise:

a organização de estilos contextuais ao longo do eixo de atenção que se presta à fala [Labov, 1966a] não foi concebida como uma descrição geral de como a alternância de estilo é produzida e organizada nos discursos do dia-a-dia, mas sim como uma forma de organizar e usar a variação interna ao falante que ocorre na entrevista¹¹ (LABOV, 2001a, p. 87).

Mesmo tendo bastante relevância para os estudos sociolinguísticos, os constructos metodológicos labovianos, especialmente o da Árvore da Decisão, receberam muitas críticas pelos pesquisadores da área. Eckert (2001), Schilling-Estes (2002) e Coupland (2007) questionam o caráter linear desses artefatos, isto é, a associação do *continuum* estilístico a graus de formalidade, unicamente em função da atenção à fala.

¹¹ Original: The organization of contextual styles along the axis of attention paid to speech (Labov 1966a) was not intended as a general description of how style-shifting is produced and organized in every-day speech, but rather as a way of organizing and using the intra-speaker variation that occurs in the interview.

Os autores salientam que há diversas outras dimensões, para além da atenção à fala, envolvidas na escolha das variantes linguísticas e, por conseguinte, no significado que elas assumem socialmente.

Baugh (2001) e Valle e Görski (2014), por sua vez, criticam o estabelecimento *a priori* de quais contextos da entrevista seriam casuais e quais seriam monitorados, defendendo que todas as categorias da Árvore da Decisão podem ser mais ou menos formais. Görski (2011) chama atenção, ainda, para a mistura de critérios da Árvore da Decisão, os quais “vão desde a própria configuração do ato conversacional, passando pelo assunto tratado e pelo grau de envolvimento do falante com o tópico, até a forma de textualização”. O próprio Labov (2001a), inclusive, reconhece a limitação dessa metodologia ao apontar a importância do refinamento de quatro estilos contextuais – opinião genérica, tangente, infância e resíduo – para análises mais confiáveis e, conseqüentemente, para o entendimento mais adequado da variação estilística.

Em resumo, partindo das ideias de que não há falantes de estilo único e de que a variação estilística é condicionada pela atenção à fala, Labov estabelece as ocasiões em que, devido ao grau de monitoramento ser menor, é possível identificar a fala casual na situação formal de entrevista.

3.2.1.2 *Audiência design: o modelo de Alan Bell*

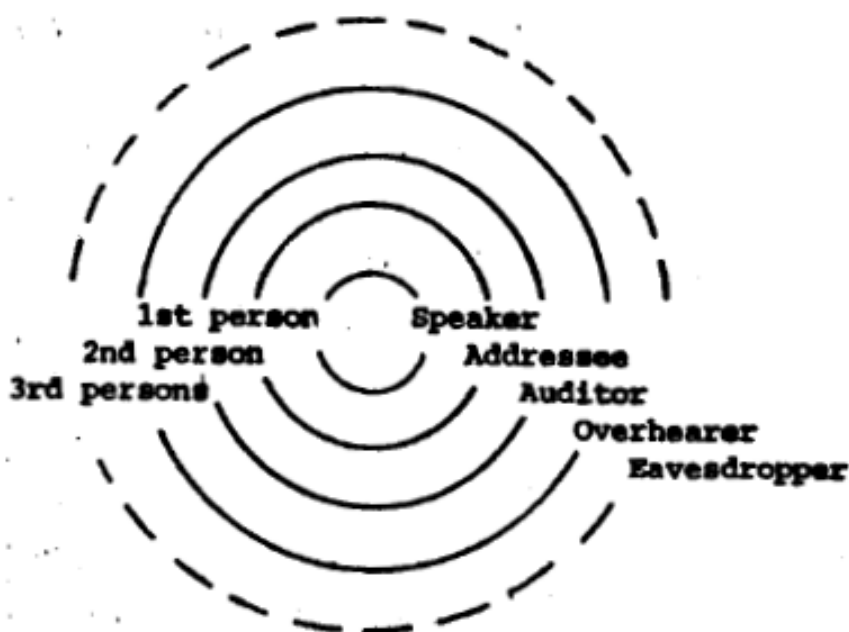
Em sua Tese de Doutorado, sobre o inglês falado na Nova Zelândia, Alan Bell investiga um mesmo locutor em duas estações de rádio e constata mudanças estilísticas em sua fala. Como a situação comunicativa, a instituição, os tópicos e os estúdios eram os mesmos, o autor conclui que a troca na audiência é o que condiciona a alternância no estilo do locutor, uma vez que a única diferença de uma rádio para outra era o público alvo: enquanto os ouvintes da estação YA – rádio nacional da Nova Zelândia – pertencem às classes mais altas da sociedade, os da ZB – estação de rádio comunitária local – fazem parte das classes sociais mais desfavorecidas.

A partir desse estudo, Bell (1984, 2001) elabora, com base na Teoria da Acomodação, o modelo da *audiência design*, no qual entende que “o estilo é essencialmente uma

resposta dos falantes à sua audiência”¹² (BELL, 1984, p. 145). Dessa maneira, o princípio básico que fundamenta essa teoria é que a variação estilística é determinada pelo ouvinte.

Segundo Bell (1984, 2001), é a partir da avaliação social que os falantes projetam, com o intuito de obter aprovação, o estilo mais adequado para interagir com sua audiência. Essa audiência, contudo, não é formada apenas pelo destinatário – *addressee* – que é conhecido, ratificado¹³ e endereçado, mas também pelos seguintes ouvintes: (1) *auditor* – ouvinte conhecido, ratificado, mas não endereçado; (2) *overhearer* – ouvintes não ratificados, mas conhecidos; (3) *eavesdropper* – ouvinte não ratificado e não conhecido. Assim, ainda que o destinatário tenha um nível de atuação maior, as outras audiências também exercem influência sobre o modo de falar dos indivíduos, como demonstrado na Figura 3.

FIGURA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE AUDIÊNCIA CONFORME SEU NÍVEL DE INFLUÊNCIA SOBRE O FALANTE



Fonte: Bell (1984, p.159)

¹² Original: Style is essentially speakers' response to their audience.

¹³ Ouvintes que participam da situação comunicativa.

Além do público, outros fatores da situação comunicativa provocam mudanças estilísticas. Pessoas podem alternar estilos de acordo com os tópicos da interação verbal, por exemplo. Porém, na visão belliana, essa mudança advém da associação que os falantes fazem de alguns tópicos a públicos específicos, denominados *refrees design*. Nos termos de Bell (1984), apesar dessa associação não ser nítida, acredita-se que os indivíduos selecionam os recursos linguísticos pensando nesses grupos ausentes.

Em síntese, buscando entender o porquê as pessoas falam de uma dada forma em determinado contexto comunicativo, Bell coloca o ouvinte no centro das pesquisas sobre variação estilística ao compreender que a alternância de estilo de fala é influenciada pela audiência do falante.

3.2.1.3 *Personae: a proposta de Eckert*

A proposta de Penelope Eckert para a investigação estilística diverge vigorosamente das formuladas por Labov e Bell. Atribuindo aos indivíduos um papel ativo, Eckert (2001) associa variação com prática social e estilo com construção de identidade.

Tendo como ponto central a investigação do significado social, a linguista defende que os pesquisadores não devem estabelecer os significados da variação estilística antecipadamente, mas observar sua atribuição localmente, pois

as variáveis não entram em um estilo com um significado específico e fixo, mas assumem esse significado no processo de construção do estilo. Isso leva ao segundo ponto, que o estilo (como a linguagem) não é uma *coisa*, mas uma *prática*. É a atividade em que as pessoas criam significado social, pois o estilo é a manifestação visível do significado social. E, na medida em que o significado social não é estático, tampouco são os estilos (ECKERT, 2004, p. 43 – grifos no original).¹⁴

¹⁴ Original: First, variables do not come into a style with a specific, fixed meaning, but take on such meaning in the process of construction of the style. This leads to the second point, that style (like language) is not a *thing* but a *practice*. It is the activity in which people create social meaning, as style is the visible manifestation of social meaning. And inasmuch as social meaning is not static, neither are styles.

Realizando um estudo etnográfico dos adolescentes de uma escola de Detroit, Eckert observou a existência de dois grupos opostos, que se caracterizam como comunidades de prática: os *jocks* e os *burnouts*. Enquanto os *jocks*, representando a classe média, seguem as regras institucionais da escola e planejam seguir a vida acadêmica, os *burnouts*, retratando a classe trabalhadora, desprezam a padronização escolar e se projetam para a vida urbana. Linguisticamente, esses grupos refletem esses símbolos e o lugar que visam ocupar na estrutura social: os *burnouts* usam mais variantes urbanas do que os *jocks*.

Na sociedade, assim como o encontrado por Eckert, os indivíduos participam de diversas comunidades de prática ao longo da vida, onde compartilham avaliações e atitudes em relação às pessoas, às vestimentas e, também, à língua. Participando de comunidades distintas, esses indivíduos combinam as visões e os valores dessas comunidades para estabelecer significações aos recursos estilísticos disponíveis na sociedade, construindo sua identidade.

Nesse sentido, os falantes utilizam a variabilidade da língua, segundo Eckert (2001), como um mecanismo para a construção contínua de sua *persona* ou de suas *personae* – “tipos sociais particulares que se localizam de forma explícita na ordem social” (HORA, 2014, p. 29). Sendo assim, as diversas formas linguísticas empregadas pelos falantes correspondem aos distintos modos que eles desejam se apresentar socialmente conforme a situação comunicativa em que se encontram.

Em suma, focalizando o significado social da prática estilística, Eckert propõe que os estudos sociolinguísticos adotem a observação participante em comunidades de prática para que o pesquisador compreenda os significados específicos que as variáveis assumem naquele local e como elas atuam na construção da identidade do indivíduo.

Com a explanação desse modelo, finalizamos a apresentação das principais bases teórico-metodológicas para a investigação da variação estilística. Como nosso foco neste trabalho é analisar a variação ordenada da concordância nominal no interior da comunidade de fala de Vitória, dispomos de um banco de dados formado por entrevistas sociolinguísticas, gênero discursivo que permite a obtenção de uma gama ampla de dados dessa natureza. Portanto, com um material propício a um estudo do tipo laboviano, utilizamos a proposta de Labov (2001a), especificamente a da Árvore

da Decisão, e não a de Bell (1984, 2001) ou Eckert (2001). É importante justificar que descartamos o uso dessas outras propostas em virtude do tipo de material de que dispomos e do nosso objetivo central de verificar se é possível identificar alternâncias estilísticas a partir do eixo de atenção à fala. Cumpre pontuar, também, que, para alcançar esse objetivo, não usamos a metodologia do isolamento de estilos contextuais (LABOV, 2008 [1972]) porque nosso *corpus* de análise é formado, exclusivamente, pelo contexto de entrevista.

Dentro desse quadro, salientamos, ainda, que, por a situação de entrevista implicar ausência de naturalidade, ou seja, de ser um contexto de certa formalidade, a captação da alternância estilística nesse gênero discursivo é de suma importância em pesquisas sociolinguísticas, uma vez que permite a identificação de discursos mais e menos monitorados e, conseqüentemente, o entendimento de como os estilos de fala influenciam o comportamento linguístico variável dos falantes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada na realização deste trabalho segue o modelo da Sociolinguística Variacionista. Sob essa orientação, buscaremos discutir a variação sistemática da concordância nominal de número, evidenciando os fatores que motivam e restringem o uso da variante padrão e da não padrão.

Nesta seção, inicialmente, descreveremos a comunidade de fala de Vitória e a sua amostra representativa. Em seguida, discorreremos sobre o envelope da variação do fenômeno analisado e sobre o tratamento estatístico dos dados.

4.1 A COMUNIDADE PESQUISADA

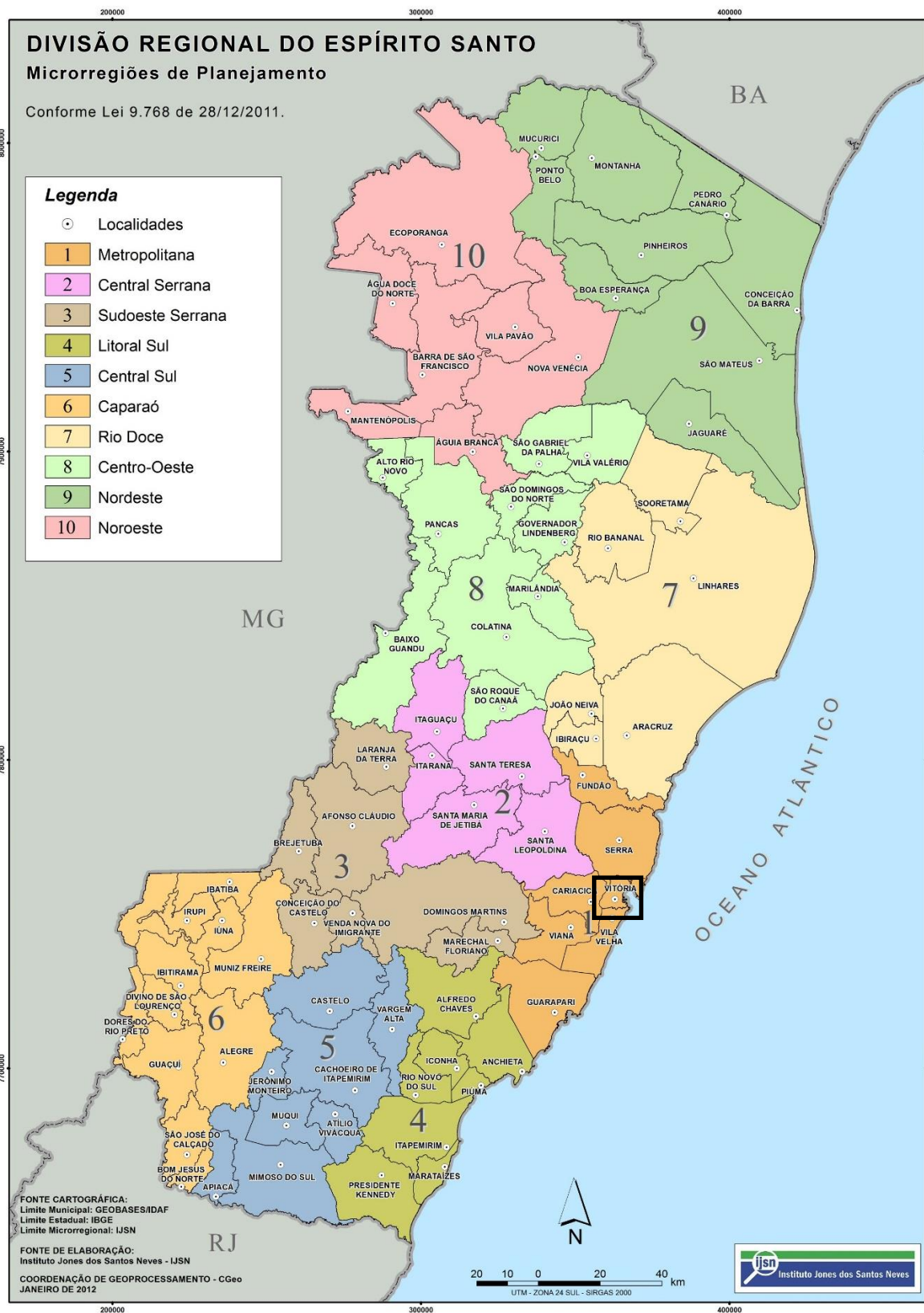
A comunidade estudada neste trabalho é Vitória, capital do Espírito Santo. Localizada na região litorânea do estado, a cidade possui um território composto por trinta e três ilhas e uma porção continental, que abrange 98,194 km² (IBGE, 2010). Nas Figuras 4 e 5, a seguir, vê-se, respectivamente, a vista aérea de Vitória e a sua localização no mapa do Espírito Santo.

FIGURA 4 – IMAGEM AÉREA DA CIDADE DE VITÓRIA



Fonte: <http://www.procurandoviagens.com/20120801archive.html>.

FIGURA 5 – MAPA DO ESPÍRITO SANTO, COM DESTAQUE PARA VITÓRIA



Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/mapas/cat19/preview/2645.jpg> – adaptado.

A história de Vitória começou a ser registrada no dia 23 de maio de 1535, quando o colonizador Vasco Fernandes Coutinho, a bordo na caravela *Glória*, chegou em solo espírito-santense para administrar a Capitania a si destinada (SCHAYDER, 2002).

Em decorrência dos ataques dos ameríndios e de estrangeiros, a sede da Capitania, antes situada no morro da Penha (atual Vila Velha), foi transferida para a Ilha de Santo Antônio, em 8 de setembro de 1551, devido a sua melhor localização para defesa. Posteriormente, essa localidade passou a ser chamada de Ilha de Vitória em virtude do triunfo dos portugueses sobre os índios Goitacazes.

Além do lento desenvolvimento resultante da escassez de recursos disponíveis para o investimento na colonização, o Espírito Santo também ficou isolado e impedido de explorar sua porção de terra por um longo período com a descoberta do ouro em Minas Gerais, no século XVIII. Devido à proximidade geográfica com o território mineiro, acreditava-se que o estado era um local propício para piratas e contrabandistas utilizarem como passagem para chegar ao ouro. Para evitar tal feito, a Coroa Portuguesa bloqueou as fronteiras terrestres e marítimas do estado, pois “o território capixaba deveria ser uma ‘barreira verde’ para as Minas Gerais, uma muralha natural (SCHAYDER, 2002, p.42).

Somente a partir do final do século XIX, após o ciclo da mineração e a sua emancipação (conquistada em 24 de fevereiro de 1823), Vitória começou a passar por transformações em seu sítio físico com a realização de aterros para ocupação de novos espaços:

o núcleo inicial, cujo traçado seguia a topografia do terreno, com ruas estreitas, tortuosas e mal iluminadas, passa a ser alterado. As ruas internas são retificadas dentro do traçado orgânico e curvo e as quadras ganham uma certa regularidade, buscando adequar o traçado colônia a um traçado “moderno” (KLUG, 2009, p. 26).

Sob a administração de Jerônimo Monteiro, iniciada em 1908, o Espírito Santo iniciou o processo de modernização, tornando-se Vitória uma “cidade moderna, dotada que foi dos serviços de água, esgotos, luz e bondes elétricos. Rasgaram-se novas ruas. Surgiram a Vila Moscoso e seu belíssimo parque” (OLIVEIRA, 2008, p. 442).

Desde então, o município passou por diversas transformações urbanas e, também, socioeconômicas. Segundo Nader (2004), Vitória, antes vista como subdesenvolvida, modificou-se significativamente, em meados do século XX, com a instalação da Companhia Vale do Rio Doce (atual Vale) e da Companhia Siderúrgica do Tubarão (atual Arcelor Mittal).

Essas duas grandes indústrias geraram muitas oportunidades de trabalho, o que ocasionou um aumento populacional na cidade com a vinda de pessoas, principalmente das áreas rurais, em busca de empregos e melhores condições de vida. Além disso, o município, que tinha o comércio cafeeiro como principal fonte de receita até 1960, passou a ter os setores secundário e terciário como um novo mercado (NADER, 2004).

Atualmente, pelo Censo de 2010, Vitória possui 319.163 habitantes¹⁵ e ocupa o primeiro lugar do Índice de Desenvolvimento Humano no Espírito Santo (IBGE, 2010). Formada por uma longa costa e regiões montanhosas, o acesso a seu território pode ser feito por transporte aéreo (Aeroporto Eurico de Aguiar Salles), rodoviário (Rodoviária de Vitória), marítimo (Porto de Vitória) ou ferroviário (Estação Ferroviária Pedro Nolasco).

Área totalmente urbana, Vitória possui diversas opções de lazer, tais como praias, museus, praças, teatros e parques. Juntamente com os municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana e Vila Velha, a cidade compõe a Região Metropolitana da Grande Vitória, que engloba localidades de alto índice de urbanização.

4.2 O BANCO DE DADOS

O Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix) é um grupo de estudos, da Universidade Federal do Espírito Santo, que realiza pesquisas de cunho variacionista.

¹⁵ Segundo o site da Prefeitura Municipal de Vitória, o Censo de 2010 registrou a quantidade de 327.801 pessoas para a população de Vitória porque considerou quatro bairros da cidade da Serra como pertencentes ao município.

Coordenado atualmente pelas professoras Lilian Coutinho Yacovenco, Maria Marta Pereira Scherre e Leila Maria Tesch, os trabalhos desenvolvidos no âmbito desse grupo têm feito a descrição da variedade capixaba por meio da análise de entrevistas sociolinguísticas, jornais e cartas pessoais.

Nesta pesquisa, usaremos o banco de dados de gravações orais de entrevistas sociolinguísticas, organizado, entre os anos de 2001 e 2003, por Lilian Coutinho Yacovenco, sob auxílio das professoras Maria da Conceição Paiva e Christina Abreu Gomes, do PEUL.

A amostra, conhecida como PortVix, é composta por 46 entrevistas com duração de, aproximadamente, uma hora. A seleção dos informantes, feita aleatoriamente em função das sete unidades administrativas de Vitória, teve os seguintes critérios de escolha: os colaboradores deveriam ser naturais de Vitória, filhos de pais capixabas e terem residido sempre nesta cidade (YACOVENCO, 2002; YACOVENCO et al., 2012).

No quadro 3, podemos observar a distribuição das entrevistas, que são estratificadas em quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos), dois sexos/gêneros (masculino e feminino) e três níveis de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS ENTREVISTAS DO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Faixa etária	08-14 anos		15-25 anos		26-49 anos		>49 anos		Total de falantes
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ens. Fundamental (1-8 anos)	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ens. Médio (9-11 anos)	-	-	3	3	2	2	2	2	14
Ens. Superior (>11 anos)	-	-	2	2	2	2	2	2	12
Total de entrevistas									46

Fonte: Yacovenco et al. (2012, p. 777) – adaptado.

A intenção do PortVix é captar, por meio de seu banco de dados, a forma como os moradores de Vitória falam quando não estão sendo observados. No entanto, a metodologia utilizada para a coleta de dados, assim como ocorre em outras pesquisas que investigam comunidades de fala, é a observação sistemática por meio de entrevistas sociolinguísticas, que tendem a fornecer falas mais monitoradas.

Essa situação, conhecida na literatura sociolinguística como *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972], p. 244-245), foi minimizada no PortVix conforme a proposta laboviana: foram registradas perguntas sobre risco de vida e brincadeiras de infância, conversas com terceiras pessoas e com o entrevistador fora da entrevista formal, além de falas que se desviam do foco das perguntas. Dessa maneira, através dessas técnicas que fazem os entrevistados prestarem menos atenção à própria fala por envolvê-los emocionalmente (LABOV, 2008 [1972]), essa amostra conseguiu obter a fala espontânea (*spontaneous speech*)¹⁶, correlata à fala casual (*casual speech*), que consiste no “padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados” (LABOV, 2008 [1972], p. 111).

No presente trabalho, a presença de trechos de fala monitorada (*careful speech*) e de fala espontânea (*spontaneous speech*) nas entrevistas foram essenciais para o estudo dos efeitos estilísticos sobre a concordância nominal, abordado no capítulo 6.

4.3 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS ANALISADAS

Para compreender a dinâmica e a sistematicidade da concordância nominal variável, analisamos a presença e ausência de –S plural nos dados do PortVix em função de seis condicionadores linguísticos e sociais que também se mostraram relevantes nos trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013)

¹⁶ Em alguns momentos deste trabalho, especialmente quando discutimos questões relativas ao estilo, adotamos o termo fala casual em vez de fala espontânea, pois é a terminologia utilizada por Labov (2001a) em suas discussões sobre a variação estilística.

e Lopes, L. de O. J. (2014), a saber: (1) posição relativa e linear; (2) saliência fônica; (3) marcas precedentes; (4) sexo/gênero; (5) faixa etária; e (6) escolaridade.

Analisamos, além disso, a variável estilística com base na Árvore da Decisão (LABOV, 2001a) com o intuito de testar o funcionamento dessa metodologia laboviana. Braga e Scherre (1976) e Scherre (1978) analisam a variável estilística por meio de entrevistas sociolinguísticas gravadas com o conhecimento e sem o conhecimento da gravação por parte dos falantes. Scherre (1988), de certa forma, observa a atuação de traços estilísticos na concordância nominal por meio da variável grau e formalidade léxica, que busca captar o aspecto da informalidade dos itens léxicos na presença da variante não explícita marcada. Esses estudos, porém, são bem diferentes da Árvore da Decisão, pois não consideram as partes das entrevistas na identificação da fala casual, como proposto por Labov (2001a).

Desse modo, esse método de observação da influência do estilo não foi abordado anteriormente em nenhuma pesquisa sobre a marcação de plural nos elementos do sintagma nominal no Brasil, sendo, portanto, uma novidade nesse campo de estudo. Salientamos, ainda, que os trabalhos que temos sobre a Árvore da Decisão versam sobre a dificuldade de operacionalizá-la e não exatamente mostram os resultados de sua operacionalização (cf. GÖRSKI; VALLE, 2014; VALLE; GÖRSKI, 2014; DANTAS; GIBBON, 2014). Em nossa pesquisa, enfrentamos esse desafio de aplicar a Árvore da Decisão apresentando e discutindo os efeitos estilísticos sobre a concordância nominal em entrevistas da amostra PortVix.

No Quadro 4, encontra-se a relação das variáveis observadas neste trabalho e seus respectivos fatores de análise. Comentaremos essas variáveis, nos tópicos 4.3.1, 4.3.2, 4.3.2.1, 4.3.2.2 e 4.3.2.3, exemplificando-as e discorrendo sobre as hipóteses que envolvem cada uma.

QUADRO 4 – LISTA INICIAL DOS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS

VARIÁVEL DEPENDENTE	
A concordância nominal de número	Presença de concordância Ausência de concordância

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	
Posição relativa e linear	Antes do núcleo na 1ª posição Antes de núcleo a partir da 1ª posição Núcleo na 1ª posição Núcleo na 2ª posição Núcleo a partir da 2ª posição Depois do núcleo na 2ª posição Depois do núcleo a partir da 2ª posição
Saliência fônica	Duplos -l -ão -R -S Regular oxítono Regular proparoxítono Regular paroxítono
Marcas precedentes	Sintagma preposicionado com marcas Sintagma preposicionado sem marcas Numeral não terminado em -s na 1ª posição Numeral terminado em -s na 1ª posição Marca formal na 1ª posição Duas ou mais marcas formais a partir da 1ª posição Mistura de marcas Zero imediatamente precedente a partir da 1ª posição
VARIÁVEIS SOCIAIS	
Sexo/gênero	Masculino Feminino
Faixa etária	7-14 anos 15-25 anos 26-49 anos >49 anos
Escolaridade	Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior
VARIÁVEL ESTILÍSTICA	
Estilo: Árvore da Decisão laboviana (LABOV, 2001a, p. 94)	Ramo de falas monitoradas (<i>careful speech</i>) Resposta Língua Opinião genérica Resíduo Ramo de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>) Narrativa de experiência pessoal Grupo Infância Tangente

4.3.1 Variável dependente

A concordância de número entre os elementos do sintagma nominal é tratada como uma variável dependente binária, o que significa dizer que sua realização ocorre sob a forma de duas variantes: presença e ausência de marcas explícitas de plural. Os casos relacionados em (2) e (3) exemplificam a variação estudada:

Presença de concordância

(2) Inf – [...] tem alguns genéricos aí que são mais caros do que **os próprios remédios normais** entendeu? então tem que haver/abaixar um pouco **os preços** [...] (FEM/15-25/MED).

Ausência de concordância

(3) Inf – [...] taria gerando imposto pra tar nem que seja pro pro governo ficar com dinheiro... mas tipo assim os **os contrabando esses negócio** [...] (FEM/15-25/MED).

Segundo Tagliamonte (2006, p. 96), os *super tokens*, segmentos com “alternância de variantes pelo mesmo falante no mesmo trecho do discurso”¹⁷, são os casos ideais para ilustrar variáveis linguísticas, haja vista que demonstram que a variação está presente na fala individual dos informantes da amostra, não sendo, portanto, produto da junção de dados categóricos em direção oposta (100% de concordância ou 0% de concordância), de diferentes informantes. A coexistência das nossas formas variantes na fala de homens e mulheres de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, portanto, pode ser visualizada mais claramente nos três trechos com *super tokens* exibidos a seguir:

¹⁷ Original: alternation of variants by the same speaker in the same stretch of discourse.

(4) Inf – “[...] lá em casa não chega porque a caixa dá essencial pra gente né? pra todo mundo... todo mundo toma banho... todo mundo lava roupa... todo mundo lava o quem tem que lavar... tem que lavar casa passar pano né? Normal... aí quando dá o tempo de voltar a água a caixa tá muito vazia mas lá por volta/ igual domingo agora... domingo agora faltou faltou entre **oito horas** da manhã... a caixa tava cheia... usamos a caixa todinha da água... todo mundo toma banho até as sete e meia que o pessoal vai pra igreja... até **sete hora sete hora** a água já tava caindo já na minha casa...” (MASC/7-14/FUND).

(5) Inf – “[...] isso tudo aí é a bagunça do nosso país não adianta né? tem **os privilegiados** né? tem tem **os privilegiados** e tem **as pessoa** que tão sofrendo... a camada a camada a camada pior sofre... a camada que ganha salário mínimo... que o salário mínimo ... quem ganha salário mínimo come mal vive mal porque não venha me dizer que quem ganha salário mínimo vive bem...” (MASC/>49/MED).

(6) Inf – “[...] na verdade eu sou engraçada porque eu marco **os médicos** vou... mas aí eles pedem pra fazer exame **essas coisa** eu faço... agora outro dia eu cheguei lá em casa eu vi um tanto de exame... exame de sangue... uma cintilografia que eu fiz que é um negócio que você faz lá no negócio de medicina nuclear que cê fica lá e eles mostram **os pontos todos** pra eu ver esse negócio de coluna... tinha/tem um ano que **os exames** tão lá eu não levei pro médico ver...” (FEM/15-25/UNIV).

A fim de analisar esses diferentes usos de plural na fala dos moradores de Vitória, fizemos o levantamento de todos os sintagmas nominais em que a eliminação ou possível eliminação do –S plural é considerada como erro pela tradição gramatical normativa. Vale salientar aqui que consideramos como plural marcas do tipo não padrão com apenas o acréscimo de –e, como em *as mulhere*, *dois mese* ou *os aviõe*.

Foram excluídas de nossas análises as ocorrências do quantificador *tudo* pelo fato deste ser um item não flexionável. De forma semelhante, o substantivo *pessoal* foi desconsiderado por apresentar efeito categórico no sentido de não marcação de plural. Também foram retirados elementos supostamente invariáveis e nomes próprios. Vejamos alguns exemplos a seguir:

Ocorrências do quantificador *tudo*

- (7) Inf – “[...] os deputados tudo não são autoridade...” (MASC/>49/FUND).
 (8) Inf – “[...] joga aqueles dados tudo e seu seguro vai sair...” (MASC/>49/MED).

Ocorrências do substantivo *pessoal*

- (9) Inf – “[...] eu já vi assim os pessoal limpando...” (FEM/15-25/FUND).
 (10) Inf – “[...] tinha uns pessoal lá cantando...” (MASC/>49/FUND).

Dados supostamente invariáveis

- (11) Inf – “[...] pegar dois ônibus pra ir pra lá é meio difícil...” (MASC/7-14/FUND).
 (12) Inf – “[...] só saio mesmo quando chega as férias...” (MASC/7-14/FUND).
 (13) Inf – “[...] eu tirei um sinal nas costas lá na Santa Casa...” (FEM/>49/FUND).
 (14) Inf – “[...] eles tavam pegando patins velhos pra deslizar ali...” (FEM/15-25/MED).

Ocorrências de nomes próprios

- (15) Inf – “[...] você liga pra tal número fala com fulano fala com ciclano fala com beltrano fala no Rio de Janeiro fala no Pernambuco fala até nos Estados Unidos...” (MASC/15-25/FUND).
 (16) Inf – “[...] quando é dia das mães também eles comemoram ali na prainha... dia dos namorados também eles comemoram... dia dos pais... dia das crianças...” (FEM/15-25/FUND).
 (17) Inf – “[...] acho que por isso que a casa dos artistas é mais/ tá mais enfatizado assim do que o Big Brother...” (FEM/15-25/UNIV).
 (18) Inf – “[...] eu já presenciei um assalto ali na na cidade que tava até eu e minha esposa... aí entramos na loja... foi até ali no mercado dos retalho...” (MASC/26-49/FUND).
 (19) Inf – “[...] vai complicar mais ainda então não podemos mexer... aí ele falou assim: ah cê leva lá pro Hospital das Clínica...” (MASC/26-49/FUND).

4.3.2 Variáveis independentes

4.3.2.1 Variáveis linguísticas

Para obter os padrões abstratos do funcionamento da inserção ou cancelamento do morfema plural em sintagmas nominais, consideramos três variáveis internas: posição relativa e linear, saliência fônica e marcas precedentes.

a) Posição relativa e linear

Estudos anteriores, como os de Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013) e Lopes, L. de O. J. (2014), demonstram que a posição ocupada pelo elemento no sintagma nominal interfere na inserção ou apagamento do –S plural. As análises realizadas segundo a distribuição linear mostram uma queda na frequência de marcação de plural à medida que os elementos se situam mais à direita no sintagma, levando os pesquisadores à conclusão unânime que “a variável Posição é a mais importante de todas, no sentido de exercer uma influência polarizada e uniforme sobre a regra de concordância de número entre os elementos do sintagma nominal em Português” (SCHERRE, 1988, p. 146-147).

Contudo, ao reanalisar essa variável linguística, Scherre (1988) percebe que esse tratamento dos dados encobre alguns padrões regulares envolvidos no emprego de marcas de plural, como o agrupamento de itens não nucleares em relação ao núcleo do sintagma e o agrupamento de itens nucleares em função da sua distribuição linear.

À vista disso, decidimos analisar essa variável de acordo com a posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, controlando os seguintes fatores:

Antes do núcleo na 1ª posição

(20) Inf – eles paralisam um pouco as aulas [...] (MASC/7-14/ FUND).

(21) Inf – esse milhões que tão indo pra fora podia ficar era aqui dentro [...] (MASC/>49/MED).

Antes do núcleo a partir da 1ª posição

(22) Inf – [...] puxaram a bolsa dela e pegaram todos os documentos dela [...] (FEM/15-25/FUND).

(23) Inf – [...] provavelmente não vai ter assim as mesma mente que você [...] (FEM/7-14/FUND).

Núcleo na 1ª posição

(24) Inf – Adoro experimentar coisas novas [...] (FEM/15-25/UNIV).

(25) Inf – [...] Não tá tendo mais quarto vazios né? (MASC/>49/FUND).

Núcleo na 2ª posição

(26) Inf – [...] as empresas que tão patrocinando já querem retorno [...] (MASC/26-49/UNIV).

(27) Inf – Eu acho normal cinquenta reais por mês pra fazer a manutenção [...] (MASC/7-14/FUND).

(28) Inf – [...] as gaveta debaixo do móvel é tudo deles [...] (FEM/26-49/UNIV).

(29) Inf – [...] a gente já chegou a ter onze cachorro [...] (MAS/7-14/FUND).

Núcleo a partir da 2ª posição

(30) Inf – [...] na minha casa cai água todos os dias [...] (MASC/15-25/FUND).

(31) Inf – [...] os únicos dois canais que a gente vê mais [...] (MASC/26-49/FUND).

(32) Inf – Só gosto daqueles outros desenhinho. (MASC/26-49/FUND).

(33) Inf – Fiz a dieta né que eu perdi meus quinze quilo [...] (FEM/26-49/MED).

Depois do núcleo na 2ª posição

(34) Inf – Eu acredito que tenha laços eternos mesmo [...] (FEM/26-49/MED).

(35) Inf – [...] eu tirava tipo esse filme a tarde que normalmente na globo aparece e no SBT... são filmes assim repetidos [...] (FEM/15-25/UNIV).

(36) Inf – [...] deveria ter pessoas competente pra negociar [...] (MASC/26-49/FUND).

(37) Inf – Tem marcas mais famosa [...] (FEM/>49/MED).

Depois do núcleo a partir da 2ª posição

(38) Inf – [...] as escolas federais funcionam muito bem [...] (MASC/15-25/UNIV).

(39) Inf – [...] em último caso eu assisto os programas mais críticos assim que fala sobre briga popular [...] (MAS/7-14/FUND).

(40) Inf – [...] nunca fui nesses barzinho novo [...] (FEM/15-25/UNIV).

Os casos de elementos não nucleares pospostos antecedidos por material interveniente foram classificados como posição indireta (coisas muito lindas = segunda posição indireta; os meus amigos mais próximos = quarta posição indireta). Entretanto, como essas ocorrências não possuem quantidade de dados suficientes, optamos por agrupá-las com os elementos de posição direta, como exposto em (35), (37) e (39).

Os numerais que possuem dois constituintes em sua composição (*vinte e um; trinta e cinco; quarenta e dois*) foram considerados como uma única posição. Desse modo, em sintagmas como trinta e cinco reais ou umas vinte e duas balas, consideramos que os elementos nucleares ocupam, respectivamente, a segunda e a terceira posição do sintagma nominal.

Conforme Scherre (1988, p. 223), a influência da variável posição relativa e linear pode ser explicada pela coesão sintagmática, uma vez que “há uma relação direta entre o grau de coesão sintagmática entre os elementos do SN e o número de marcas existentes: quanto mais coesão, mais marcas; quanto menos coesão, menos marcas”. À vista disso, esperamos que os constituintes não nucleares antepostos ao núcleo e os nucleares na primeira posição favoreçam a concordância, enquanto os constituintes não nucleares pospostos ao núcleo e os nucleares a partir da primeira posição desfavoreçam-na.

b) Saliência fônica

O princípio da saliência, formulado por Lemle e Naro (1977) em pesquisa sobre a concordância verbal em português, revela que “as formas mais salientes, e por isto

mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1988, p.64).

A interferência dessa variável sobre a marcação de plural nos elementos do sintagma nominal foi observada, primeiramente, por Braga e Scherre (1976), com base nos processos morfofonológicos de formação de plural. De acordo com as linguistas, itens lexicais como *lugar/lugares*, por exemplo, possuem mais chances de receberem marcas de plural do que itens como *casa/casas* em virtude da maior quantidade de material fônico inserido em sua flexão para o plural.

Diversos outros trabalhos investigaram esse tipo de influência considerando, além da dimensão processos, a tonicidade da sílaba (cf. SCHERRE, 1988). No entanto, até a reanálise efetuada por Scherre (1988), nenhum desses trabalhos avaliou esses dois eixos como uma só variável, constatada pela autora como a análise mais adequada do ponto de vista linguístico e estatístico.

Em nossa pesquisa, com base em Scherre (1988), examinamos as dimensões processos e tonicidade como uma única variável. Classificamos os itens, portanto, segundo a diferenciação de material fônico e a tonicidade da base, ou seja, do item na forma singular, constituindo uma escala de saliência em oito níveis:

Regulares paroxítonos e monossílabos de uso átono

(41) Inf – [...] tem uns peixes aí que não servem pra moqueca [...] (MASC/26-49/FUND).

(42) Inf – [...] aí as perna ficava uma em cima da outra [...] (FEM/26-49/MED).

Regulares oxítonos e monossílabos de uso tônico

(43) Inf – [...] os garis devem ter tido um trabalhão pra limpar. (FEM/15-25/MED).

(44) Inf – [...] teve uma festinha lá que era até pros pai ir [...] (MASC/26-49/FUND).

Regulares proparoxítonos

(45) Inf – [...] a gente finge que tem as câmeras [...] (MASC/7-14/FUND).

(46) Inf – [...] ela estava com três nódulo na tiroide [...] (FEM/>49/FUND).

Terminados em –S (oxítonos)¹⁸

(47) Inf – [...] ligou duas vezes lá pro curso [...] (FEM/7-14/FUND).

(48) Inf – [...] eu tive que ajudar despachar os frequês [...] (FEM/15-25/FUND).

Terminados em –R (oxítonos e paroxítonos)

(49) Inf – [...] ela pega passa o dever e vai pra pra outra sala pra conversar com outros professores [...] (MASC/>49/UNIV).

(50) Inf – [...] vai conhecer outros lugar [...] (MASC/>49/UNIV).

Terminados em –ão (oxítonos)

(51) Inf – [...] colocaram dois balões de oxigênio pra esticar a pele [...] (FEM/26-49/MED).

(52) Inf – [...] fez trinta sessão de radioterapia [...] (FEM/>49/MED).

Terminados em –l (oxítonos e paroxítonos)

(53) Inf – [...] cada um fez um texto sobre os animais [...] (FEM/7-14/FUND).

(54) Inf – [...] tinha sempre dois casal que ia lá [...] (FEM/15-25/FUND).

Duplos (oxítonos e paroxítonos com dupla possibilidade de marcação de plural)

(55) Inf – [...] eu tava me referindo mais aos postos de saúde [...] (MASC/26-49/UNIV).

(56) Inf – [...] a pessoa parece que tem os olho maior do que a barriga [...] (FEM/>49/FUND).

¹⁸ Scherre (1988) desconsiderou de sua análise os casos de *as vezes*. Guy (1981) os considerou. Em nossa pesquisa, também consideramos esses itens, embora devidamente controlados.

Para a variável saliência fônica, esperamos que a concordância seja maior nos vocábulos cuja flexão para o plural é mais saliente do que nos de flexão menos saliente em decorrência da maior diferenciação fônica na oposição singular/plural que os tornam mais perceptíveis, tal como observado em outras pesquisas (FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988).

c) Marcas precedentes

O paralelismo linguístico no plano sintagmático, ou marcas precedentes, refere-se à “tendência de formas similares ocorrerem em conjunto dentro de um trecho do discurso” (SCHERRE, 2001, p.91). Como já mostraram diversas pesquisas de diferentes fenômenos variáveis, a reincidência de formas linguísticas tem se mostrado relevante na escolha de formas subsequentes de mesma natureza, seja nos campos discursivo, oracional, sintagmático ou da palavra (SCHERRE, 1998a).

Na concordância nominal de número, o efeito dessa variável no nível sintagmático, plano observado neste trabalho, demonstra que a presença de marcas de plural favorece a marcação em elementos subsequentes, bem como a ausência de marcas precedentes leva a mais zeros subsequentes, especialmente nos casos de sintagmas com mais de dois elementos (FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; POPLACK, 1980; SCHERRE, 1988, 1998a).

Entre as diversas abordagens adotadas para avaliar a influência da repetição de formas linguísticas no tema em discussão (cf. SCHERRE, 1988), escolhemos a de Scherre (1988), que, baseada em Poplack (1980), observa o efeito da variável marcas precedentes em função da posição.

Nos exemplos dos dez fatores controlados, a seguir, o sintagma nominal está sublinhado, o dado analisado em negrito e o contexto precedente em caixa alta. Antes, porém, é importante informar que separamos os numerais para verificar se o –S final é interpretado como morfema plural pelos falantes capixabas, o que faria os numerais terminados em –S gerarem mais marcas nos itens subsequentes do que os não terminados em –S.

Ausência (não se aplica)

Itens que constam na posição de análise 1. Sabendo que a dupla codificação pode gerar problemas na análise estatística dos dados (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 52-57), para esses casos, usamos o fator não se aplica pelo fato de essas ocorrências serem controladas na variável posição relativa e linear dos elementos no sintagma nominal através do fator antes do núcleo na 1ª posição.

(57) Inf – [...] o problema da violência de uma forma geral poderia ser resolvido se a educação no país melhorasse e as pessoas tivessem um mínimo de condições básicas pra sobreviverem [...] (FEM/15-25/UNIV).

(58) Inf – [...] se você continuar mexendo no filhotes deles... eles te agarram [...] (FEM/15-25/FUND).

Zero precedente na primeira posição

Itens, na posição de análise 2, precedidos de zero.

(59) Inf – eu entro só NESSÉ negócios assim do sítio assim entendeu? (FEM/7-14/FUND).

(60) Inf – [...] não tenho MUITO amigos assim pra acampar [...] (FEM/7-14/FUND).

Sintagma preposicionado com marca formal ou seguido de elemento com marca formal

Itens, na posição de análise 2, precedidos por um núcleo nominal mais alto com marca formal; e itens, na posição de análise 3, precedidos de núcleo nominal mais alto com ou sem marca formal seguido de elemento com marca formal.

(61) Inf – [...] nem o Estado nem a União vai dar esse dinheiro... é um projeto que custa BILHÕES DE dólares... não é um troço barato não [...] (MASC/>49/MED).

(62) Inf – [...] o cozinhar em si é um hábito que depende de UMA SÉRIE DE OUTRAS atividades que são extremamente chatas. (MASC/>49/UNIV).

Sintagma preposicionado com zero formal ou seguido de elemento com zero formal

Itens, na posição de análise 2, precedidos por um núcleo nominal mais alto com zero formal; e itens, na posição de análise 3, precedidos por um núcleo nominal mais alto seguido de elemento com zero formal.

(63) Inf – [...] aí ficaram UM MONTE DE macacos lá atacando todo mundo... ia destruir tudo. (FEM/7-14/FUND).

(64) Inf – [...] tem UM MONTE DE AMIGO meu que é surfista [...] (MASC/26-49/UNIV).

Numeral não terminado em –S

Itens, na posição de análise 2, precedidos de numeral não terminado em –S.

(65) Inf – [...] a escuna você tem que pagar né? por exemplo crianças de CINCO anos eu acho que paga [...] (FEM/15-25/FUND).

(66) Inf – [...] nós dormiu no outro dia a noite ainda... ficamo até CINCO hora da manhã tirando água de dentro de casa [...] (FEM/26-49/FUND).

Numeral terminado em –S

Itens, na posição de análise 2, precedidos de numeral terminado em –S.

(67) Inf – [...] teve uma vez que nós fizemos uma greve que eu tava em Carapina nessa época... nessa época eu fui eu/nós paramos/ eu parei... só que não restou em nada... restou TRÊS dias perdido [...] (MASC/>49/FUND).

(68) Inf – [...] mas não fumo igual eu fumava antigamente né? eu fumava DOIS maço de cigarro por dia [...] (MASC/26-49/FUND).

Apenas uma marca formal precedente

Itens, na posição de análise 2, precedidos de um elemento com marca formal na primeira posição.

(69) Inf – [...] toda essa colaboração que AS pessoas deram pra gente ajudou muito no meu crescimento [...] (MASC/15-25/MED).

(70) Inf – “[...] eu tinha que deixar ele cuidar da vida dele... eu fico botando OS prato dele [...] (FEM/15-25/MED).

Duas ou mais marcas formais precedentes a partir da primeira posição

Itens, nas posições de análise 3, 4,5 e 6, precedidos de duas ou mais marcas formais.

(71) Inf – eu peço fé... NAS MINHAS orações eu vivo pedindo fé direto... que aumenta mais e mais a minha fé. (FEM/26-49/FUND).

essas garrafas plás::ticas vai servir pra poder utilizar eles de novo

(72) Inf – [...] eu gosto de peroá frito agora OS OUTROS peixe não descem muito não. (FEM/15-25/MED).

Mistura de marcas precedentes

Itens, nas posições de análise 3, 4 e 5, precedidos de marcas mediadas por modificador ou de marcas de naturezas distintas, como, por exemplo, zero formal e marca formal, zero formal e numeral, marca formal e numeral. É importante ressaltar que os casos em que o zero antecede imediatamente o elemento analisado não estão incluídos nesse fator.

(73) Inf – [...] uma vez tinha um vaga de recepcionista num hotel na Ilha do Boi quando era novinha... aí eu fui lá mas tinha UMAS QUINHENTAS candidatas [...] (FEM/26-49/MED).

(74) Inf – [...] ele foi lá fez o reconhecimento mostrou a carona dele né? aí acabou e ah era DOIS MOLEQUES novinho [...] (MASC/15-25/MED).

Zero imediatamente precedente a partir da primeira posição

Itens, nas posições 3 e 4, precedidos imediatamente de zero.

(75) Inf – [...] AS MULHER grávidas tem que ter cuidado com a dieta... eu tomava um tal de Natalis com flúor que o médico passava [...] (FEM/>49/UNIV).

(76) Inf – [...] eu pegava uma vídeo aula... vídeo né? que tem um professor dando aula certinho que ensina UNS NEGÓCIO legal e prática né? qualquer instrumento cê aprende mesmo com prática [...] (MASC/15-25/UNIV).

Para a variável marcas precedentes, nossa expectativa, seguindo o padrão identificado nas comunidades urbanas e rurais do Brasil, é encontrar a tendência geral de, no interior do sintagma, a presença de marcas precedentes ao item nominal analisado favorecer a concordância, especialmente a partir da segunda posição em sintagmas com mais de dois elementos, e a sua ausência, opostamente, desfavorecer a concordância.

4.3.2.2 Variáveis sociais

Para examinar a atuação de forças sociais sobre a concordância nominal, investigamos três grupos de fatores sociais, tradicionalmente conhecidos, controlados na composição da amostra PortVix: sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

a) Sexo/gênero

A partir de diversos estudos, de diferentes fenômenos variáveis, Labov (2001b) estabelece três princípios que envolvem a conduta linguística de homens e mulheres:

Princípio 2: “Para variáveis estáveis, as mulheres mostram uma taxa mais baixa de variantes estigmatizadas e uma taxa mais alta de variantes de prestígio do que os homens” (LABOV, 2001b, p. 266)¹⁹.

Princípio 3: “Em mudança linguística acima da consciência social, as mulheres adotam formas de prestígio em taxas mais altas do que os homens” (LABOV, 2001b, p. 274)²⁰.

Princípio 4: “Em mudança linguística abaixo da consciência social, as mulheres usam frequências mais altas de formas inovadoras do que os homens” (LABOV, 2001b, p. 292)²¹.

Com base nesses princípios, verificamos que, em casos de variação estável, as mulheres tendem a usar mais variantes de prestígio e a evitar mais variantes estigmatizadas do que os homens²². Entretanto, em processos de mudança em curso, tanto no nível consciente (*from above*) quanto no inconsciente (*from below*), as mulheres lideram, majoritariamente, o uso de variantes inovadoras.

As mulheres apresentam, portanto, um comportamento duplo: ora são conservadoras e conformistas (*conforming*) com o padrão estabelecido socialmente – estratificação sociolinguística estável –, ora são inovadoras e conformistas ou inovadoras e não conformistas (*nonconforming*) com o padrão estabelecido socialmente – respectivamente, mudança *from above* e mudança *from below*. Labov (2001b, p. 293) denomina essa atitude paradoxal das mulheres de *Paradoxo do Gênero*: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que

¹⁹ Original: For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men.

²⁰ Original: In linguistic change from above, women adopt prestige forms at a higher rate than men.

²¹ Original: In linguistic change from below, women use higher frequencies of innovative forms than men do.

²² Para que esse padrão seja válido, segundo Labov (2001b, p. 270-271), as mulheres devem ter acesso às normas de prestígio. O estudo realizado pelo sociolinguista na comunidade de fala da Filadélfia, Estados Unidos, por exemplo, mostra que as mulheres das camadas sociais mais baixas usam tanto variáveis estigmatizadas quanto os homens.

são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas²³”.

Segundo Scherre e Yacovenco (2011), as mulheres têm outro comportamento duplo: a preferência pela variante de prestígio ou pela variante da comunidade. Tomando como base estudos sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa, do imperativo gramatical e da concordância verbal no português brasileiro, as autoras, sob orientação do Princípio da Marcação, de Givón, observam que

1) Traços linguísticos menos marcados, no sentido de serem menos dependentes das relações interacionais ou mais frequentes ou mais aceitos socialmente, tendem a ser favorecidos pelas mulheres: o *tu* como índice de identidade geográfica, o imperativo associado ao indicativo em contatos dialetais, a presença da concordância verbal.

Generalização: em configurações menos marcadas - e não necessariamente mais prestigiadas - as mulheres estão à frente na variação ou na mudança.

2) Traços linguísticos mais marcados, no sentido de serem mais dependentes das relações interacionais ou menos frequentes ou menos aceitos socialmente, tendem a ser favorecidos pelos homens: o *tu* como índice de interação solidária; o imperativo associado ao subjuntivo em contatos dialetais; a ausência de concordância verbal.

Generalização: em configurações mais marcadas - e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 138-149 – grifos no original).

Dessa forma, para Scherre e Yacovenco (2011), o papel que o sexo/gênero exerce sobre os fenômenos variáveis é orientado não apenas pelo prestígio, como proposto por Labov (2001b), mas também por outros aspectos que circundam o princípio da marcação.

Diante disso, tendo em vista que a presença de marcas de plural é um traço menos marcado e, também, mais prestigiado socialmente, esperamos que na comunidade de Vitória, assim como em outras localidades brasileiras (FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988), as mulheres realizem mais concordância do que os homens.

²³ Original: Woman conform more closely than to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.

b) Faixa etária

Os estudos sociolinguísticos demonstram que a fala das pessoas também varia de acordo com a faixa etária: crianças, jovens, adultos e idosos de uma mesma comunidade falam de maneiras diferentes. Conforme Labov (2001b, p. 101), as mudanças que ocorrem nas relações sociais no decorrer da vida são fundamentais para o entendimento das tendências de uso em cada idade, pois elas operam diretamente sobre as escolhas linguísticas.

Consoante a isso, Chambers (1995, p. 158) afirma que existem três períodos importantes na formação linguística dos indivíduos: infância – fase de aquisição do vernáculo sob influência, inicialmente, dos pais e familiares e, posteriormente, dos professores e amigos; adolescência – etapa de aceleração das normas vernaculares para além da geração anterior, sob influência dos pares; idade adulta – época de padronização da fala.

No português capixaba, podemos observar a atuação desses diferentes ciclos na aquisição e uso das normas linguísticas, bem como no provável afastamento destas na velhice, através do recorte temporal realizado na amostra PortVix, que contempla a fala de crianças (7-14 anos), de adolescentes e adultos jovens se introduzindo no mercado de trabalho (15-25 anos), de adultos já estabilizados profissionalmente (26-49 anos) e de adultos mais velhos que, nos anos 2000, se ainda não tinham se aposentado, não possuíam mais grandes expectativas em relação ao trabalho (>49 anos).

Para além do efeito de cada faixa etária sobre o comportamento linguístico dos falantes, a análise do fator social em questão permite identificar, por meio da análise em tempo aparente, se o fenômeno linguístico investigado indica ser um caso de variação estável ou de mudança em curso.

Os estudos de Naro e Scherre (1991, 2010, 2013) sobre a concordância de número apontam que, nas comunidades brasileiras, há grupos que se movimentam em direção à estabilidade, perda ou restauração, caracterizando um modelo de fluxos e contrafluxos. Nossa expectativa é que esteja acontecendo um processo aquisitivo de marcas de plural em função dos fluxos e contrafluxos em Vitória, assim como

encontrado no Rio de Janeiro (SCHERRE; NARO, 2006) e em Santa Leopoldina (LOPES, L. de O. J., 2014).

c) Escolaridade

Os trabalhos sociolinguísticos evidenciam que os anos de escolarização, como reflexo do letramento de forma mais ampla, exercem forte influência sobre os usos linguísticos dos indivíduos. Embora tenhamos consciência de que o letramento se apresenta em diferentes meios (por exemplo, por meio da escola, de atividades de leitura e do contato com a mídia), neste trabalho, observamo-lo, especificamente, via ensino regular.

De acordo com Votre (2013), promovendo, muitas vezes, o ensino prescritivo, a escola tende a defender o emprego de variantes padrão, que são as formas rotuladas como “certas” pelas gramáticas e manuais didáticos, usadas por membros das classes favorecidas e avaliadas socialmente de maneira positiva. Em contrapartida, costuma não recomendar as variantes não padrão, podendo até mesmo rejeitá-las caso sejam formas classificadas como “erradas” pelos materiais didáticos por serem típicas de pessoas das classes menos favorecidas e, portanto, avaliadas socialmente de maneira negativa. Dito de outra forma, adotando uma concepção homogênea e socialmente mais conservadora da língua, o ambiente escolar, refletindo a visão conservadora da sociedade dominante, tende a preservar a variedade culta em detrimento das demais.

Assim, por ser um assunto abordado no ensino escolar de Língua Portuguesa e, principalmente, pelo valor social atribuído à marcação de plural, a concordância nominal de número variável costuma ser fortemente afetada pelos anos de escolarização. Em decorrência do tempo de contato com a norma padrão da língua, consideramos que o uso de formas de prestígio cresce proporcionalmente à escolaridade dos indivíduos.

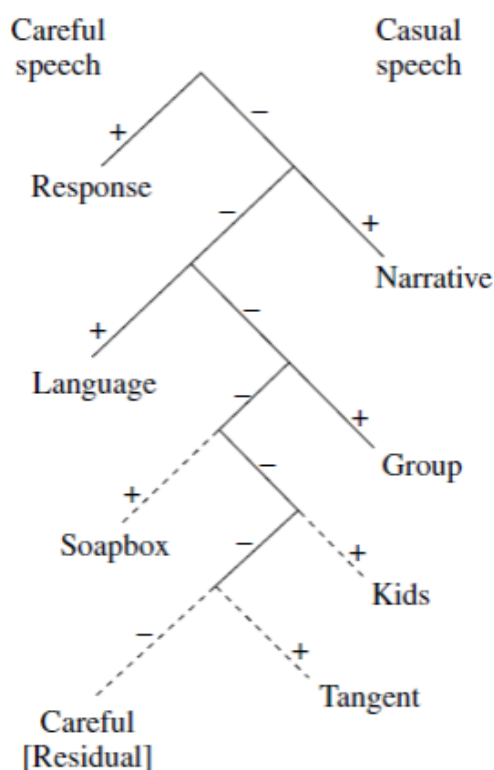
4.3.2.3 Variável estilística

Na análise estilística, codificamos nossos dados com base na Árvore da Decisão (LABOV, 2001a). Tendo em vista a hipótese laboviana de que o audiomonitoramento é diminuído em determinadas partes da entrevista, esperamos que a concordância seja menor em contextos estilísticos propícios ao aparecimento da fala casual – narrativa de experiência pessoal (*narrative*), grupo (*group*), infância (*kids*) e tangente (*tangent*) – e maior nos de fala monitorada – resposta (*response*), língua (*language*), opiniões genéricas (*soapbox*), resíduo (*residual*), os quais serão devidamente exemplificados nas páginas seguintes.

Embora não exista falante de estilo único (cf. LABOV, 2003 [1969], p. 234), postulamos também que o estilo pode atuar de maneira diferente em função do perfil social dos indivíduos. Por isso, escolhemos observar a variação estilística em termos dos anos de escolarização, pois, a nosso ver, das três características sociais estratificadas da nossa amostra, a escolaridade é a que permite depreender, de maneira mais evidente, possíveis diferenças entre os falantes. Nossa expectativa é a de que o trânsito estilístico em direção a mais e menos concordância cresça conforme o aumento nos anos de escolarização, visto que os mais escolarizados têm mais tempo de contato com a norma padrão no ambiente escolar e que a variável aqui analisada é sujeita a avaliação social, em especial pela ampla comunidade de fala urbana.

Ao aplicar a Árvore da Decisão nas entrevistas do PortVix, inicialmente, tivemos como fatores de análise os oito contextos estilísticos formulados por Labov (2001a, p. 94). Para melhor visualização desses contextos, apresentamos, novamente, na Figura 6, o desenho da Árvore da Decisão.

FIGURA 6 – REAPRESENTAÇÃO DA ÁRVORE DA DECISÃO



Fonte: Labov (2001a, p. 94)

a) Ramo de falas não monitoradas (*casual speech*)

Narrativa de experiência pessoal (*narrative*)

No primeiro nó referente à fala casual se encontram apenas as narrativas de experiência pessoal, que consistem em “relatos dramatizados de eventos como percebidos pelo falante”²⁴ (LABOV, 2001a, p.89).

Segundo Labov e Waletzky (1967), tais formatos narrativos apresentam a seguinte estrutura básica: (1) orientação – seção que precede a primeira cláusula narrativa,

²⁴ Original: dramatized accounts of events as perceived by the speaker.

apresenta informações sobre os personagens, o tempo e o lugar dos eventos da narrativa; (2) complicação ou ação complicadora – parte principal da narrativa, relata uma sequência de eventos ocorridos no passado; (3) avaliação – localizada entre a complicação e o resultado ou integrada a este, exhibe a avaliação do narrador em relação ao evento narrado, demonstrando sua importância; (4) resolução – encerra os eventos passados narrados; (5) coda – retorna a comunicação verbal ao tempo presente. Posteriormente, Labov (1997) acrescenta a essa estrutura o componente resumo, que consiste em uma síntese do assunto tratado na narrativa. Desses seis elementos, apenas a presença da ação complicadora é obrigatória.

De acordo com Labov (2001a), no momento da entrevista em que as narrativas de experiência pessoal ocorrem a atenção à fala é mínima, uma vez que o entrevistado, em decorrência do elevado envolvimento emocional, deixa de se preocupar com a forma como está falando, passando a se importar com o que está narrando, como se exemplifica em (77) e (78).

(77) Inf – [...] uma vez um avião deu problema no Rio... aí foi uma confusão que eu não embarcava que o avião tava furado chegou antes do tempo foi uma confusão... aí o avião foi levantar vôo ele não levantou não... se ele levantasse acho que tinha morrido... aí tal espera espera espera espera... aí veio um avião de São Paulo... nós tava já/ nós tínhamos chegado em Vitória cinco e meia quatro e meia **cinco hora**... gente que desistiu porque tinha coisa marcada... até médico marcado... aí esperamos [...] minha filha só sei quando de repente eles deram um dinheiro pro lanche... chamaram a gente... nós corremos só pra pegar o avião o avião novinho... ele deixou o pessoal lá... pegou **os passageiro** que já eram pouco e trouxe aqui... o avião veio em menos de **trinta minutos**... quando o piloto desceu aqui... o avião prerrrr pum!... tem um freio... ele parou quase no meio da pista... eu falei “minha nossa senhora!” [[risos]] porque ele veio com raiva... porque ele teve que vir a Vitória... deixou a gente aqui... nós chegamos aqui era dez **onze hora** da noite não tinha mais ninguém esperando a gente no aeroporto... pegamos um táxi e viemos embora... ele fez em menos de **trinta minuto** porque tinha que voltar no Rio pegar o pessoal e levar pra São Paulo [...]

(FEM/>49/UNIV).

(78) Inf – [...] aí eu tava subindo... na hora que eu reduzi o caminhão de de quinta pra quarta tava subindo o morro... só que o carro tava vazio... aí ele se desgovernou e veio pra cima de mim... só deu tempo de frear... mas só que o carro praticamente parou... ele morreu foi com o impacto dele que a ladeira era muito forte e ele ele tava a mais de sessenta e bateu com **os peito** no no pára-choque do caminhão... aquilo estourou o fígado... o pulmão... pocou tudo nele... só que ele não morreu na hora na hora não... eu socorri ele mas morreu... entrou sete e dez no hospital e morreu meio dia... eu fiquei **umas três semana** sedado que toda hora que eu abria o olho eu lembrava dele entrando debaixo do caminhão de frente.
(MASC/26-49/FUND).

Grupo (group)

O segundo contexto de fala casual da Árvore da Decisão, correspondente às situações A1 e A2 da abordagem laboviana de 1966 (LABOV, 2008 [1972], p. 111-116), contempla as falas com terceiras pessoas e as dirigidas ao entrevistador fora da entrevista formal. Em nossa amostra, os casos aqui inseridos são referentes às trocas entre entrevistado-interveniente e entre entrevistado-entrevistador antes ou durante a entrevista formal com interrupção.

(79) Inf – [...] não tem adaptador de tomada não?

E1 – tenho... só que tá faltando um negocinho desse aqui.

Inf – um adaptadozinho.

E1 – é.

Inf – seria mais fácil se vocês conseguirem adaptador... cês iam economizar muito mais que a pilha... um adaptador desses deve ser no máximo **cinco reais**... uma pilha dessa aí é seis.

E2 – é verdade ... compra um pacote de pilha

E1 – difícil é ir no centro

Inf – tão longe [[risos]] de todos

E1 – perto da sua casa... não é tão longe [[risos]]

Inf – é... com certeza [[risos]]

E1 – vamo lá?

Inf – vamo

E1 – eh... hoje o tema é cultura...

(MASC/15-25/UNIV).

(80) E1 – barulho engraçado né?

Inf – é horrível... ainda bem que ninguém dorme aqui... esse quarto é mais assim pra estudar... coisa que não dá no dia que tá chovendo por causa que a chuva bate **nesses negocinho** de alumínio então faz muito barulho... **as vezes** não tá chovendo nada... agora quando tá chovendo você tem que trancar a casa inteira porque fica o maior barulho [...]

E1 – ai ai... aí vamos lá... eh... sobre cultura né? qual assim programa de televisão que você mais gosta?

(FEM/15-25/UNIV).

Infância (*kids*)

O terceiro nó estilístico de fala casual contempla os segmentos que tratam sobre o tópico infância, mais especificamente, jogos ou experiências da infância contadas do ponto de vista infantil. Uma pista importante para distinguir a perspectiva infantil da adulta é verificar se o conteúdo contado apresenta os pronomes *nós* e *a gente* em vez de *eles*, conforme assinalado por Labov (2001a, p. 91).

É importante esclarecer ao leitor que inserimos aqui todas as passagens que envolvem a temática infância proferidas por falantes de 7-14 anos, independentemente da presença dos pronomes *nós* e *a gente*, pois a faixa etária indica que o relato é contado do ponto de vista infantil e não adulto. Além disso, cumpre observar que, para informantes de outros segmentos etários, consideramos relatos de infância na perspectiva adulta os casos em que a situação narrada é trazida para o plano atual.

(81) E2 – acho que a primeira pergunta né como é que a brincadeira?

I – a brincadeira é assim/ o seguinte... você pega e roda... aí

E2 – roda o que?

I – roda a garrafa... bota a garrafa ou chinelo... aí ligou... são **dois tipos**... tem **aqueles tipo** que vai na porta cê roda assim... quem sair você vai... e tem aquela que ele roda... aí tipo assim parou né? a pessoa que tá lá faz a pergunta pra mim... não quero responder... pago a consequência [...]

(MASC/7-14/FUND).

(82) E2 – e vocês costumavam fazer o quê juntos?

Inf – muita coisa ... brincar de pique... fazer muita bagunça

E2 – mas eles estudavam no mesmo colégio que você?

Inf – não... eram meus vizinhos... eh a gente saía demais... como perto da minha casa tem muito mato a gente ia pra lá pro meio do mato lá e não queria sair [[risos]]...

deixava deixava **nossos pais doidinhos**

(MASC/15-25/MED).

Tangente

O quarto e último ramo de fala casual contempla os trechos em que o entrevistado começa a falar sobre um assunto que difere do último iniciado pelo entrevistador, conduzindo a entrevista para um tópico de seu próprio interesse.

(83) Inf – é por volta de cinco até umas sete sempre fica engarrafado

E2 – é sempre... eu moro lá em Jacaraípe

Inf – é?

E1 – aí tem que pegar aquela Fernando Ferrari... aí quando dá lá em baixo... Goiabeiras... já tá tudo congestionado

Inf – você mora em Jacaraípe mesmo?

E1 – Jacaraípe

Inf – Nossa eu já curti tanto Jacaraípe gente quando eu tinha **uns quatorze anos**...

E1 – gosta de praia?

Inf – de passar verão lá... de conhecer muita gente... fiquei **muitos anos** em Jacaraípe... nossa é muito bom lá... foi muito bom... acho que agora caiu muito Jacaraípe ficou muito feio.

E2 – é eu acho que quando abriu aquele espaço com outro bairro e tal o pessoal de Feu Rosa [[ininteligível]]

Inf – é... ih ia muito pro casebre também eu ia

E2 – mas o casebre ainda é bom

Inf – ainda é bom... é tem uma amiga minha que tem uma casa lá... [[ininteligível]] a gente sempre vai pra lá no verão... ainda é legal... mas já foi muito melhor nossa né?

E1 – e em relação/a gente voltando ao trânsito... o que você acha que fa/o governo deve fazer pra diminuir um pouco isso? [[ininteligível]]

(FEM/15-25/UNIV).

(84) E1 – cê nunca teve assim horário?

Inf – não... tem regras... tem regras né? cê/ quando cê é mais novo ah não pode sair... cê pode chegar em casa tal horário... sai com sua irmã... sai com amigos... um conhecido nosso... tem disso né? tem que ter [...]

Inf – vocês tem **quanto anos as duas**?

E1 – eu tenho 21

E2 – eu tenho 20

Inf – ah você tem idade pra dirigir já

E1: eu tenho carteira só não tenho carro... o carro tá em Guarapari [[risos]] e gasolina? cê acha que eu tenho condições?

Inf – ah sim... mas aí você reparte com ela em vez de pagar passagem [[risos]]

E1 – fica muito caro

E2 – a gente já rala pra pagar passagem

Inf – é

E2 – falando sobre alimentação você acha que brasileiro se alimenta BEM?

(MASC/15-25/UNIV).

b) Ramo de falas monitoradas (*careful speech*)

Resposta (*response*)

O primeiro nó da Árvore da Decisão correspondente à fala monitorada abarca os primeiros enunciados realizados pelos informantes após a pergunta do entrevistador, independentemente do contexto estilístico que se enquadre o restante da produção oral. No exemplo fornecido por Labov (2001a), reproduzido a seguir, podemos observar que o período de resposta, sinalizado pelos colchetes, não compreende um segmento de fala muito pequeno.

Entrevistador: Você tinha um professor preferido?

Informante: Um professor preferido? (Uma freira favorita). Freira favorita. Irmã Ursula. (Irmã quem?) [Ursula. Ela era uma irmã idosa e ela era muito, muito legal]. Muitas vezes ela me deu umas palmadinhas e uh (você provavelmente merecia isso também). É. “Em” - quando eu era mais velho, estávamos uh - bem como uh - você sabe, na minha adolescência ainda eu estava uh, com minha mãe e meu pai. Bem, ela costumava parar em nossa casa, Irmã Ursula, e uh - nós estávamos falando lá fora e uh. Ela estava falando sobre mim, você sabe, ela me ensinou [...] (LABOV, 2001a, p. 90 – grifos no original, adaptado)²⁵.

Conforme registrado por Labov (2001a, p. 89), tal evento de fala deve ser mais do que um feedback ou eco, como pode ser observado nos exemplos de (85) a (90).

(85) E1 – Ah foi assim... conseguiu tirar.

E2 – Agora você vai falar melhor?

Inf – *É porque tem **as presilhas** aqui... assim em cima aqui prende [...]*

(MASC/7-14/FUND).

²⁵ Original: IVER: Did you have a favorite teacher?

T.M.: A favorite teacher? (A favorite nun). Favorite nun, Sister Ursula. (Sister who?) [Ursula. She was an elderly sister and she was very, very nice]. Many a time she patted me and uh (you probably deserved it too). Yeah. Em – when I was older we were uh-well as uh – you know, in my teens yet I was uh, with my mother and father. Well she used to stop in our home, Sister Ursula, and uh – we were talking out there and uh, she was talking about me, you know, she taught me [...]

(86) E1 – Quem te ensinou? Foi o médico?

Inf – *Não... foram pes/ amiga minha que entende **desses negócio**.*

E1 – Ah [[risos]]

Inf – [[risos]] O médico faz pra ela.

(FEM/26-49/UNIV).

Nem sempre é simples separar a sentença de resposta, pois, normalmente, como já apontado por Valle e Görski (2014, p. 108), o limite entre o fim da resposta e a continuação do trecho de fala não é tão evidente. Para uniformizar, adotamos como critério de classificação a presença de marcadores discursivos ou de interjeições, ou seja, colocamos no primeiro nó da árvore os dados que se encontravam até esses elementos na sentença. Cumpre pontuar que estamos considerando aqui como marcadores discursivos, com base na perspectiva de Risso, Silva e Urbano (2006), tanto itens de natureza conectiva, que desempenham função sequenciadora, quanto elementos de natureza interacional, que indicam “nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte” (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 408).

Nos exemplos de (87) a (89), o segmento de resposta vem em itálico, o marcador discursivo ou a interjeição em caixa alta e os dados de análise do sintagma nominal em sublinhado e negrito.

(87) E1 – e você acha que você se dá muito bem nessa área de ciências por quê? o que que te atrai?

Inf – *eu/ não não eu sou bom em **todas as matérias** **NÉ?** mas em matemática eu sou pra/ eu sou bom e um pouquinho ruim entendeu?*

(MASC/7-14/FUND).

(88) E1 – e você gosta de nadar no mar também ou só em piscina?

Inf – eu prefiro piscina... mas é que eu tenho alergia aí arde um pouquinho... mas agora parou de arder um pouco.

E1 – mas arde o que?

Inf – os machucado... Aí eu prefiro a piscina... só que é melhor a praia do que a piscina porque a praia ajuda a manter o corpo livre e a piscina piora por causa do cloro (MASC/7-14/FUND).

(89) E1 – e o que você acha do atual sistema educacional?

Inf – [[risos]] *já foi melhor... como dizem nossos pais já foi muito melhor..* AH... o sistema público digamos assim... as escolas federais funcionam muito bem né... mas o nível estadual principalmente não/ não é muito bom mesmo... não tem uma remuneração boa então o profissional não se dedica [...].

(MASC/15-25/UNIV).

Em alguns momentos da entrevista, contudo, não foi possível utilizar esse critério, visto que há passagens em que esses elementos não aparecem logo na parte inicial da fala dos informantes. Nesses casos, optamos por delimitar o final de uma sentença como o limite do trecho correspondente à resposta, o que pode ser mais bem observado na passagem (90).

(90) E2 – você gostaria de viver eternamente?

Inf – não

E2 – nem se fosse muito legal?

Inf – não não... não é bom não

E2 – é... por quê?

Inf – *não sei a gente/ chega uma hora que você você começa a achar que as coisas tão ficando muito diferente demais... não sei... não sei como é que... como é que que é o/ o que que eu acho dum cara daqui a mil anos... vai ficar sentado lá no computador... vai ficar com o dedão comprido... o olho grande assim... branquinho... [[ininteligível]] eu vou ser diferente desse cara... é por isso... então se viver eternamente você você não muda e todo o mundo vai mudando*

(MASC/>49/UNIV).

É importante mencionar que o critério formulado por Labov (2001a) para o contexto estilístico resposta, a saber, primeira sentença que segue a fala do entrevistador, não é sempre adequado, visto que, durante as entrevistas, há ocasiões em que, antes de responder ao entrevistador, o falante profere sentenças que indicam apenas o começo da formulação de seu pensamento. Além disso, tal como já discutido por Valle e Görski (2014), há também situações em que o entrevistador faz perguntas durante a fala do entrevistado que funcionam como incentivo para o prosseguimento de seu relato e não como um questionamento em si. Consideramos que casos desses tipos, exemplificados em sublinhado em (91) e (92), não devem ser rotulados como resposta, mas sim como resíduo e narrativa de experiência pessoal, respectivamente.

(91) E1 – e o sítio do pica-pau amarelo? você já chegou a assistir?

Inf – assisti mas faz tempo

E1 – você gostou?

Inf – não [[risos]]... não cheguei a gostar não

E1 – mas por quê?

Inf – como é que eu posso explicar?... *achei **umas histórias** muito mais pra criança sabe?*

(MASC/15-25/MED).

(92) Inf – [...] essas bicicletas de alumínio chamam muita atenção dos pivetes né?... aí tavam assaltando lá do outro lado... aí os carinha... os meus colegas né? falaram né... é que eu tava lá na frente né? aí eles falaram que tinha tinha visto eles com uma bicicleta... aí eles eles me alcançaram lá “corre corre corre corre que que tem uns pivetes aí atrás querendo pegar bicicleta”... aí só sei que não vi nada... aí eles foram ali pelo/ pela/ pelo ali pelo/ pro porto né? ali onde passava trem antes... e eu fui pelo/ pelas entradinhas do americano batista ali que passa pelo parque Moscoso vindo pra cá... aí só que aqui o pessoal viu o que tinha acontecido lá... eu sabia eu sabia o que tinha acontecido... eu cheguei eu cheguei aqui com o coração na mão

E1 – mas eles mas eles tinham visto os pivetes roubando a bicicleta?

Inf – roubando a bicicleta do outro lado assim... do lado ali do porto onde tem ali um ponto de ônibus... ali na entrada do porto tem aquele caminho ali do meio... tem a outra travessia ali do meio e tem a outra travessia lá na frente

E1 depois da água ?

Inf – é... aí eles viram lá do outro lado assaltando... aí os pivetes viram eles... aí eles falaram que viram eles né do outro lado... aí eles falaram “oh lá”... aí os caras correndo atrás deles... aí eles me alcançaram com a bicicleta e falaram “corre corre que tem uns pivetes vindo aí” a gente entrou/ eu entrei numa rua e eles foram pra outra... eu até fiquei com medo porque eu tava vindo sozinho entendeu? passando por ali... (MASC/7-14/FUND).

Língua (*language*)

O segundo contexto estilístico do ramo de fala monitorada, que envolve conversas sobre a língua, não foi muito produtivo na amostra PortVix. Encontramos apenas o excerto (93) envolvendo esse tópico.

(93) E1 – e você concorda com essa coisa que dizem que capixaba não tem identidade... que o capixaba não é mineiro... não é carioca... não é paulista?

Inf – eu não concordo não... tem... tem... tem... muito sutil... mas ele tem... sua... a sua marca... sim... tem... não muito no sotaque né... apesar de que... tem algumas... **algumas coisas** que a gente fala que... o pessoal de fora... até nota... muita diferença... a gente não... a gente diz que... a gente não tem sotaque... mas o pessoal de fora consegue notar alguma coisinha... eu falo do sotaque... mas... o::... o restante tem... tem... tem... tem... particularidade... culinária... na música (MASC/15-25/UNIV).

Opinião genérica (*soapbox*)

O terceiro nó da Árvore da Decisão que representa a fala monitorada é, segundo Labov (2001a), um dos que mais abrange o conteúdo das entrevistas sociolinguísticas. De acordo com o autor, as pistas para reconhecer esse nó, que abarca sequências argumentativas dirigidas à audiência mais ampla, são os tópicos discursivos comuns – corrupção, violência, religião e comportamento de minorias –, o aumento no volume da voz e a repetição retórica.

Com essa mescla de critérios de naturezas distintas, tivemos grande dificuldade em identificar com precisão as opiniões genéricas. Após diversas releituras do texto laboviano, *The anatomy of style-shifting*, percebemos que, ao fazer a contextualização do exemplo dessa categoria estilística, Labov (2001a, p. 91) declara que a informante utiliza o estilo opinião genérica “para expressar um ponto de vista mais liberal, como indicado em itálico”²⁶. Reproduzimos, abaixo, o excerto utilizado:

Entrevistador: Como seu pai se sentiu em relação a isso?

Entrevistado: [Eu não acho que ele era eh – tão intolerante assim, você sabe, mas ele era rígido uh, vivendo na religião dele.] Ele era um católico praticante e eh – mas aah – quero dizer ele não imaginaria que uma pessoa não era boa porque não era católica, uh – como muito do que se passou naquela época. *Hoje eles estão tentando dissipar muito daquilo ehh –, o que é uma coisa boa, eu acho, porque a única coisa que mantém as pessoas separadas é a ignorância e se você dissipar a ignorância seu – seu problema está superado. Uh. E então para provar isso – uh – eu não ligo muito para futebol americano, e as pessoas ficam malucas com isso, bom eu – a única razão para eu não ligar isso é a ignorância porque eu nunca fui fundo em saber sobre a primeira descida, segunda descida, e saber sobre as reais regras do jogo. Se eu fizesse isso, uh – eu provavelmente iria gostar tanto quanto qualquer outro, mas o fato de eu não saber essas coisas, me faz ignorante sobre o jogo, e a mesma coisa se aplica a uma pessoa. Se você não conhece uma pessoa, você é ignorante em relação ao tipo de pessoa que ela é, e você prefere ignorá-la a descobrir quem ela é, porque é protestante ou é católico ou é qualquer outra coisa, e se você parasse e conversasse com ela, e descobrisse que – uh – que pessoa bela ela é, a religião não teria nada a ver com isso (LABOV, 2001a, p. 91 – grifos no original, adaptado)²⁷.*

Como podemos observar, no fragmento em questão há diversas marcas de primeira pessoa. Se fizemos a leitura correta, o que mais importa na hora de determinar se um dado trecho argumentativo se enquadra ou não no contexto opinião genérica é o fato

²⁶ In this example, T.M. takes the Soapbox style to express a more liberal viewpoint, as indicated in italics.

²⁷ Original: IVER: How did your dad feel about it?

T.M.: [I don't think he was so much eh – to a bigoted quite, you know, but he was a strict on uh, livin' up to his religion.] He was a practical Catholic and ehh – but aah – I mean he wouldn't figure anyone was no good because they weren't Catholic, uh – like a lot of that went on in those days. *Today they're trying to dispel a lot of that which ehh- is a good thing, I think, because the only thing that keeps people separated is ignorance and if you dispel the ignorance your – your problem is licked. Uh. And then to prove that – uh – I don't care a lot for football, and people that go crazy over it, well I – the only reason I don't care for it is ignorance because I never went so deep into finding out about first down, second down, and what the rules of the game really are. And if I did this, uh – I would probably like it as much as anyone else, but the fact I don't know these things, and it makes me ignorant of the game, and the same with a person. If you don't know a person, you're ignorant of what type of person that person is, and rather than try to find out, you just ignore him because he's Protestant or he's Catholic or he's whatever, and if you would stop and talk to that person, and find out what – uh – what a beautiful person they are, and the religion has nothing to do with it.*

de ele reproduzir o modo de pensar da maioria das pessoas sem aprofundamento crítico. À vista disso, além de falas dirigidas a uma audiência mais ampla, inserimos nesse contexto estilístico passagens que contêm opiniões do senso comum, independentemente da presença de marcas de primeira pessoa do singular, como exposto nos exemplos de (94) a (98). Reconhecemos, entretanto, que esses trechos são passíveis de discussão, pois, considerando que não há critérios linguísticos bem definidos para caracterizá-los, sua codificação foi feita de maneira intuitiva seguindo maximamente a proposta laboviana. O próprio Labov (2001a), como já mencionado, aponta que a categoria opinião genérica, por possuir critérios menos objetivos, necessita de refinamento. Vejamos, a seguir, alguns exemplos da nossa pesquisa, nos casos de (94) a (98).

(94) E2 – mas você acredita no tal amor eterno?

Inf – eu acredito... tem que acreditar né? pô eu acho que o melhor **pras duas pessoas** é que elas se encontrem realmente e constituem família e tal... a base da sociedade é a família né? eu acho fundamental... eu sonho também casar e ter filhos [...] (MASC/15-25/UNIV).

(95) E1 – E cê mora aqui perto do quartel né? Cê acha que morar perto de um quartel...

Inf – Podia morar até dentro do quartel que não tinha jeito... a pessoa fica espantada de todo jeito aí acontece... já vi muito ali assalto na beira do quartel ali... gente assaltando na beira do quartel... quer dizer... perderam a noção do tempo... **os bandido os ladrão** perderam a noção... eles pode tá do lado da delegacia que tão assaltando matando... então perderam a noção do tempo.

(MASC/26-49/FUND).

(96) E1 – [...] se mudar o rumo da política agora com eleição de outro tipo de político você acha que isso pode começar a melhorar?

Inf – difícil... acho que com a eleição muda os governantes²⁸... pode ser que haja uma melhoria aqui ou ali pontualmente mas tem que ter uma mudança substancial... pelo

²⁸ O sintagma **os governantes** foi codificado no nó resposta por estar no primeiro trecho de fala após a pergunta do entrevistador.

menos **os candidatos** que nós tamos vendo [[risos]] hoje aí chegando acho muito difícil.

(MASC/26-49/UNIV).

(97) E2 – e sobre o relacionamento de homossexuais qual é a sua opinião?

Inf – ah... não faço muita objeção não... eu acho que todo o mundo tem que fazer o que dá na telha mesmo... se não se ficar retendo muito **as coisas** faz mal... tá aí tá muito em voga essa questão de já com filho né? realmente essa questão de filho [...]

(MASC/15-25/UNIV).

(98) Inf — desde pequeno a gente detesta comer verdura né? então isso aí tudo fica na gente né? verdura... fruta... eu por exemplo não considero uma fruta como alimento... **às vezes** o estrangeiro pega **essas mangas bonita** que são exportada né? o cara janta uma manga daquelas... faz uma/ como se fosse uma saladinha e come com a manga... a gente não... a gente acha que uma fruta é uma coisa assim supérflua né? é uma sobremesa não é uma refeição.

E1 — tipo uma sobremesa

Inf — e não é... **muitas frutas** são **verdadeiras refeições**... aliás no exterior elas são usadas em refeição [...]

(MASC/>49/UNIV).

Resíduo

Como registrado por Labov (2001a), o resíduo, último contexto estilístico da Árvore da Decisão, situado no ramo de fala monitorada, abarca todos os trechos da entrevista não encaixados em nenhum dos contextos anteriores. Dessa forma, abrangendo um material diversificado, este nó não possui um traço estilístico uniforme. No nosso resíduo, nesta etapa do trabalho, colocamos, por exemplo, exposições, descrições, opiniões pessoais e narrativas de diversas naturezas, à exceção das de experiência pessoal.

(99) E1 – Você costuma utilizar remédios por sua conta mesmo?

Inf – só remédio de dor de cabeça... que eu sempre tenho dor de cabeça... eu sempre tive desde que eu me entendo por gente... estudante usava óculos e tenho dor de cabeça... aí quando eu tenho dor de cabeça eu tomo qualquer um... agora **outros remédios** não... só tomo remédio quando o médico manda.

(FEM/>49/UNIV).

(100) E1 – a história é mais ou menos como?

Inf – a história de um anel que dá super poderes... como se fosse o poder do mal... como se fosse vamos dizer que aqui prá gente hoje seria o diabo o capeta sei lá entendeu? o poder do mal e ele perde esse anel... o anel some não sei **quantos mil anos** mas um cara encontra... então aquilo começa a reviver... o cara tentando recuperar o anel pra dominar o mundo e botar tudo no mundo da escuridão que eles falam **das trevas**... então ele vai a primeira parte é exatamente ele ele vai fazendo essa busca lá trás contado a história e já começa com o menino que recebe a missão lá do anel de tomar conta do anel que o anel tem que ser destruído no no chama da onde ele foi forjado lá entendeu? então ele vai mostrando toda essa trajetória dele tentando chegar lá com o anel pra poder destruir o anel pro bem vencer o mal... eu não li o livro também né? tem no livro ali né?

(MASC/26-49/UNIV).

Após a aplicação desses contextos estilísticos, percebemos que mais de 60% dos dados se encontravam retidos no resíduo. É válido lembrar que, conforme citado no capítulo do referencial teórico deste trabalho, o próprio Labov (2001a), ao avaliar o seu modelo metodológico, já reconhece a necessidade do refinamento dessa categoria.

Decidimos, posteriormente, remodelar a Árvore da Decisão laboviana, retomando as reflexões teórico-metodológicas sobre variação estilística situadas em Görski, Coelho e Souza (2014). Cumpre pontuar que não iremos propor aqui uma nova figura para a Árvore da Decisão por não ser este o nosso objetivo. Neste momento, estamos interessados, especificamente, em fazer o controle de possíveis falas residuais que podem vir a ser exploradas em pesquisas sociolinguísticas que busquem investigar

efeitos estilísticos na situação de entrevista. O redesenho da árvore, portanto, fica como reflexão para estudo futuro.

Podemos dizer que os gêneros textuais foram os norteadores de nosso estudo num primeiro momento. Antes de tecermos algumas considerações sobre isso, convém fazermos a distinção entre gênero e tipo textual ou sequência textual.

Segundo Marcuschi (2010), gêneros textuais são textos com estruturas relativamente estáveis que correspondem a uma determinada esfera comunicativa, enquanto tipos textuais são as sequências linguísticas pelas quais esses textos são constituídos. A caracterização mais detalhada dessas noções pode ser vista no Quadro 5, a seguir:

QUADRO 5 – DISTINÇÃO ENTRE GÊNERO TEXTUAL E TIPO TEXTUAL/SEQUÊNCIA TEXTUAL

Tipos textuais	Gêneros textuais
1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Marcuschi (2010, p. 24)

Considerando que a entrevista sociolinguística, nos termos de Tavares (2015), é um macrogênero, selecionamos três gêneros textuais do resíduo para investigação: as narrativas habituais, as narrativas vicárias e o relato de opinião pessoal.

Dantas e Gibbon (2014, p. 156) observam que na entrevista sociolinguística há “outros formatos de fala narrativa que, juntamente a outras textualizações (opiniões, exposições de procedimentos, etc), condicionam em certa medida a variação estilística”. Para os autores, semelhantemente às narrativas de experiência pessoal, as narrativas habituais e vicárias podem estimular o surgimento de uma fala mais casual caso tratem de um assunto relevante para o informante.

A fim de verificar se esses formatos narrativos se comportavam como os trechos de fala monitorada ou como os de fala casual, aproximando-se, respectivamente, com a hipótese de Labov (2001a) ou com a ideia de Dantas e Gibbon (2014), retiramos os dois gêneros narrativos do resíduo. Removemos, também, os relatos de opinião pessoal, pois, além de corresponderem à grande parte da entrevista, gostaríamos de observar se há diferenças estilísticas entre as sequências argumentativas desse gênero e as da categoria opinião genérica.

Mesmo após essa abertura do resíduo, uma enorme quantidade de dados ainda se encontrava nele. Em virtude disso, retiramos desse ramo algumas sequências expositivas/descritivas. Nesta etapa, com as sequências textuais no centro de nossas decisões, removemos tanto sequências expositivas/descritivas mais objetivas quanto mais subjetivas com o intuito de observar as diferenças de efeitos sobre a variação linguística. Para a análise dos dados, amalgamamos as diversas sequências em duas categorias: sequências expositivas/descritivas de caráter geral e sequências expositivas/descritivas de caráter pessoal.

Sendo assim, o estilo contextual resíduo ficou subdividido nos seis fatores listados a seguir.

c) Ramo de falas residuais remodeladas (*residual*)

Narrativa habitual

As narrativas habituais, denominadas *pseudo-narrativas* por Labov, consistem em “relatos de eventos que se diz ocorrerem habitualmente”²⁹ (LABOV, 2001a, p. 90). Adicionamos aqui, portanto, passagens que descrevem situações que ocorriam cotidianamente na vida do informante.

(101) E1 – [...] assim alguma coisa engraçada que você fez ou que você viu com um colega... alguma coisa assim ... você gostaria de falar pra gente?

Inf – coisa engraçada? [...] na sala também eu sou assim... eu gosto muito de alegrar **as pessoas**... eu não gosto de ficar caído assim... aí na sala eu fazia palhaçada assim dançava no meio da sala... nossa era muito legal... que nem quando aquela música “morango do nordeste” tava [[ininteligível]] aí quando eu descia sem querer eu começava a cantar... aí teve um dia que eu cantei igualzinho a Lairton né? o nome dele... aí todo mundo falava “vão lá... canta a música canta a música”... “aí agora eu não lembro mais como é que é”... nossa era muito legal

(MASC/7-14/FUND).

(102) [...] fazer eu faço se precisar de fazer arroz feijão frito macarrão bife carne até porque minha juventude toda assim... chegava época de férias eu pegava e ia pra Guarapari sozinho então fazia uma compra monstro... **meus pais** nunca iam... tinham apartamento lá... aí ia sempre dois **três amigos**... ficava sozinho no apartamento eu cozinhava e **os caras** lavavam... eu falava “bicho pode deixar que eu faço a comida mas não me bota pra lavar prato não” [[risos]] aí eu fazia aquela bagunça **os caras** “pô cozinha mas faz menos bagunça né?” falei “pô tá reclamando?”... então sempre me virei na cozinha assim eu sei preparar alguma coisa

(MASC/15-25/UNIV).

²⁹ Original: accounts of sequences that are said to habitually occur, as in *we'd put up the 2x4's first...*

Como vemos, no fragmento (101), ao responder à entrevistadora se tem lembranças engraçadas, o informante narra um acontecimento vivido no ambiente escolar. Já no fragmento (102), o falante está afirmando que não tem grandes dificuldades na cozinha e narra o que costumava fazer em épocas de férias. Por não contemplarem um fato episódico e não envolverem a temática infância, para Labov (2001a), essas narrativas devem ficar no resíduo, categoria do ramo de falas monitoradas. Entretanto, acreditamos que os informantes podem se envolver emocionalmente ao lembrar os fatos passados que viveram, ainda que em grau diferente ao das narrativas de experiência pessoal. A presença de comentários avaliativos no relato (101), como “nossa... era muito legal”, sugere que nele há certo envolvimento emocional. No entanto, devido ao tempo exíguo do mestrado, por ora, não fazemos uma distinção entre narrativas habituais com e sem envolvimento emocional.

Narrativa vicária

Outro formato narrativo abordado na remodelação da Árvore da Decisão é a narrativa vicária, que diz respeito às narrações sobre acontecimentos passados vividos por terceiros, não testemunhados pelo entrevistado³⁰ (LABOV, 2001a, p. 90). Além das sequências com essas características, incluímos nesse contexto estilístico os trechos que tratam de narrativas biográficas e as narrações de fatos ocorridos com terceiros, mas que foram testemunhados pelo entrevistado.

(103) E2 – E a senhora conhece alguém assim que já foi curado?

Inf – Na minha família tem um rapaz um sobrinho do meu marido... quando ele tava acho com **uns dezessete dezoito anos** apareceu uma doença nele... aí **os médicos** falaram que era um câncer que era um câncer muito grande tumor grande entre **os dois pulmões** mais que eles iam abrir pra operar... aí abriram falaram que não podiam fazer nada porque não tinha mais jeito que não ia ter jeito não... tava pra tentar tirar porque tava já muito alastrado... aí deixaram... aí começou todo mundo a orar muito **todas as igrejas** a família muito grande muita gente... e um de uma igreja outro de

³⁰ Original: narratives of vicarious experience, where the speakers rehearse events that they did not actually witness.

outra pediram **as orações** em **todas as igrejas**... ele precisou fazer muita radioterapia fez quimioterapia fez radioterapia mais falaram que ele nunca nem podia ter filho porque ele tomou muita radiação... ele ficou bom... sarou... depois de **alguns anos** ele casou... hoje ele mora nos Estados Unidos... teve um filho que coisa linda... eu falo só um filho muito sadio muito bonito... acho que tem **uns sete anos** e ele já tem **uns quarenta quatro anos**... acho **quarenta três anos** aí.
(FEM/>49/UNIV).

(104) E1 – é aquela sua irmã que estava aqui naquele dia?

Inf – [...] ela operou... tem **três meses** que ela fez tiróide ... aí quando o médico disse que ela estava/ que precisava de operar que ela estava com **três nódulo** na tiroide... aí ela foi e falou assim... e o marido preocupado “você não faz”... ela falou “vou fazer... vou tranquila”... aí ela foi operou e já está boa [...]
(FEM/>49/FUND).

Labov (2001a) considera que esse gênero narrativo não provoca queda na atenção à fala devido ao fato de os relatos narrados não terem acontecido com o próprio falante. Consideramos válido esse pensamento para os casos que a narrativa envolve pessoas desconhecidas do informante e fatos não testemunhados por ele. Contudo, consideramos que esse raciocínio não é correto quando o relato contado foi testemunhado pelo entrevistado ou ocorreu com pessoas próximas a ele, visto que essas duas situações podem levar a pessoa que narra a se envolver emocionalmente e, por conseguinte, a proferir uma fala mais casual.

Como nosso interesse de estudo, neste momento, é observar se a tendência geral das narrativas vicárias nos dados do nosso *corpus* é refletir a fala monitorada ou a casual, não realizamos um estudo detalhado dessas narrativas. Todavia, consideramos que, para o futuro, seria bastante interessante examinar esses aspectos para que possamos entender um pouco mais da influência estilística sobre a concordância nominal.

Opinião pessoal

O nó estilístico destinado à opinião pessoal compreende sequências textuais argumentativas, nas quais os informantes defendem seu ponto de vista sobre determinado assunto. De acordo com Cavalcante (2012, p. 67), as sequências argumentativas são estruturadas, de forma geral, em três partes, a saber: (1) tese – apresentação do conceito a ser defendido; (2) argumentação – exposição de diversos argumentos a fim de convencer o leitor/ouvinte; (3) conclusão – retomada da tese. Vale destacar que nem sempre todos esses componentes aparecem e/ou são organizados nessa ordem em todos os relatos de opinião.

Nas passagens aqui inseridas, diferentemente das classificadas como opinião genérica, o falante não se limita ao pensamento comum de grande parte das pessoas, buscando avaliar criticamente o assunto e utilizar exemplos de sua vida pessoal na construção da argumentação. De maneira análoga a isso, outro aspecto importante que caracteriza essas passagens é a vivência experiencial. Há casos que envolvem fatos que precisam fazer parte ou terem feito parte da vivência do informante para que ele possa opinar, como, por exemplo, solicitações de opinião sobre determinada pessoa da família ou sobre algo relacionado a seu emprego ou escola.

(105) E1 – Você acha a iniciativa do governo deu certo... valeu a pena?

Inf – O agente de saúde... esse programa que ele fez foi ótimo... eu acho também que tá dando atendimento melhor... assim tem algumas pessoa que não podem sair de casa, né? atendimento melhor dentro de casa e também cria emprego com esse agente de saúde... eles contrataram novas pessoas e uma coisa gera a outra né? quanto emprego e uma ótima qualidade de saúde pra toda população do bairro Consolação.

(MASC/15-25/FUND).

(106) E1 – você já pegou cliente muito atrapalhado que não sabe o que quer?

Inf – comigo nunca aconteceu isso não... já teve cliente bravo... eu fico até com medo de de bater em mim entendeu? quando falam as coisas lá “o quê? isso é um roubo...não sei o quê”... aí eu fico quieto no meu canto né? não falo nada né? [...] porque assim às vezes a gente pensa que ele vai bater na gente

E2 – que horror!

Inf – eles ficam assim assustado... espantado com o preço entendeu?

E2 – e os preços aumentaram muito agora?

Inf – na rodoviária os preços... vou falar a verdade... é um absurdo... porque dizem que na rodoviária tudo é mais caro né? porque lá tudo é bem mais caro mesmo tudo... igual igual o que a gente compra aqui por um real o gelado lá é um e quarenta um e cinquenta um e sessenta.... skol skol eles cobram aqui um e sessenta a garrafa... lá é a latinha um e sessenta entendeu? **as vitaminas** lá são super caras... são dois e noventa **as vitaminas** [[risos]] entendeu?

(MASC/7-14/FUND).

(107) E1 – você acha que muita gente passa assim nas federais... em faculdades públicas com pistolão... com ajuda assim de alguém?

Inf – públicas eu não creio que o/ ocorra não... não sei... eu acho que é mais difícil... particulares é mais fácil dar um jeitinho lá... a Emescam já/ já foi famosa por cau/ por conta disso... hoje não tem mais isso não... tem o que/ desde de quando a gente entrou não teve não... tem a questão da/ das liminares né?... que aí ela fica meio impotente que é uma decisão judicial lá... o juiz manda o menino entrar porque o pai dele foi transferido pra cá então tem que transferir também... e aí quer dizer isso daí não tem jeito... **as salas** na na na Emescam tão lotadas por causa disso... **cento e cinquenta alunos**... cento e sessenta por aí... quer dizer... isso daí não tem jeito...

E 2 – você acha que dá pra ter um bom aprendizado com a sala tão lotada assim? cento e sessenta alunos?

Inf – não... definitivamente não... no básico dá né? **as salas** e **os auditórios** são grandes e tal... mas quando chega no hospital onde cada um tem o que fazer/ tem que botar a mão na massa e tal fica complicado... os **os ambulatórios** **os consultórios** são são apertados... **às vezes** a gente tem que ficar em dez dentro de uma sala pequena... metade dessa aqui né? fica complicado

(MASC/15-25/UNIV).

Exposição/descrição de caráter geral

O nó destinado a exposição/descrição de caráter geral se caracteriza por ser formado por sequências textuais expositivas, explicativas, descritivas ou injuntivas. De acordo com Cavalcante (2012), as sequências expositivas têm a finalidade de apresentar conceitos, as explicativas de esclarecer informações, as descritivas de caracterizar objetos ou pessoas e as injuntivas de dar ordens ou instruções.

Em relação ao conteúdo, podemos dizer que essa categoria engloba tópicos de caráter mais objetivo, mais especificamente, os tópicos que envolvem alimentação e o trabalho exercido pelo informante. As sequências expositivas, explicativas e descritivas envolvem assuntos relativos ao trabalho do falante. Já as sequências injuntivas, referem-se ao tópico alimentação e, mais especificamente, ocorrem quando os informantes produzem o gênero textual receitas alimentícias. É importante destacar, então, que, no estilo contextual exposição/descrição de caráter geral, este último tópico discursivo diz respeito, exclusivamente, às receitas.

O motivo para a escolha desses dois tópicos foi o fato de eles serem comuns às entrevistas dos três níveis de escolaridade da amostra PortVix. Em virtude do nosso interesse comparativo entre os efeitos estilísticos sobre a concordância nominal em função dos anos de escolaridade dos falantes, achamos melhor lidar com dados da mesma natureza para uma comparação mais equilibrada e mais confiável dos resultados obtidos.

(108) E1 – Qual a sua função?

Inf – Existe a função de comandados e comandantes né?

E1 – Você é o comandante.

Inf – [...] existe os postos as graduações da polícia... por exemplo se eu for sair na rua com um grupo de cabos soldados sargentos e subtenentes ou seja pessoas que estão abaixo na hierarquia vamos assim dizer então eu vou ser o comandante... se eu for o único de aspirante ou de tenente por exemplo... se não tiver tenente capitão **essas coisas todas** serei eu... mas se tiver um tenente ele será o comandante... então funciona mais ou menos assim a coisa da hierarquia né? quem tá abaixo de você são

seus comandados e quem tá acima são **seus comandantes**... mas a função atual que eu ocupo dentro da polícia... eu trabalho na seção de planejamento [...] (MASC/26-49/UNIV).

(109) E1 – E como é que a senhora faz? eu boto tudo junto e boto pra cozinhar?
 Inf – Hã? Não é assim... eu tempero o peixe né? eu limpo ele... lavo... aí lavo com limão... depois eu tempero ele né? com alho... boto alho...[ininteligível] tempero com alho... aí depois eu pego e frito... aí depois eu boto **as posta** assim na panela de barro... aí boto **as posta**... aí joga **os tempero** por cima... boto um pouquinho de negócio colorau pra ficar vermelhinho... joga água e deixo ali cozinhar. (FEM/26-49/FUND).

Exposição/descrição de caráter pessoal

De maneira oposta ao contexto estilístico exposição/descrição de caráter geral, este nó contempla assuntos mais subjetivos, que envolvem a família ou as preferências pessoais dos falantes. Introduzimos neste ramo os trechos que versam sobre os lugares frequentados pelos informantes em Vitória, sobre os membros da família e sobre tipos de comida/filme/música/programas de televisão preferidos. Assim como nas exposições/descrições de caráter geral, fizemos a seleção desses tópicos sob o critério de estar presente nas entrevistas de ensino fundamental, médio e superior do PortVix.

É fundamental que façamos aqui a distinção entre as opiniões pessoais e as exposições/descrições de caráter pessoal que envolvem os tipos de comida/filme/música/programa de televisão preferidos do informante, uma vez que optamos por analisá-los em categorias diferentes. Como opinião pessoal, consideramos os fragmentos que seguem uma linha mais argumentativa, isto é, que possuem o traço de defesa de ponto de vista. Já exposição/descrição de caráter pessoal, refere-se às partes que vão no sentido mais expositivo, nas quais o interesse do falante reside basicamente em explicar quais as suas preferências e rejeições alimentares, musicais e televisivas.

Assim, no que tange aos aspectos estruturais, podemos caracterizar os trechos desse ramo como sequências textuais que tendem para o mais expositivo, explicativo ou descritivo.

(110) E1 – cê gostaria que chamasse de tia?

Inf – não... eu gosto só de Vera mesmo.

E1 – meu sobrinho...

Inf – fico da mesma idade [[risos]]

E1 – meu sobrinho é...

Inf – esses que são grande me chama de tia num tem outro jeito... mas **os pirralho pequeno** não tudo de Vera... gozadinho “Vera”... eu falei “Oi” e morro de rir né? e ela atrás de mim “Vera”... aquele pinguinho de gente.

(FEM/49/UNIV).

(111) E1 – e você ouvia muito antes deles se desligarem?

Inf – não... não ouvia tanto não [...] achava maneira mais não ouvia tanto quanto **as outras bandas**... Novo Som... ouvia mais Oficina G3... ouvia mais né? tinha o Carlinhos Félix... **vários outros cantores** que eu ouvia mais do que o Cathedral.

(MASC/15-25/FUND).

(112) Inf – eu não gosto de comer esse negócio também de rúcula entendeu? não gosto **dessas coisas** sabe? mas eu não vou comer essa salada pra mim não me apetece nada.. bife rolê eu odeio e carne de porco eu não como nenhuma... a única coisa que eu fiz foi uma picanha de porco que ficou maravilhosa porque é a picanha né do porco... então é boa... não tem como assim é carne magra sabe? gostosa... no forno maravilhosa e tal ficou muito boa... mas assim que eu fiz na minha casa a carne que eu comprei que eu vi que era uma delícia... agora de porco ainda mais quando é aquela doença que tem **um monte de verme** no cérebro aí eu não como por nada nesse mundo nesse RU... carne de porco eu não como não (FEM/15-25/UNIV).

(113) E1 – é sobre cultura né? qual assim programa de televisão que você mais gosta?

Inf – eu não sou assim um exemplo não pra programa de televisão... eu sou de ver assim muito jornal muito mesmo... gosto de ver programa com algum documentário

sobre natureza mas também gosto de assistir programa tipo assim Big Brother... eu gosto... não gosto de novela não até porque não acompanho mais porque eu tô na faculdade a noite mas talvez se eu tivesse em casa eu acompanharia... mas eu gosto de ver muito programa de jornal muito jornal Globo News **essas coisa... esses canal** de antena... e gosto também de programa assim Domingão do Faustão gosto... não sou tão radical não [...] acho até engraçado um programa que passa na antena de um plantão médico mais ou menos assim...então tem **várias versões** dele em **vários canais**... aí eu gosto de ver... todo dia a noite eu vejo... **dez horas** esse programa que é tipo uma emergência assim.

(FEM/15-25/UNIV).

Após a remodelação do resíduo, ficaram nesse contexto estilístico as ocasiões em que a primeira elocução de fala consiste em uma repetição da pergunta do entrevistador, narrativas bíblicas, reprodução de letras de música ou de orações, além de tópicos diversificados, como, por exemplo, internet, avaliações do comportamento do próprio informante, atividades religiosas, entre outros.

Apesar de termos avançado no refinamento dessa categoria, há, ainda, muito por se investigar e por se descobrir sobre as falas residuais em pesquisas futuras. Entretanto, caso outros pesquisadores tenham interesse em se aventurar pelo garimpo por nós realizado, sugerimos que, após o passeio pelos nós da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a), primeiramente, averiguem se o trecho de fala corresponde às narrativas habituais e, então, codifique-o. Depois, verifiquem se a passagem se trata de uma narrativa vicária. Devem ser classificados nesse nó todos os relatos ocorridos com terceiros, independentemente de ser uma biografia ou um fato específico testemunhado ou não pelo falante. Em seguida, examinem se o fragmento consiste em uma opinião pessoal, atentando-se para o traço [+argumentativo]. Posteriormente, vejam se o excerto é formado por sequências expositivas, explicativas ou descritivas que envolvem o tópico trabalho ou se é uma receita. Sendo um desses casos, classifiquem como exposição/descrição de caráter geral. Porém, se for constituído de sequências expositivas, explicativas e descritivas em que os falantes versam sobre a família, sobre os lugares que frequentam em sua cidade ou sobre suas preferências de comida, filme e televisão, rotulem como exposição/descrição de caráter pessoal.

Por fim, se não se enquadrar em nenhum dos contextos descritos, o trecho permanece no resíduo.

No Quadro 6, temos a lista final dos grupos de fatores investigados neste trabalho.

QUADRO 6 – LISTA FINAL DOS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS

VARIÁVEL DEPENDENTE	
A concordância nominal de número	Presença de concordância Ausência de concordância
VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	
Posição relativa e linear	Antes do núcleo na 1ª posição Antes de núcleo a partir da 1ª posição Núcleo na 1ª posição Núcleo na 2ª posição Núcleo a partir da 2ª posição Depois do núcleo na 2ª posição Depois do núcleo a partir da 2ª posição
Saliência fônica	Duplos -l -ão -R -S Regular oxítono Regular proparoxítono Regular paroxítono
Marcas precedentes	Sintagma preposicionado com marcas Sintagma preposicionado sem marcas Numeral não terminado em -s na 1ª posição Numeral terminado em -s na 1ª posição Marca formal na 1ª posição Duas ou mais marcas formais a partir da 1ª posição Mistura de marcas Zero imediatamente precedente a partir da 1ª posição
VARIÁVEIS SOCIAIS	
Sexo/gênero	Masculino Feminino
Faixa etária	7-14 anos 15-25 anos 26-49 anos >49 anos

VARIÁVEIS SOCIAIS	
Escolaridade	Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior
VARIÁVEL ESTILÍSTICA	
Estilo: Árvore da Decisão laboviana remodelada	Ramo de falas monitoradas (<i>careful speech</i>) Resposta Língua Opinião genérica
	Ramo de falas residuais remodeladas (<i>residual</i>) Narrativa habitual Narrativa vicária Opinião pessoal Exposição/descrição de caráter geral Exposição/descrição de caráter pessoal Resíduo
	Ramo de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>) Narrativa de experiência pessoal Grupo Infância Tangente

4.4 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

As pesquisas sociolinguísticas lidam com uma extensa quantidade de dados variáveis, produzidos em situações reais de comunicação, que podem ser condicionados por contextos linguísticos e/ou extralinguísticos. Dessa maneira, como a variação não é regida por regras categóricas, mas variáveis, é propício, segundo Sankoff (1988), o uso de métodos estatísticos.

Nesta pesquisa, visando encontrar a sistematicidade da língua, submetemos nossos dados ao tratamento quantitativo através do *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), versão mais atual do pacote *Varbrul* que consiste em “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

De forma concisa, após o pesquisador efetuar a codificação dos dados relevantes para o fenômeno variável, o programa computacional fornece a frequência absoluta e a frequência relativa tanto das variantes quanto dos fatores levantados. Além disso, por meio da análise de regressão logística, o *Goldvarb X* realiza testes de significância estatística, comparando, concomitantemente, diversas variáveis independentes através das funções *step-up* e *step-down* (SANKOFF, 1988).

Na primeira função, a ferramenta computacional, inicialmente, calcula o *input*, média global corrigida de uma dada variante, e um *log likelihood*, medida de adequação das frequências observadas e esperadas. Depois, analisa todos os grupos de fatores primeiro isoladamente, atribuindo um *log likelihood* e um nível de significância a cada um dos grupos, e realiza a seleção de um deles, se houver significância estatística. Posteriormente, faz a análise do grupo de fatores selecionado com os demais, de dois a dois, também atribuindo um *log likelihood* e um nível de significância a cada par, e, então, escolhe o segundo grupo estatisticamente significativo. O processo de comparação dos grupos de fatores selecionados com os demais – três a três, quatro a quatro e, assim, sucessivamente – continua até que todos eles sejam selecionados ou até que nenhum deles alcance nível de significância menor do que 0,05. Na segunda função, por outro lado, é feito o caminho inverso, isto é, o instrumento estatístico testa os grupos de fatores e elimina os que não são estatisticamente significativos (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 164-167; SANKOFF, 1988, p. 991-992; SCHERRE; NARO, 2013, p. 147-178).

Nesses testes são gerados pesos relativos (PR) que revelam os efeitos de cada fator sobre uma determinada variante (GUY; ZILLES, 2007). Em análises binárias, como a deste trabalho, os valores dos pesos, que variam entre 0 e 1, mostram se um dado fator favorece ($PR > 0,5$), desfavorece ($PR < 0,5$) ou, ainda, se tem efeito neutro ou intermediário ($PR = 0,5$) sobre a variante examinada.

O programa, portanto, realiza um levantamento de resultados estatísticos, sendo tarefa do linguista

a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas (NARO, 2013b, p. 25).

No nosso caso, o *Goldvarb X* quantifica as ocorrências de presença e ausência de concordância nominal para que analisemos o fenômeno a partir de uma perspectiva variacionista, buscando verificar a influência exercida pelos fatores no uso ou não da marcação de plural.

5 ANÁLISE DA FALA CAPIXABA: O LINGUÍSTICO E O SOCIAL

Neste capítulo, vamos apresentar e discutir os resultados de nossa pesquisa. Antes, porém, é válido mencionar que, na análise estatística, realizamos três etapas de análise distintas para observar a atuação de mecanismos estruturais e sociais sobre a presença ou ausência de marcas explícitas de plural. Na primeira, analisamos todos os nossos dados com os fatores da variável estilo amalgamados em fala casual e fala monitorada. Na segunda, examinamos os fatores da variável estilo agrupados segundo a *Árvore da Decisão* (LABOV, 2001a). Na terceira, por fim, efetuamos uma análise com os fatores da variável estilo organizados segundo a *árvore remodelada*.

No Quadro 7, a seguir, temos a sequência de seleção das variáveis independentes feita pelo *Goldvarb X* para todas as rodadas³¹.

QUADRO 7 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO LINGUÍSTICO E DO SOCIAL (TODOS OS INFORMANTES DA AMOSTRA PORTVIX)

Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado	Árvore da Decisão laboviana	Árvore da Decisão remodelada
1 ^a	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear
2 ^a	Marcas precedentes	Marcas precedentes	Marcas precedentes
3 ^a	Faixa etária	Faixa etária	Faixa etária
4 ^a	Escolaridade	Escolaridade	Escolaridade
5 ^a	Saliência fônica	Saliência fônica	Saliência fônica
6 ^a	Sexo/gênero	Sexo/gênero	Estilo
7 ^a	Estilo	Estilo	Sexo/gênero

Como podemos observar, todos os grupos de fatores submetidos ao teste estatístico foram considerados estatisticamente significativos. Em todas as três rodadas gerais, as duas primeiras variáveis selecionadas foram posição relativa e linear e marcas

³¹ Ver Apêndice B para detalhes sobre os níveis de significância.

precedentes, o que mostra que a concordância nominal é mais condicionada por aspectos linguísticos do que sociais em Vitória.

Nos demais grupos de fatores, vemos que há apenas uma diferença na ordem de seleção: na rodada que o estilo é analisado com dois fatores e na que é analisado de acordo com a Árvore da Decisão laboviana, sexo/gênero é a sexta variável mais relevante e o estilo é a última; na rodada que os fatores do estilo são agrupados conforme a árvore remodelada, o estilo passa a ocupar a sexta posição. Assim, tendo em vista que a análise da variável estilística mais adequada é a da Árvore da Decisão remodelada, pelo fato de dar conta de um maior número de dados, utilizaremos aqui os resultados dessa rodada.

A seguir, apresentaremos a frequência global de concordância nominal encontrada na fala capixaba e, logo após, os resultados das variáveis linguísticas e sociais, respeitando a ordem de seleção estatística de cada grupo. Sempre que possível, realizaremos uma análise comparativa entre os nossos resultados e os obtidos por Scherre e Naro, para o Rio de Janeiro; por Fernandes (1996)³², para a Região Sul; por Lopes, N. da S. (2001)³³, para Salvador; por Martins (2013), para a microrregião do Alto Solimões; e por Lopes, L. de O. J. (2014), para Santa Leopoldina.

5.1 RESULTADOS GERAIS

Na amostra PortVix, coletamos um total de 10.923 ocorrências de sintagmas nominais, sendo 9.683 casos com marca de plural e 1.240 sem marca de plural. Em termos percentuais, temos 88,6% de concordância e apenas 11,4% de não concordância. Dessa forma, nossos resultados gerais, expostos na Tabela 1, evidenciam o predomínio da forma padrão sobre a não padrão em Vitória.

³² Usaremos os resultados obtidos para o banco de dados do VARSUL.

³³ Usaremos os resultados obtidos para a década de 1990 (amostras NURC/90 e PEPP juntas).

TABELA 1 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Variantes	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Presença	9.683/10.923	88,6%
Ausência	1.240/10.923	11,4%

Na Tabela 2 e na Tabela 3, observamos esses resultados ao lado dos obtidos por Scherre e Naro (2006), Lopes, L. de O. J. (2014), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001) e Martins (2013).

TABELA 2 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA: AMOSTRAS COM DIFERENTES NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO

Localidade	Período de organização da amostra	Uso de concordância	
		n/N	[%]
Vitória	2000	9.683/10.923	88,6%
Rio de Janeiro	1980	9.256/13.099	71%
	2000	6.301/7.079	89%
Santa Leopoldina	2010		61,3%

Fonte: Scherre e Naro (2006, p. 109) – Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 99) – Santa Leopoldina

TABELA 3 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS: AMOSTRAS COM DIFERENTES NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO

Localidade	Período de organização da amostra	Uso de concordância	
		n/N	[%]
Vitória	2000	9.683/10.923	88,6%
Região Sul	1990	3.829/5.375	71%
Salvador	1990	11.251/13.905	81%
Alto Solimões	2010	4.264/7.270	58%

Fonte: Fernandes (1996, p. 112) – Região Sul; Lopes, N. da S. (2001, p. 163) – Salvador; Martins (2013, p. 139) – Alto Solimões

Como vemos, Vitória e Rio de Janeiro (2000) são as duas cidades que fazem mais concordância, com diferença de apenas quatro décimos percentuais entre si. Em seguida, vem Salvador, com 81%. Um pouco mais distante que as demais, está a Região Sul, com 71%. Por último, distanciando-se de todas as outras, Santa Leopoldina, com 61,3%, e Alto Solimões, com 58%. Esses resultados apontam que os capixabas se alinham aos cariocas, aos sulistas e aos soteropolitanos e se distanciam dos moradores de Santa Leopoldina e do Alto Solimões.

Considerando que as amostras se diferem quanto aos níveis de escolaridade dos informantes, nas Tabelas 4 e 5, trazemos os percentuais das diversas localidades por anos de escolarização para uma comparação mais equilibrada.

TABELA 4 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL POR ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA

Fatores	Vitória	Rio de Janeiro		Santa Leopoldina
	2000	1980	2000	2010
1-4 anos		62%	78%	58,9%
5-8 anos	84,7%	71%	93%	63,5%
9-11 anos	89,6%	82%	98%	-
>11 anos	92,6%	-	-	-
TOTAL	88,6%	71%	89%	61,3%

Fonte: Scherre e Naro (2014, p. 348) – Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 10) – Santa Leopoldina

TABELA 5 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL POR ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

Vitória	Região Sul	Salvador	Alto Solimões
2000	1990	1990	2010
	1-4 anos 60%	1-5 anos 64%	4-8 anos 54%
1-8 anos 84,7%	5-8 anos 81%	-	
9-11 anos 89,6%	9-11 anos 70%	9-11 anos 82%	9-11 anos 64%
>11 anos 92,6%	-	>11 anos 96%	-
TOTAL 88,6%	TOTAL 71%	TOTAL 81%	TOTAL 58%

Fonte: Fernandes (1996, p. 96) – Região Sul; Lopes, N. da S. (2001, p. 163) – Salvador; Martins (2013, p. 161) – Alto Solimões

Os resultados acima indicam que a inexistência de diferença entre Vitória e Rio de Janeiro, observada na Tabela 2, pode ser atribuída ao fato de a amostra carioca não ter informantes universitários. Embora as duas cidades continuem sendo as que mais

realizam concordância, percebemos que, na verdade, o Rio de Janeiro está à frente de Vitória, pois os falantes de 9-11 anos de escolarização apresentam taxa de marcação mais alta (98%) do que os universitários capixabas (92,6%).

Além disso, podemos observar que o fato de as amostras de Santa Leopoldina e do Alto Solimões não possuírem, respectivamente, informantes com mais de 8 anos de escolarização e com mais de 11 anos de escolarização não interfere em nossa conclusão de serem essas as localidades as que mais se diferem de Vitória, visto que quando contrastamos as frequências por nível de escolaridade elas continuam se distanciando. As demais localidades seguem o padrão encontrado na Tabela 3, com a seguinte sequência em ordem decrescente de uso do morfema plural: Salvador>Região Sul.

Diante disso, os dados das Tabelas 2, 3, 4 e 5, a nosso ver, podem ser interpretados em termos de urbanização e período temporal. Antes de apresentarmos essa explicação, faz-se necessário tecermos algumas considerações sobre essas localidades.

O Rio de Janeiro, conhecido como cidade maravilhosa, é capital do estado homônimo e está localizado na Região Sudeste. A cidade carioca foi capital do Brasil até 1960 e, depois de a capital ter ido para Brasília, continua sendo a capital cultural do país. Conhecida nacional e internacionalmente, essa localidade é sede de muitas empresas, inclusive da Rede Globo de televisão, e recebe um grande fluxo de turistas brasileiros e estrangeiros. Além disso, já sediou diversos eventos internacionais, tais como os Jogos Olímpicos de 2016, a Jornada Mundial da Juventude de 2013 e alguns jogos da Copa do Mundo FIFA de 2014.

A Região Sul é formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os quais estão entre os seis primeiros no Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil (IBGE, 2010). Como mencionado por Benfica (2016, p. 43), essa região é “considerada pelo senso comum como a mais desenvolvida do Brasil e, até mesmo, comparada a países europeus”. Cumpre pontuar, porém, que a amostra representativa dessa localidade, analisada por Fernandes (1996), é constituída por 35 falantes de cidades do interior (Chapecó/SC, Panambi/RS e Irati/PR) e apenas 12 de perímetro urbano (Florianópolis).

Salvador, capital da Bahia, situada na Região Nordeste, foi a primeira capital do Brasil. Essa cidade também já recebeu eventos internacionais, como alguns jogos da Copa das Confederações FIFA de 2013 e da Copa do Mundo FIFA de 2014. Salvador também é um centro turístico no Brasil, especialmente durante o carnaval, época que recebe diversos foliões do Brasil e do exterior.

A cidade de Vitória é a capital do Espírito Santo. Localizada na Região Sudeste, o acesso a capital capixaba, como citado na seção 4.1, pode ser feito pelos meios de transporte aéreo, rodoviário, marítimo ou ferroviário. Apesar de ser uma área urbana de fácil acesso, Vitória, se comparada às outras localidades acima, não é uma cidade tão conhecida a nível nacional ou internacional.

Santa Leopoldina, município situado na região serrana do Espírito Santo, está a uma distância de 46km da capital Vitória (INCAPER, 2011). Segundo Lopes, L. de O. J. (2014), por estar em uma região montanhosa, algumas localidades da área rural de Santa Leopoldina, local de coleta da amostra, são de difícil acesso.

A microrregião do Alto Solimões, localizada no sudoeste do Amazonas, pertence a Região Norte brasileira. Essa localidade é formada pelas cidades de Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Fonte Boa, Santo Antônio do Itá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. Martins (2013) relata que o acesso a essas cidades é difícil, tendo que ser feito por transporte aéreo e, principalmente, fluvial. Segundo a autora, saindo da capital Manaus, sua viagem até São Paulo de Olivença durou cerca de duas horas. Para chegar às demais localidades, utilizou o transporte fluvial, em viagens que duraram de três a nove horas.

Numa escala de urbanização, portanto, temos no topo Rio de Janeiro, Salvador e Vitória, que são capitais e localidades mais urbanas. Em um ponto intermediário está a Região Sul, que mescla Florianópolis, zona urbana, com três cidades menos urbanas. Por fim, na base, estão a microrregião do Alto Solimões e a zona rural de Santa Leopoldina, áreas mais afastadas da capital de seus respectivos estados.

Todas as comunidades mais urbanas apresentam elevados índices de concordância: nas décadas de 1980/1990, entre 70% e 80% (Rio de Janeiro e Salvador), e na década de 2000, acima de 85% (Rio de Janeiro e Vitória). A Região Sul, assim como o Rio de Janeiro de 1980, possui taxa de uso do morfema plural em torno de 70%. Atribuímos

essa proximidade percentual, apesar da distância de aproximadamente dez anos de coleta de dados, ao fato de a amostra sulista estar num ponto intermediário de urbanização. Inversamente, as localidades menos urbanas, embora após anos 2000, são as que exibem menores taxas de marcação de plural: Alto Solimões, com 58%, e Santa Leopoldina, com 61,3%. Esses resultados sugerem, portanto, que as comunidades mais urbanizadas são mais sensíveis às variantes de prestígio³⁴.

5.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

5.2.1 Posição relativa e linear

A posição relativa e linear foi o primeiro grupo de fatores selecionado como estatisticamente significativo pelo *Goldvarb X*. Antes de passarmos à apresentação dos resultados, é importante assinalar que, neste trabalho, em alguns momentos, usaremos a noção de *range*, proposta por Tagliamonte (2006).

O *range* é um número obtido através da diferença entre o maior e o menor peso relativo, que permite identificar a força de atuação das variáveis analisadas. Nos termos da autora, “o número mais alto (isto é, o *range*) identifica a restrição mais forte. O número mais baixo identifica a restrição mais fraca”³⁵ (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242). Considerando o *range* de 711, maior valor obtido entre todas as restrições analisadas, podemos afirmar que a variável posição relativa e linear é a que possui força de atuação mais forte sobre a concordância nominal na amostra PortVix.

Em etapa de análise mais detalhada, conforme exposto na seção 4.3.2.1, utilizamos sete fatores para controlar a posição relativa e linear dos elementos no sintagma nominal: antes do núcleo na 1ª posição, antes do núcleo a partir da 1ª posição, núcleo na 1ª posição, núcleo na 2ª posição, núcleo a partir da 2ª posição, depois do núcleo na 2ª posição e depois do núcleo a partir da 2ª posição. Porém, nesta etapa, a rodada

³⁴ Ver Bortoni-Ricardo (2011) e Lucchesi e Baxter (2009) para detalhes sobre a relação entre a concordância e a urbanização. Ver, também, Naro e Scherre (2013) para detalhes sobre o aumento de concordância no Rio de Janeiro.

³⁵ Original: the highest number (i.e. range) identifies the strongest constraint. The lowest number identifies the weakest constraint, and so forth.

não apresentou convergência, isto é, o *Goldvarb X* não alcançou a “convergência do algoritmo nos valores mais adequados para modelar esse conjunto de dados, ou seja, o modelo melhor que mais se aproxima dos dados observados, usando os parâmetros e equações incorporados no programa” (GUY; ZILLES, 2007, p. 198).

A ausência de convergência significa que há sobreposição de variáveis ou, nos termos de Guy Zilles (2007), não-ortogonalidade dos grupos de fatores. Analisando nossos dados estatísticos, percebemos que a não-convergência ocorria quando a variável posição relativa e linear entrava em contato com a variável marcas precedentes, que é codificada em função da posição.

Para solucionar essa questão, Guy e Zilles (2007) sugerem a exclusão ou a redefinição de um dos grupos de fatores. Considerando que posição relativa e linear e marcas precedentes apresentam efeitos distintos (cf. SCHERRE, 1988), optamos pela segunda alternativa. Assim, redefinimos a variável posição relativa e linear, reduzindo-a de sete para quatro fatores na tentativa de alcançar resultados convergentes.

Na Tabela 6, encontram-se os resultados após a amalgamação, com convergência.

TABELA 6 – EFEITO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Antes do núcleo (<u>as aulas</u>)	4.741/4.805	98,7%	0,845
Núcleo na 1ª posição (<u>coisas novas</u>)	144/146	98,6%	0,773
Núcleo a partir da 1ª posição (<u>as gaveta</u>)	4.480/5.546	80,8%	0,204
Depois do núcleo (<u>peessoas competente</u>)	318/426	74,6%	0,134
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			711
SIGNIFICÂNCIA			0,000

Confirmando nossas hipóteses, a marcação de plural decresce à medida que o item se localiza mais à direita no sintagma nominal. Os itens não nucleares antepostos ao núcleo apresentam 98,7% de marcas, enquanto os pospostos apresentam 74,6%. Semelhantemente a isso, os itens nucleares situados na primeira posição possuem 98,6% de marcas, ao passo que os localizados nas demais posições possuem 80,8% de marcas. Há, dessa forma, uma queda de 24,1 pontos percentuais para os itens não nucleares e de 17,8 pontos percentuais para os nucleares.

Observando a análise estatística, podemos constatar que os constituintes não nucleares antepostos ao núcleo, com peso relativo de 0,845, e os nucleares na primeira posição, com peso relativo de 0,773, favorecem a presença de marca de plural. Em contrapartida, os constituintes não nucleares pospostos ao núcleo, com peso relativo de 0,134, e os nucleares a partir da primeira posição, com peso relativo de 0,204, desfavorecem-na.

As Tabelas 7 e 8 contêm os nossos resultados, os de Scherre e Naro (1998), os de os de Lopes, L. de O. J. (2014), os de Fernandes (1996), os de Lopes, N. da S.

(2001)³⁶ e os de Martins (2013). Apesar de o agrupamento da variável posição relativa e linear em quatro fatores feito em nossa amostra não permitir uma comparabilidade mais detalhada, é possível discutir os padrões gerais encontrados nesses estudos.

TABELA 7 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA

Fatores	Vitória	Rio de Janeiro	Santa Leopoldina
	2000	1980	2010
Elementos não nucleares antepostos ao núcleo			
Na 1ª posição	0,84	0,88	0,95
Nas demais posições		0,84	0,56
Elementos nucleares			
Na 1ª posição	0,77	0,67	100%
Na 2ª posição	0,20	0,20	0,08
Na 3ª posição		0,27	0,06
Núcleo na 4ª posição		-	
Elementos não nucleares pospostos ao núcleo			
Na 2ª posição		0,28	0,17
Na 3ª posição	0,13	0,15	0,08
Na 4ª posição		-	0,18
Na 5ª posição		-	
RANGES	71	73	89

Fonte: Scherre e Naro (1998, p. 518) – Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 115) – Santa Leopoldina

³⁶ N. Lopes analisa os elementos não nucleares à esquerda do núcleo considerando sua adjacência ao núcleo. Na Tabela 8, porém, usamos os resultados de uma análise especial feita pela pesquisadora em sua tese, que considera a posição linear nos elementos à esquerda do núcleo e não a adjacência.

TABELA 8 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

Fatores	Vitória	Região Sul	Salvador	Alto Solimões
	2000	1990	1990	2010
Elementos não nucleares antepostos ao núcleo				
Na 1ª posição	0,84	0,85	0,91	0,78
Nas demais posições		0,72	0,66	
Elementos nucleares				
Na 1ª posição	0,77	0,67	0,53	
Na 2ª posição	0,20	0,23	0,17	0,28
Na 3ª posição			0,12	
Na 4ª posição		0,22	0,20	
Elementos não nucleares pospostos ao núcleo				
Na 2ª posição		0,32	0,14	
Na 3ª posição	0,13	0,25	0,12	0,31
Na 4ª posição			0,07	
Na 5ª posição			0,11	
RANGES	71	63	84	50

Fonte: Fernandes (1996, p. 47) – Região Sul; Lopes, N. da S. (2001, p. 355) – Salvador; Martins (2013, p. 141) – Alto Solimões

Em todas as amostras, os elementos não nucleares antepostos ao núcleo são os que mais retêm marcas explícitas, exibindo os pesos relativos mais altos. No Rio de Janeiro, na Região Sul, em Salvador e em Santa Leopoldina, onde essa categoria é dividida em duas, os maiores valores obtidos são para os itens situados na primeira posição.

De forma semelhante, também nos seis trabalhos, os constituintes não nucleares pospostos inibem a inserção do morfema plural. Apesar disso, nas pesquisas em que

esse fator é analisado de forma mais detalhada, notamos a existência de algumas diferenças entre as cidades: em Santa Leopoldina, ocorre um leve aumento na probabilidade de marcação a partir da terceira posição, enquanto em Salvador, a probabilidade de marcas cresce somente a partir da quarta posição.

O comportamento dos elementos nucleares é muito similar nas amostras de Vitória, do Rio de Janeiro, da Região Sul, de Salvador e de Santa Leopoldina, com o favorecimento e categoricidade da concordância para os núcleos localizados na primeira posição e o desfavorecimento para os situados nas demais posições. Examinando os dados das Tabelas 7 e 8 minuciosamente, percebemos, ainda, que as chances de retenção do –S plural se elevam para os núcleos posicionados a partir da segunda e terceira posição no Rio de Janeiro e em Salvador, respectivamente. Não comparamos nossos resultados dos itens nucleares com os do Alto Solimões porque a pesquisa de Martins (2013) não realiza análise de pesos relativos conforme a posição que esses itens ocupam dentro do sintagma. Entretanto, vale mencionar que a autora mostra em termos percentuais uma queda no índice de concordância de acordo com que o vocábulo se situa mais à direita no sintagma nominal, a saber: 96% para os da primeira posição, 30% para os da segunda posição, 31% para os da terceira posição e 29% para os das demais posições.

A conclusão a que chegamos com essa comparação é que não há grandes diferenças de tendência entre as seis localidades no sentido mais amplo, pois em todas as pesquisas a probabilidade do uso de plural é maior nos constituintes que se encontram mais à esquerda no sintagma nominal e menor nos que se situam mais à direita.

5.2.2 Marcas precedentes

Em nossa pesquisa, assim como nas de Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013) e Lopes, L. de O. J. (2014), as marcas antecedentes se mostraram relevantes na escolha das subseqüentes, sendo a segunda variável selecionada, com *range* 662.

Nos sintagmas analisados, os 56 casos de elementos na segunda posição precedidos de zero formal apresentaram efeito categórico no sentido positivo de marcação de concordância. A seguir, alguns exemplos dessas ocorrências:

(114) Inf – não... porque o outro ele fica preso NO dentes aqui então não tem essa dificuldade de falar não (MASC/7-14/FUND).

(115) Inf – [...] então eu tinha que estudar e logo arrumar ALGUMA coisas pra ganhar dinheiro (MASC/15-25/MED).

(116) Inf – [...] então eu não gosto assim de ficar andando pra lá e pra cá dentro de casa PRO outros ficarem me olhando com cara branca [...] (FEM/26-49/MED).

(117) Inf – [...] ela criou várias turmas pra formar especialista em acupuntura né? que agora a acupuntura já é dentro da da do currículo da Universidade já tem né? então ela formou essa equipe dela... são ótimos... EXCELENTE pessoas (FEM/26-49/UNIV).

Também não exibiram variação os itens antecidos por sintagma preposicionado com marca formal ou seguido de elemento com marca formal. Os nove dados encontrados ocorreram com marcas explícitas, como pode ser visto nos trechos abaixo.

(118) Inf – [...] na realidade mesmo... valia era dez DEZ MILHÕES DE dólares [...] (MASC/>49/FUND).

(119) Inf – [...] eu acho que nós ainda não temos esse recurso... nem o Estado nem a União vai dar esse dinheiro... é um projeto que custa BILHÕES DE dólares não é um troço barato não [...] (MASC/>49/MED).

(120) Inf – [...] eventualmente ela usava uma ou outra droga... eventualmente como MILHÕES DE pessoas nesse mundo usam [...] (FEM/15-25/UNIV).

(121) Inf – [...] o problema da distribuição de renda por exemplo no país é uma coisa que só acentua ainda mais a violência porque existem MILHÕES DE brasileiros que não têm o comer [...] (FEM/15-25/UNIV).

(122) Inf – [...] esses lugares assim cê vê MILHÕES DE pessoas que não têm assim água encanada sabe? [...] (FEM/15-25/UNIV).

(123) Inf – [...] faz um doutorado... aí já foi adiada MILHÕES DE vezes pra entrega o trabalho pra fazer a tese dela lá... pra defender a tese. (FEM/26-49/UNIV).

(124) Inf – [...] tem sabe? UMA GAMA DE POSSIBILIDADES enormes pra ser uma pessoa legal com pensamento legal mas parece que não quer [...] (FEM/15-25/UNIV).

(125) Inf – [...] cozinhar em si é um hábito que depende de UMA SÉRIE DE OUTRAS atividades que são extremamente chatas (MASC/>49/UNIV).

(126) Inf – [...] tem que ter UMA SÉRIE DE COISAS boas né? então tem que fazer uma ponderação das boas e das más... eu acho que o cinema tá perdendo (MASC/>49/UNIV).

Na Tabela 9³⁷, constam os resultados de pesos relativos para esse grupo de fatores, excluídos esses casos invariáveis.

³⁷ A redução de 10.923 dados para 6.262 decorre do uso do fator “não se aplica” para os casos da posição de análise 1. Esses constituintes não são contabilizados nessa variável porque não possuem marcas precedentes.

TABELA 9 – EFEITO DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Sprep com marcas (<u>BILHÕES DE dólares</u>)	9/9	100%	–
Sprep sem marcas (<u>UM MONTE DE brinquedo</u>)	19/113	16,8%	0,023
Numeral não terminado em –s (<u>CINCO anos</u>)	520/594	87,5%	0,685
Numeral terminado em –s (<u>DOIS maço</u>)	495/605	81,8%	0,514
Uma marca formal (<u>OS prato</u>)	3.404/4.155	81,9%	0,486
Duas ou mais marcas formais (<u>NAS MINHAS orações</u>)	368/410	89,8%	0,674
Mistura de marcas (<u>DOIS MOLEQUES novinho</u>)	263/325	80,9%	0,513
Zero imediatamente precedente a partir da 1ª posição (<u>UNS NEGÓCIO legal</u>)	12/60	20,0%	0,073
TOTAL	5.081/6.262	81,1%	
RANGE			662
SIGNIFICÂNCIA			0,000

Na fala capixaba, a concordância é mais provável nos elementos nominais precedidos por marcas. Observando nossos dados, podemos verificar que há uma diferença entre o tipo de numeral precedente, uma vez que o não terminado em –s tende a favorecer marcas explícitas de plural, com peso relativo de 0,685, ao passo que o terminado em –s apresenta efeito intermediário, com peso relativo de 0,514. Esse resultado revela que o –s final não está sendo interpretado como plural, visto que são os numerais não terminados em –s que geram mais marcas nos elementos seguintes. Além disso, notamos que o numeral, especialmente o não terminado em –s, favorece mais a

concordância do que a marca formal na primeira posição, que não apresenta efeito favorecedor nem inibidor, com peso relativo de 0,486.

Constatamos, também, que a presença de duas ou mais marcas precedentes, com peso relativo de 0,674, constitui um contexto altamente favorável à retenção de marcas no item seguinte. Além disso, as chances de marcação de plural decaem quando o item é antecedido por marcas de naturezas distintas, situando-se em um nível intermediário com peso relativo de 0,513.

De maneira oposta, a inserção do –S plural é menos provável nos constituintes nominais que são antecidos imediatamente por zero. Como vemos na Tabela 9, o fator zero imediatamente precedente provoca fortemente a eliminação de marcas plurais no segmento posterior, com peso relativo de 0,073, ou seja, favorece fortemente um zero subsequente.

Dentro da mesma linha, os sintagmas preposicionados com zero formal ou seguido de elemento com zero formal desfavorecem fortemente a concordância, com peso relativo de 0,023. Tal resultado, associado à marcação categórica dos sintagmas preposicionados com marca formal, ratifica a conclusão de Scherre (1988) de que não é o sintagma preposicionado que desfavorece marcas subsequentes, mas a presença do zero antecedente.

Podemos afirmar que o funcionamento dos fatores indica que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, o que confirma, mais uma vez, a hipótese de Poplack (1980) e a tendência encontrada por Scherre (1988). Dessa maneira, esses resultados evidenciam a capacidade mais geral da mente humana de agrupar formas pelas suas semelhanças, nos termos de Scherre (1988).

Nas Tabelas 10 e 11, temos os efeitos obtidos para essa variável em outros estudos realizados sobre a concordância nominal no Brasil. Vale mencionar que, embora Martins (2013) tenha analisado separadamente os itens localizados na segunda posição precedidos do elemento *vários*, decidimos comparar nossos resultados com os da microrregião do Alto Solimões devido ao fato de ser possível depreender tendências gerais em termos de marcas precedentes.

TABELA 10 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA

Fatores	Vitória	Rio de Janeiro	Santa Leopoldina
	2000	1980	2010
Sprep com marcas	100%	0,63	–
Sprep sem marcas	0,02	0,31	0,13
Numeral não terminado –s	0,68	0,61	0,53
Numeral terminado –s	0,51	0,57	
Uma marca formal	0,48	0,49	0,53
Duas ou mais marcas formais	0,67	0,68	0,78
Mistura de marcas	0,51	0,48	0,48
Zero imediatamente precedente a partir da 1ª posição	0,07	0,07	0,05
RANGES	66	61	73

Fonte: Scherre (1998b, p. 176) – Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 172) – Santa Leopoldina

TABELA 11 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

Fatores	Vitória	Região Sul	Salvador	Alto Solimões
	2000	1990	1990	2010
Sprep com marcas	100%	–	–	–
Sprep sem marcas	0,02	–	–	–
Numeral não terminado em –S	0,68	0,64	0,55	0,58
Numeral terminado em –S	0,51	0,56		
Uma marca formal	0,48	0,46	0,49	0,43
Duas ou mais marcas formais	0,67	0,61	0,59	0,53
Mistura de marcas	0,51	0,47	0,53	0,50
Zero imediatamente precedente a partir da 1ª posição	0,07	0,10	0,06	0,14
RANGES	66	54	53	44

Fonte: Fernandes (1996, p. 55) – Região Sul; Lopes, N. da S. (2001, p. 361-363) – Salvador; Martins (2013, p. 150-151) – Alto Solimões

Em Santa Leopoldina, os dados mostram que não há diferença entre a presença de uma marca ou um numeral precedente. No Rio de Janeiro, na Região Sul, em Salvador, na microrregião do Alto Solimões e em Vitória, essa tendência é diferente. Na fala carioca, na sulista, na soteropolitana e na do Alto Solimões, a marca formal na primeira posição encontra-se em um ponto intermediário, enquanto os numerais, independentemente da sua terminação, favorecem a retenção de marcas explícitas no elemento seguinte.

Na fala capixaba, o efeito de uma marca, semelhantemente ao desses quatro locais, está num ponto intermediário. Em contrapartida, os numerais apresentam um comportamento díspar: o numeral não terminado em –s tende a favorecer a marcação de plural no segundo item, ao passo que o numeral terminado em –s tem efeito intermediário.

Nas seis localidades, os sintagmas com duas ou mais marcas precedentes favorecem a inserção do morfema de plural e os sintagmas com misturas de marcas apresentam efeito intermediário. Também nas seis amostras, a presença de zero imediatamente precedente ocasiona a ausência de plural no constituinte seguinte.

Em relação aos sintagmas preposicionados, nossa comparação se restringe à fala carioca e à leopoldinense, pois as pesquisas de Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001) e Martins (2013) não incluíram esses casos em suas análises. Na Tabela 10, os resultados estatísticos revelam que os sintagmas preposicionados com marcas exibem efeito favorecedor e efeito categórico de concordância no elemento subsequente no Rio de Janeiro e em Vitória, respectivamente. Por outro lado, os sintagmas preposicionados sem marcas desfavorecem a inserção de marcas plurais em Vitória, no Rio de Janeiro e em Santa Leopoldina.

Esses efeitos demonstram que a presença do morfema de plural é condicionada pelo tipo e pela quantidade de marcas precedentes, tal como afirmado por Scherre (1988). No que tange aos tipos de marcas, verificamos que Vitória segue a mesma linha do Rio de Janeiro, da Região Sul, de Salvador, do Alto Solimões e de Santa Leopoldina, com marcas ocasionando mais marcas e zeros gerando mais zeros. Por outro lado, notamos, também, que Vitória se distancia de Santa Leopoldina, com o numeral favorecendo mais a inserção de plural do que a marca formal. Com relação à quantidade de marcas, observamos que todas as localidades se aproximam, exibindo um crescimento na probabilidade de concordância conforme o aumento do número de marcas antecedentes. Diante disso, podemos concluir que as seis localidades aqui comparadas possuem mais semelhanças do que diferenças.

5.2.3 Saliência fônica

A saliência fônica, quarta variável selecionada como estatisticamente relevante, apresenta um *range* de 439. A distribuição dos nossos dados nos diversos graus de saliência controlados pode ser observada na Tabela 12.

TABELA 12 – EFEITO DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Duplos (os ovos)	37/44	84,1%	0,597
-l (os animais)	257/279	92,1%	0,727
-ão (trinta sessão)	99/128	77,3%	0,417
-R (os professores)	194/227	85,5%	0,580
-S (sete meses)	515/544	94,7%	0,856
Regular oxítono (os garis)	370/403	91,8%	0,577
Regular proparoxítono (três nódulo)	148/189	78,3%	0,443
Regular paroxítono (as perna)	8.063/9.109	88,5%	0,462
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			439
SIGNIFICÂNCIA			0,000

No que concerne aos itens regulares, os resultados percentuais sugerem que os proparoxítonos tendem a ser menos marcados, com frequência de 78,3%, seguido dos paroxítonos, com frequência de 88,5%, e dos oxítonos, com frequência de 91,8%. Na análise estatística, os oxítonos continuam sendo os elementos que mais retêm marcas explícitas, com peso relativo de 0,577; já a diferença entre os paroxítonos e proparoxítonos desaparece, com as duas categorias apresentando pesos relativos próximos: 0,462 e 0,443, respectivamente. Isso ocorre porque nos regulares paroxítonos estão todos os artigos que inflacionam as percentagens, que são

corrigidas na projeção dos pesos com o cruzamento com a variável posição relativa e linear.

O favorecimento da concordância encontrado nos constituintes oxítonos pode ser explicado por dois aspectos: a marcação e a tonicidade. Segundo Scherre (1988), por serem itens menos frequentes na língua portuguesa e por terem a formação de plural na sílaba tônica, os oxítonos são mais salientes do que os paroxítonos e os proparoxítonos.

No tocante aos itens irregulares, não há divergências entre os níveis percentual e probabilístico. Em ambos, o morfema de plural ocorre mais nos nomes em –S, com índice de 94,7% e peso relativo de 0,856; nos em –l, com índice de 92,1% e peso relativo de 0,727; nos duplos, com índice de 84,1% e peso relativo de 0,597; e nos em –R, com índice de 85,5% e peso relativo de 0,580. Somente os nomes em –ão, com índice de 77,3% e peso relativo de 0,417, ao contrário dos demais, inibem o –S plural.

O esperado para essa última categoria lexical (os nomes em –ão), assim como para as outras irregulares, era o favorecimento da concordância. Entretanto, em nossa amostra, esses vocábulos restringem a inserção de marcas plurais, aproximando-se dos regulares paroxítonos e proparoxítonos. Esse resultado, similar ao encontrado para os leopoldinenses e para os cariocas menos escolarizados, corrobora a hipótese de Scherre (1988, p. 123-124) de que as diversas possibilidades de flexão para o plural desses elementos podem levar os falantes a optarem pela ausência de marcas em decorrência da dúvida sobre a forma correta. Além disso, o fato de esses itens estarem na base da hierarquia da saliência em nossa amostra aponta para o processo de regularização dos nomes em –ão, tal como observado por Scherre (1988, p. 125-126) para falantes do antigo primário (1-4 anos de escolarização).

Mesmo com essas divergências encontradas dentro de cada grupo, podemos verificar que a probabilidade de marcação tende a ser mais elevada nos constituintes de oposição singular/plural mais saliente do que nos de oposição menos saliente, o que reafirma as expectativas para essa variável.

Vamos agora comparar os dados do presente estudo com os obtidos no Rio de Janeiro, em Santa Leopoldina e no Alto Solimões, observando semelhanças e diferenças entre as falas dessas localidades. Nessa parte, retiramos as ocorrências

do elemento “vez” na expressão “as vezes”, visto que esses trabalhos também excluem esse item léxico da análise.

Cabe aqui mencionar que os nossos resultados não serão confrontados com os da fala sulista e da soteropolitana porque as pesquisas de Fernandes (1996) e Lopes, N. da S. (2001) consideraram em suas análises apenas os substantivos, os adjetivos e as categorias substantivadas, o que não permite uma comparação mais equilibrada dos dados.

TABELA 13 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E OUTRAS CIDADES BRASILEIRAS

Fatores	Vitória	Rio de Janeiro		Santa Leopoldina	Alto Solimões
	2000	1980 ³⁸	2000 ³⁹	2010	2010
Duplos	0,61	0,92	0,77	0,67	0,75
–l	0,73	0,86	0,86	0,83	0,90
–ão	0,43	0,85	0,88	0,55	0,86
–R	0,60	0,87	0,84	0,61	0,85
–S	0,70	0,83	0,87	0,72	0,86
Regular oxítono	0,59	0,70	0,70	0,62	0,62
Regular proparoxítono	0,46	0,52	0,39	0,52	0,37
Regular paroxítono	0,48	0,45	0,45	0,48	0,44
RANGES	30	47	49	35	53

Fonte: Lopes, L. de O. J. (2014, p. 157) – Santa Leopoldina; Martins (2013, p. 146-147) – Alto Solimões

Em relação aos itens regulares, temos semelhanças em todas as amostras: (1) os oxítonos são sempre mais marcados do que os paroxítonos e proparoxítonos, com pesos relativos acima de 0,50; (2) o comportamento dos proparoxítonos sempre se aproxima muito ao dos paroxítonos.

³⁸ Esses resultados foram disponibilizados por Marta Scherre, de acervo pessoal.

³⁹ Esses resultados foram disponibilizados por Marta Scherre e Anthony Naro, de acervo pessoal.

No que se refere aos demais itens irregulares, como similaridade, encontramos o favorecimento da concordância nos nomes terminados em –S, em –R, em –l e nos duplos nas cinco amostras. Por outro lado, como distinção, encontramos a atuação dos itens lexicais terminados em –ão: (1) na fala capixaba e na leopoldinense, esses elementos se aproximam mais dos paroxítonos e dos proparoxítonos, indicando, respectivamente, desfavorecimento e neutralidade no processo de concordância; (2) na fala carioca e na da microrregião do Alto Solimões, por outro lado, esses constituintes não se diferenciam dos outros quatro fatores irregulares, favorecendo as marcas plurais.

Em resumo, apesar de a escala de saliência variar um pouco dependendo da amostra analisada, os dados da Tabela 13 indicam que, no geral, os vocábulos que possuem menos inserção de material fônico na flexão para o plural tendem a reter menos marcas, enquanto os que possuem mais inserção de material fônico tendem a reter mais marcas.

5.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

5.3.1 Faixa etária

A faixa etária, terceira restrição considerada estatisticamente significativa, mostrou-se a variável social mais atuante no processo de marcação de plural na comunidade de Vitória, com *range* 506. Apresentaremos, a seguir, os resultados obtidos para essa variável.

TABELA 14 – EFEITO DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

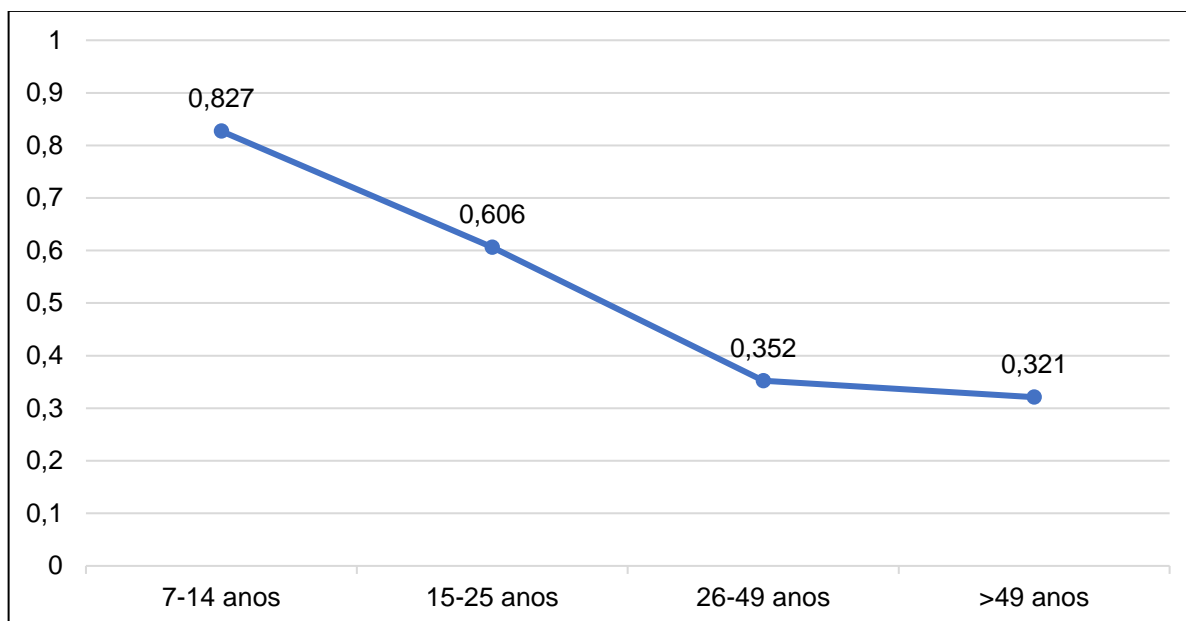
Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
7-14 anos	1.444/1.546	93,3%	0,827
15-25 anos	3.328/3.574	93,1%	0,606
26-49 anos	2.400/2.781	86,3%	0,352
>49 anos	2.512/3.022	83,1%	0,321
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			506
SIGNIFICÂNCIA			0,000

Embora a frequência de concordância seja alta em todas as faixas etárias, a taxa de inserção do –S plural é maior na fala dos mais jovens do que na dos mais velhos. Como vemos na Tabela 14, o índice de marcação de plural no grupo dos mais jovens está acima média global: 7-14 anos com 93,3% e 15-25 anos com 93,1%. Por outro lado, o nível de marcação de plural no grupo dos mais velhos está abaixo da média global: 26-49 anos com 86,3% e >49 anos com 83,1%.

Reproduzindo o mesmo padrão encontrado percentualmente, os pesos relativos mostram que os falantes de 7-14 anos (0,827) e de 15-25 anos (0,606) favorecem a concordância, enquanto os de 26-49 anos (0,352) e os >49 anos (0,321) a desfavorecem.

No gráfico 1, podemos visualizar que o uso da variante padrão tende a aumentar à medida que a faixa etária diminui. Da faixa >49 anos para a de 26-49 anos ocorre um leve aumento no uso de plural, o qual é intensificado no segmento de 15-25 anos, chegando ao ápice no de 7-14 anos. Dessa forma, considerando a hipótese clássica, que prevê estabilidade linguística a partir do início da adolescência, podemos dizer que a análise em tempo aparente aponta que Vitória, que tinha como norma da comunidade mais a ausência de concordância, está passando por um processo de mudança linguística em direção à aquisição de marcas de plural. Em outras palavras, temos agora um novo fluxo aquisitivo na comunidade, uma das direções previstas por Naro (1981) quando da análise da concordância verbal que se vislumbrou em 1981, com base na variável orientação cultural.

GRÁFICO 1 – EFEITO DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX



A comparação dos efeitos dessa variável em diferentes comunidades de fala brasileiras pode ser observada nas Tabelas 15 e 16. É importante registrar que não comparamos nossos dados com os da Região Sul porque a pesquisa de Fernandes (1996) não contempla as faixas etárias mais jovens, o que inviabiliza constatar se a concordância nominal indica ser um caso de variação estável ou de mudança em curso nessa cidade.

No que tange aos recortes de idade, as amostras de Vitória, Santa Leopoldina e Rio de Janeiro têm seus informantes divididos em quatro faixas etárias: 7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos. A amostra de Salvador, embora contemple quatro segmentos etários, apresenta estratificação diferente: 15-24 anos, 25-35 anos, 45-55 anos e >65 anos. Por fim, a amostra do Alto Solimões, possui falantes de três faixas etárias: 18-35 anos, 36-55 anos e >56 anos.

TABELA 15 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA

Faixa etária	Vitória	Rio de Janeiro	Santa Leopoldina	
	2000	1980	2000	2010
7-14 anos	0,82	0,40	0,82	0,59
15-25 anos	0,60	0,53	0,38	0,54
26-49 anos	0,35	0,59	0,48	0,45
>49 anos	0,32	0,45	0,47	0,44
RANGE	50	19	44	15

Fonte: Naro e Scherre (2013, p. 6) – Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 152) – Santa Leopoldina

TABELA 16 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

Vitória	Salvador	Alto Solimões
2000	1990	2010
7-14 anos 0,82	–	–
15-25 anos 0,60	15-25 anos 0,49	18-35 anos 0,55
26-49 anos 0,35	25-35 anos 0,45	36-55 anos 0,50
>49 anos 0,32	45-55 anos 0,46	>56 anos 0,45
	> 65 anos 0,59	
RANGE	RANGE	RANGE
50	14	10

Fonte: Lopes, N. da S. (2001, p. 170) – Salvador; Martins (2013, p. 169) – Alto Solimões

Tal como discutido acima, a distribuição etária de Vitória mostra um fluxo aquisitivo de marcas de plural. Seguindo a mesma linha, os dados do Rio de Janeiro evidenciam que, de 1980 para 2000, a cidade passa por um processo de aquisição de marcas liderado pelos falantes mais jovens. De maneira análoga, Santa Leopoldina exibe um padrão etário de aquisição de concordância, com os dois primeiros segmentos etários favorecendo a concordância e os dois últimos desfavorecendo. Semelhantemente a isso, os resultados do Alto Solimões, embora menos acentuado, indicam uma mudança em direção a um sistema de marcas. Por outro lado, diferentemente dessas quatro localidades, Salvador apresenta um padrão de mudança em direção à perda de marcas, com apenas a faixa etária mais velha favorecendo a concordância.

Em relação à variável faixa etária, podemos afirmar, portanto, que Vitória se alinha ao Rio de Janeiro, Alto Solimões e Santa Leopoldina e se distancia de Salvador. No geral, o fato de haver comunidades indo em direções diversas reflete os fluxos e contrafluxos que envolvem o fenômeno da concordância de número (NARO; SCHERRE, 1991, 2010, 2013).

5.3.2 Escolaridade

O processo de concordância nominal, com *range* de 331, mostrou-se sensível aos anos de escolarização, sendo a segunda variável social selecionada pelo *Goldvarb X*.

Os números da Tabela 17 atestam a hipótese formulada para esse grupo de fatores, visto que há uma elevação na marcação de plural de acordo com o aumento da escolaridade: o percentual de inserção do –S plural é de 84,7% para o ensino fundamental, de 89,6% para o ensino médio e de 92,6% para o ensino universitário. Em termos de efeitos, os dados estatísticos demonstram que o grupo de menor escolarização, com peso relativo de 0,341, desfavorece as marcas explícitas de plural, ao passo que o de maior escolarização as favorece, com peso relativo de 0,672. Situado entre eles, o grupo de média escolarização apresenta efeito intermediário, com peso relativo de 0,519.

TABELA 17 – EFEITO DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Fundamental (1-8 anos)	3.699/4.369	84,7%	0,341
Médio (9-11 anos)	2.558/2.856	89,6%	0,519
Universitário (>11 anos)	3.426/3.698	92,6%	0,672
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			331
SIGNIFICÂNCIA			0,000

É interessante observar o cruzamento entre escolaridade e faixa etária, visto que o recorte de idade de 7-14 anos tende mais à marcação de concordância, como visto na Tabela 14, e o nível de escolaridade fundamental, que coincide com esse segmento etário, inibe a concordância nominal. Na Tabela 18, temos os efeitos associados dessas duas variáveis.

TABELA 18 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS ESCOLARIDADE E FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Fundamental, 7-14 anos	1.443/1.546	93,3%	0,707
Fundamental, 15-25 anos	851/958	88,8%	0,468
Fundamental, 26-49 anos	559/774	72,2%	0,152
Fundamental, >49 anos	846/1.091	77,5%	0,227
Médio, 15-25 anos	1.311/1.393	94,1%	0,607
Médio, 26-49 anos	527/630	83,7%	0,328
Médio, >49 anos	720/833	86,4%	0,367
Universitário, 15-25 anos	1.166/1.223	95,3%	0,720
Universitário, 26-49 anos	1.314/1.377	95,4%	0,709
Universitário, >49 anos	946/1.098	86,2%	0,355
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			568
SIGNIFICÂNCIA			0,000

Podemos observar que, para todos os graus de escolarização, há o padrão de mudança linguística em direção à aquisição de marcas de plural. No ensino fundamental, a faixa etária de 7-14 anos favorece a concordância (0,707), a faixa etária de 15-25 anos exibe efeito intermediário (0,468) e as faixas etárias de 26-49 anos (0,152) e >49 anos (0,227) desfavorecem marcas explícitas de plural. No ensino médio, o segmento etário de 15-25 anos (0,607) tende a reter o –S plural, enquanto os segmentos etários de 26-49 anos (0,328) e >49 anos (0,367) tendem a inibir. No ensino universitário, os recortes etários de 15-25 anos (0,720) e de 26-49 anos (0,709) favorecem a inserção do morfema plural, ao passo que o recorte etário acima de 49 anos desfavorece (0,355). Desse modo, os resultados indicam que os informantes mais velhos (26-49 anos e >49 anos) são os principais agentes do desfavorecimento de marcas explícitas de plural no ensino fundamental.

Na Tabela 18, podemos verificar, ainda, a influência dos anos de escolarização sobre a forma de falar das pessoas. Como vemos, os falantes de 15-25 anos, que apresentam efeito intermediário no ensino fundamental (0,468), passam a favorecer, em ordem crescente, a variante padrão no ensino médio (0,607) e no superior (0,720). De maneira análoga, os informantes de 26-49 anos, que desfavorecem fortemente a concordância no ensino fundamental (0,152), dobram o peso relativo no ensino médio (0,328), chegando ao favorecimento do morfema plural no ensino superior (0,709). Somente para os falantes acima de 49 anos, o nível de escolaridade parece não exercer muita influência: embora apresentem um singelo aumento no peso relativo do ensino fundamental (0,227) para o médio (0,367), esses falantes continuam desfavorecendo a concordância no ensino superior (0,355). Atribuimos esse resultado ao fato de os informantes da faixa etária mais velha estarem há muito tempo distantes do contato com a norma padrão da língua e, também, por já estarem aquém de grandes expectativas em relação ao mercado de trabalho. Sendo assim, podemos dizer que, à exceção desse segmento etário, a marcação da concordância tende a crescer de acordo com o aumento da escolaridade dos falantes para todas as faixas etárias.

Os trabalhos de Scherre e Naro (2014), Lopes, L. de O. J. (2014), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001) e Martins (2013), expostos nas Tabelas 19 e 20, também mostram que a probabilidade de escolha da forma de prestígio cresce proporcionalmente ao grau de escolaridade.

TABELA 19 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA

Fatores	Vitória	Rio de Janeiro		Santa Leopoldina
	2000	1980	2000	2010
1-4 anos		0,41	0,19	0,46
5-8 anos	0,34	0,51	0,59	0,53
9-11 anos	0,51	0,61	0,84	-
>11 anos	0,67	-	-	-
RANGES	33	20	65	7

Fonte: Naro e Scherre (2014, p. 348– Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 151) – Santa Leopoldina

TABELA 20 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

Vitória	Região Sul	Salvador	Alto Solimões
	1990	1990	2010
	1-4 anos 0,32	1-4 anos 0,18	
1-8 anos 0,34	5-8 anos 0,48	-	4-8 anos 0,43
9-11 anos 0,51	9-11 anos 0,66	9-11 anos 0,46	9-11 anos 0,57
>11 anos 0,67	-	>11 anos 0,82	-
RANGE	RANGE	RANGE	RANGE
33	34	64	14

Fonte: Fernandes (1996, p. 96) – Região Sul; Lopes, N. da S. (2001, p. 163) – Salvador; Martins (2013, p. 161) – Alto Solimões

Nas amostras do Rio de Janeiro e da Região Sul, os informantes de 1-4 anos de escolarização desfavorecem a retenção de marcas, enquanto os de 5-8 anos

apresentam efeito intermediário e os de 9-11 anos a favorecem. Na amostra de Salvador, os falantes de 1-4 anos de escolaridade desfavorecem fortemente a concordância, ao passo que os de 9-11 anos têm efeito intermediário e os de >11 anos a favorecem. Na amostra do Alto Solimões, os resultados revelam que o morfema plural tende a ser inibido na fala das pessoas que possuem de 4-8 anos de escolarização e a ser inserido na das pessoas de 9-11 anos de escolaridade. Na amostra de Santa Leopoldina, embora não haja muita diferença entre os dois níveis controlados, os dados estatísticos apontam que as marcas explícitas de plural ocorrem mais no grupo com maior tempo de permanência no ambiente escolar.

Dessa forma, observamos que a probabilidade de escolha da variante padrão em Vitória, no Rio de Janeiro, na Região Sul, em Salvador, no Alto Solimões e em Santa Leopoldina cresce proporcionalmente ao aumento da escolaridade. Esses resultados sugerem que o aumento dos anos na escola, um dos aspectos do letramento, realmente influencia o crescimento da presença de concordância nominal.

5.3.3 Sexo/gênero

O sexo/gênero é o grupo de fatores de efeito mais fraco dentre os linguísticos e sociais em Vitória, com *range* 117. É também a última variável social considerada estatisticamente relevante.

Nossa expectativa era de que o sexo/gênero feminino utilizasse mais a variante valorizada socialmente do que o masculino, uma vez que a ausência de concordância é um traço mais marcado e, também, desprestigiado socialmente nas áreas urbanas, nos termos de Labov (1990, 2001b) e de Scherre e Yacovenco (2011). Entretanto, como já delineado por Silva (2011) em estudo com 43 entrevistas do PortVix, os resultados da Tabela 21 revelam que, na capital do Espírito Santo, contrariamente ao esperado, as mulheres, com percentual de 86,5% e peso relativo de 0,446, desfavorecem a concordância, ao passo que os homens a favorecem, com frequência de 91,1% e peso relativo de 0,563.

TABELA 21 – EFEITO DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Feminino	5.075/5.864	86,5%	0,446
Masculino	4.608/5.059	91,1%	0,563
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			117
SIGNIFICÂNCIA			0,000

De acordo com as Tabelas 22 e 23, esse comportamento linguístico dos sexos/gêneros masculino e feminino em Vitória se difere do encontrado em dados orais de outras localidades brasileiras. No Rio de Janeiro, em Santa Leopoldina, na Região Sul, em Salvador e na microrregião do Alto Solimões, em conformidade com o previsto pela teoria sociolinguística, as mulheres tendem a empregar mais marcas de plural do que os homens.

TABELA 22 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DA REGIÃO SUDESTE BRASILEIRA

Fatores	Vitória	Rio de Janeiro		Santa Leopoldina
	2000	1980	2000 ⁴⁰	2010
Feminino	0,44	0,59	0,55	0,54
Masculino	0,56	0,41	0,45	0,46
RANGES	12	18	10	08

Fonte: Scherre (1988, p. 445– Rio de Janeiro; Lopes, L. de O. J. (2014, p. 149) – Santa Leopoldina

⁴⁰ Esses resultados foram disponibilizados por Marta Scherre e Anthony Naro, de acervo pessoal.

TABELA 23 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE VITÓRIA E CIDADES DE OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

Fatores	Vitória	Região Sul	Salvador	Alto Solimões
	2000	1990	1990	2000
Feminino	0,44	0,53	0,53	0,52
Masculino	0,56	0,46	0,47	0,47
RANGES	12	07	06	05

Fonte: Fernandes (1996, p. 104) – Região Sul; Lopes, N. da S. (2001, p. 164) – Salvador; Martins (2013, p. 177) – Alto Solimões

Na tentativa de compreender o comportamento inverso de homens e mulheres capixabas, fizemos cruzamentos entre as variáveis sexo/gênero e escolaridade e entre sexo/gênero e faixa etária.

Na Tabela 24, constam os resultados do cruzamento entre sexo/gênero e escolaridade.

TABELA 24 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

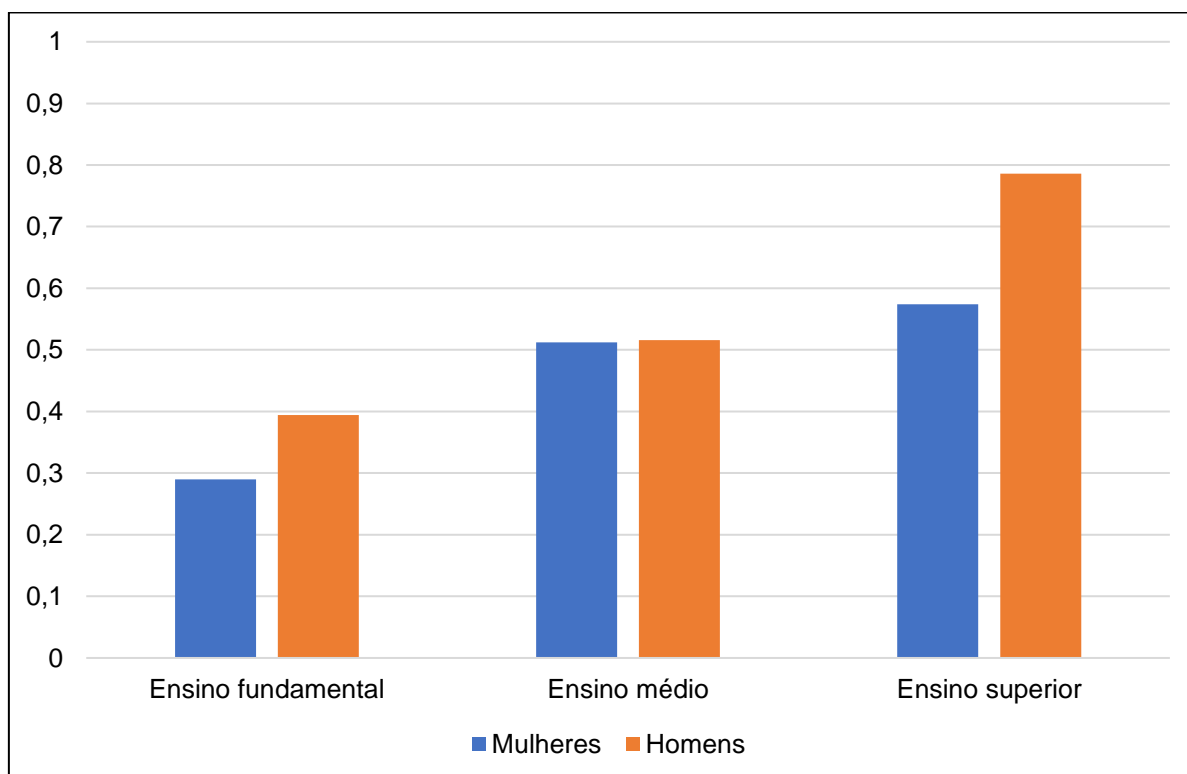
Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Mulher, ensino fundamental	1.983/2.430	81,6%	0,290
Homem, ensino fundamental	1.716/1.939	88,5%	0,394
Mulher, ensino médio	1.321/1.471	89,8%	0,512
Homem, ensino médio	1.237/1.385	89,3%	0,516
Mulher, ensino superior	1.771/1.963	90,2%	0,574
Homem, ensino superior	1.655/1.735	95,4%	0,786
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			496
SIGNIFICÂNCIA			0,001

Os dados revelam que o índice de marcação de plural tende a aumentar gradativamente em função dos anos de escolarização: no grupo das mulheres, temos 81,6% para falantes do ensino fundamental, 89,8% para falantes do ensino médio e 90,2% para falantes do ensino universitário; no grupo dos homens, temos 88,5% para informantes do ensino fundamental, 89,3% para informantes do ensino médio e 95,4% para informantes do ensino universitário.

Em termos de pesos relativos, os efeitos sugerem mais formas de prestígio na fala de pessoas com mais de onze anos de escolarização, independentemente do sexo/gênero: mulheres e homens desfavorecem a concordância no ensino fundamental (0,290 e 0,394), exibem efeito intermediário no ensino médio (0,512 e 0,516) e a favorecem no ensino universitário (0,574 e 0,786).

No Gráfico 2, tais resultados podem ser mais bem observados.

GRÁFICO 2 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E ESCOLARIDADE NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX



A diferença mais perceptível entre os sexos/gêneros se encontra nos falantes que possuem ensino superior, visto que, nesse nível de escolaridade, os homens apresentam peso relativo bem mais elevado do que as mulheres, embora ambos favoreçam a concordância. Com uma oposição pequena, mas também inversa à hipótese inicial, os homens do ensino fundamental se mostram à frente das mulheres de mesma escolarização.

Como mencionado por Guy e Zilles (2007), os programas do pacote *Varbrul* fazem a seleção das variáveis estatisticamente significativas, porém não fornecem informações sobre a significância dos fatores dentro de cada grupo. A fim de verificar se a diferença entre os sexos/gêneros feminino e masculino do primeiro nível de escolaridade é estatisticamente relevante, fizemos o teste de qui-quadrado.

Para tanto, realizamos uma nova rodada amalgamando os dados de falantes femininos e masculinos do ensino fundamental. Em seguida, calculamos a diferença entre o *log likelihood* da rodada inicial (com seis fatores de análise) e o da nova rodada (com cinco fatores de análise), multiplicamos por 2 e obtivemos um qui-quadrado de 19,252 e um grau de liberdade, visto que, inicialmente, tínhamos seis fatores e passamos a ter cinco. Feito isso, fomos à tabela de valores do qui-quadrado e constatamos que o número obtido pelo teste de *log likelihood* (19,252) é bem maior do que o valor apresentado para um grau de liberdade a nível 0,05 (3,841). Atestamos, assim, que a diferença entre homens e mulheres do primeiro nível de escolarização é estatisticamente significativa, inclusive a nível 0,001 (cf. detalhes no Apêndice D). Com efeito, podemos dizer que os homens se diferem das mulheres realizando mais concordância nos grupos que passam o menor e o maior tempo em contato com a norma padrão.

Antes de quaisquer tentativas de interpretação, gostaríamos de apresentar, na Tabela 25, os resultados do cruzamento entre sexo/gênero e faixa etária.

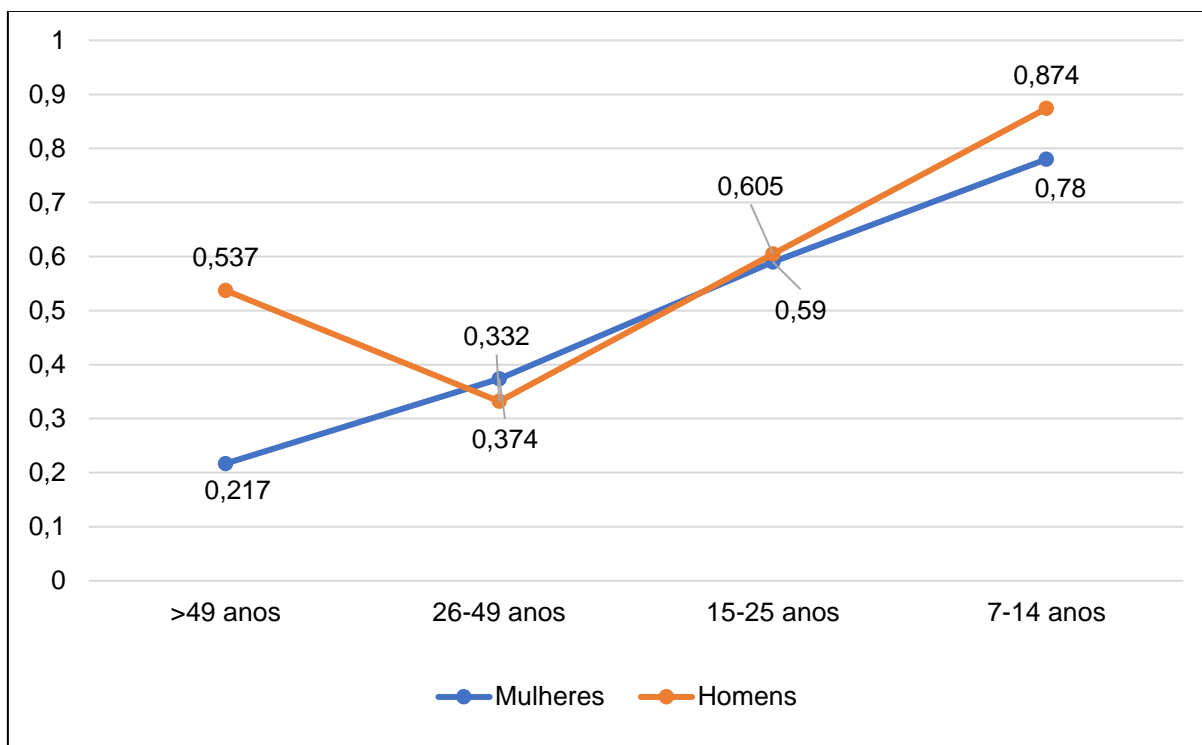
TABELA 25 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo
	n/N	[%]	
Mulher, 7-14 anos	739/817	90,5%	0,780
Homem, 7-14 anos	704/729	96,6%	0,874
Mulher, 15-25 anos	1.809/1.944	93,1%	0,590
Homem, 15-25 anos	1.519/1.630	93,2%	0,605
Mulher, 26-49 anos	1.122/1.290	87,0%	0,374
Homem, 26-49 anos	1.278/1.491	85,7%	0,332
Mulher, >49 anos	1.405/1.813	77,5%	0,217
Homem, >49 anos	1.107/1.209	91,6%	0,537
TOTAL	9.683/10.923	88,6%	
RANGE			542
SIGNIFICÂNCIA			0,008

Podemos observar que a configuração etária feminina apresenta uma distribuição inclinada com aumento gradual do favorecimento da variante padrão à medida que a idade diminui. No caso dos homens, essa distribuição é um pouco diferente: da faixa etária >49 anos para a de 26-49 anos ocorre uma queda no sentido de desfavorecimento da concordância e, posteriormente, um crescimento em direção ao favorecimento da marcação de plural.

No gráfico 3, esses padrões podem ser mais bem visualizados.

GRÁFICO 3 – EFEITO DO CRUZAMENTO DAS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO E FAIXA ETÁRIA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NA AMOSTRA PORTVIX



Como vemos, a diferença mais evidente de comportamento entre os dois sexos/gêneros está no segmento etário mais velho, com os homens (0,537) exibindo maiores chances de retenção de marcas plurais do que as mulheres (0,217). Além disso, observamos que, de modo mais sutil, eles também se revelam à frente delas na faixa etária mais jovem.

Para averiguar se a diferença entre meninos e meninas de 7-14 anos é estatisticamente significativa, realizamos o teste do qui-quadrado nos moldes descritos anteriormente. Após multiplicarmos por 2 o resultado da diferença entre o *log likelihood* da rodada inicial (com oito fatores de análise) e o da rodada com os dados dos falantes da primeira faixa etária agrupados (com sete fatores de análise), obtivemos um qui-quadrado de 6,512 e um grau de liberdade. Ao observar a tabela do qui-quadrado, verificamos que a diferença entre meninos e meninas de 7-14 anos é estatisticamente significativa, uma vez que o valor obtido no teste de *log likelihood* (6,512) é superior ao encontrado para um grau de liberdade a nível 0,05 (3,841) (cf. Apêndice D). Portanto, são nas faixas etárias dos extremos que os homens se mostram mais sensíveis à marcação de plural do que as mulheres.

Em resumo, a conclusão a que se chega, com base nos cruzamentos das variáveis sociais, é que são os falantes da primeira faixa etária, da última faixa etária, do ensino fundamental e do ensino superior que determinam o padrão encontrado na análise individual do grupo de fatores sexo/gênero.

É necessário, então, que busquemos fatos na comunidade capixaba para entender o comportamento linguístico desses falantes, uma vez que

a análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma comunidade de fala (PAIVA, 2013, p.35).

Conforme exposto na seção 4.1, Vitória, cidade pequena e pouco desenvolvida, passou por uma mudança drástica e repentina, no começo da década de 1970, ocasionada pela instalação das indústrias Companhia Vale do Rio Doce e Companhia Siderúrgica Tubarão. Esse fato, como já citado por Benfica (2016), pode ter influenciado os homens a realizarem mais concordância em sua fala. Em virtude da necessidade de inserção no mercado de trabalho e de ascensão para cargos melhores, os homens utilizariam mais a forma de prestígio do que as mulheres, as quais, na sociedade capixaba daquela época, como assinalado por Nader (2004), com base em registros civis matrimoniais, ainda estavam mais restritas a realizar as tarefas domésticas e a cuidar dos filhos.

No decorrer dos anos, esse cenário foi se alterando e as mulheres passaram a se inserir cada vez mais no mercado de trabalho e a se tornarem independentes socioeconomicamente. No entanto,

pela intensidade do machismo em que se pauta a cultura dos italianos, alemães e árabes, imigrantes que chegaram em grande número ao Espírito Santo na virada do século XIX para o XX, na sociedade vitoriense ainda hoje se percebe nitidamente resquícios da cultura patriarcalista fundado na hierarquia e na desigualdade de lugares sociais sexuados que subalternizam a mulher, descendente ou não daqueles povos (NADER, 2009, p.165).

Uma das consequências das diferenças de poder e *status* que envolvem os sexos/gêneros feminino e masculino que podemos citar é a violência contra mulher. Embora outras cidades brasileiras também tenham sua organização social pautada no patriarcalismo, em Vitória parece haver intensa propagação do imaginário da submissão feminina ao masculino, uma vez que a capital capixaba se tornou uma das cidades com maiores índices de violência contra mulher, chegando a liderar o ranking de feminicídios nos anos de 2010 e 2013 (WAISELFISZ, 2012, 2015). Assim, uma hipótese para a discrepância de comportamento de homens e mulheres na concordância nominal, fenômeno acima do nível da consciência que envolve estigma social, seria a de que o machismo e o conservadorismo do homem capixaba estariam refletindo no linguístico. Considerando que no sistema patriarcal “ser homem implicava em dominar as mulheres e nunca se parecer com elas” (NADER, 2013, p. 5), os homens utilizariam a forma de prestígio como elemento de afirmação da sua superioridade sobre as mulheres.

Essa interpretação é mais plausível para os falantes acima de 49 anos e para os menos e mais escolarizados. É comum que pessoas mais velhas sejam mais conservadoras, afinal elas nasceram em uma época em que os papéis sociais ainda eram bem delimitados para homens e mulheres também em áreas urbanas. Com relação aos universitários, com a qualificação acadêmica feminina e a sua inserção até mesmo em profissões que eram restritas ao universo masculino, é de se esperar que os homens mais escolarizados fizessem mais concordância do que as mulheres como forma de preservar o seu espaço no mercado de trabalho.

A mesma linha de raciocínio dos universitários pode ser seguida para os menos escolarizados, com exceção dos falantes de 7-14 anos. Tendo em vista o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e a considerável dificuldade das pessoas de um a oito anos de escolarização em conseguir um emprego em Vitória, é possível que os homens realizem mais concordância do que as mulheres como forma de conquistar e/ou salvaguardar o seu lugar no mercado de trabalho.

Embora as crianças de 7-14 anos sejam educadas em um sistema conservador, não podemos dizer que a tendência dos meninos preferirem marcas explícitas de plural seja uma forma de marcar a supremacia masculina, pois o machismo e o conservadorismo não são tão evidentes entre os mais jovens como entre os mais

velhos. Ressaltamos, portanto, que ainda temos que investigar de maneira mais apurada as peculiaridades da organização social de Vitória para que possamos entender a dinâmica de gênero na capital capixaba.

Gostaríamos de retomar aqui, agora, a questão da oposição entre capixabas e leopoldinenses no que diz respeito à variável em discussão. Conforme já vimos na Tabela 22, diferentemente de Vitória, na área rural de Santa Leopoldina, mulheres e homens se comportam na direção prevista na literatura sociolinguística, apesar de essa comunidade também ter uma forte base patriarcal. A nosso ver, as possíveis diferenças no grau de avaliação da concordância nominal, provavelmente, podem nos ajudar a trazer luzes sobre as tendências divergentes dessas duas localidades do Espírito Santo.

Pensando especialmente no *continuum* rural-urbano, de Bortoni-Ricardo (1998, 2005), podemos dizer que é no meio urbano que a ausência de marcas explícitas de plural tende a receber mais estigma. Com efeito, é possível levantar a hipótese de que os homens leopoldinenses não realizariam mais concordância do que as mulheres pelo fato de o julgamento negativo da não marcação de plural não ser tão forte em Santa Leopoldina quanto em Vitória. Reforçamos, porém, que, futuramente, para refutar ou não essa hipótese, faz-se necessário a realização de testes de reação subjetiva.

Em verdade, para se trazerem maiores esclarecimentos sobre os resultados obtidos para a variável sexo/gênero, é necessário um estudo mais profundo para se identificarem as particularidades de Vitória que a diferem das outras comunidades brasileiras, incluindo Santa Leopoldina.

5.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, examinamos, no banco de dados do PortVix, a concordância gramatical de número plural no interior do sintagma nominal e observamos que há um predomínio da variante padrão sobre a não padrão em Vitória, posto que os falantes dessa comunidade exibem uma taxa de 88,6% de concordância.

A partir da análise das restrições linguísticas e sociais aqui realizada, podemos afirmar que:

- 1) No plano linguístico, a tendência geral sugere que a inserção do –S plural é maior nos elementos: a) não nucleares antepostos ao núcleo e nucleares localizados na primeira posição; b) precedidos de marcas; c) de oposição material fônica mais saliente. Inversamente, o cancelamento do morfema plural é maior nos itens: a) não nucleares pospostos ao núcleo e nucleares situados a partir da 1ª posição; b) antecidos de zeros; c) de oposição material fônica menos saliente.
- 2) No plano social, o padrão geral indica que a marca explícita de plural é favorecida pelos falantes mais jovens, do sexo/gênero masculino e de maior nível de escolaridade. Em contrapartida, a marca zero é favorecida pelas pessoas mais velhas, do sexo/gênero feminino e de menor nível de escolaridade. Além disso, a variável faixa etária aponta que Vitória está em um processo aquisitivo em direção a um sistema de marcas.

No capítulo seguinte, vamos apresentar e discutir os resultados da outra dimensão da variação proposta neste estudo: a estilística.

6 ANÁLISE DA FALA CAPIXABA: O ESTILÍSTICO

Conforme apresentado no item 3.2.1.1, Labov (2003 [1969], p. 234) menciona que não há falantes de estilo único, o que significa que, em maior ou menor grau, todos variam estilisticamente. Retomando nossas colocações do capítulo metodológico, mais especificamente da página 84, acreditamos que a escola desempenha papel importante nisso ao fornecer munição para mudanças estilísticas, especialmente em fenômenos estigmatizados. Assim, considerando que queremos verificar se o estilo exerce a mesma influência sobre a fala de informantes mais e menos escolarizados ou se há diferenças, separamos a análise da *Árvore da Decisão* em função dos anos de escolaridade.

Estruturalmente, os resultados estão organizados em três etapas. Inicialmente, fazemos uma análise agrupando os contextos estilísticos propostos por Labov (2001a) em estilo casual e monitorado. Posteriormente, examinamos os dados segundo a proposta original laboviana. Por fim, fazemos uma análise com base na *Árvore da Decisão* remodelando o resíduo.

Nos Quadros 8, 9 e 10, temos a ordem de seleção das variáveis independentes, feita pelo *GoldvarbX*, nas rodadas de cada nível escolarização⁴¹.

QUADRO 8 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO ESTILO (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIOS DA AMOSTRA PORTVIX)

Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado	Árvore da Decisão laboviana	Árvore da Decisão remodelada
1	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear
2	Faixa etária	Faixa etária	Faixa etária
3	Marcas precedentes	Marcas precedentes	Marcas precedentes
4	Saliência fônica	Saliência fônica	Estilo
5	Sexo/gênero	Sexo/gênero	Saliência fônica
6	Estilo	Estilo	Sexo/gênero

⁴¹ Ver Apêndice C para detalhes sobre os níveis de significância.

QUADRO 9 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO ESTILO (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX)

Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado	Árvore da Decisão laboviana	Árvore da Decisão remodelada
1	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear
2	Marcas precedentes	Marcas precedentes	Marcas precedentes
3	Faixa etária	Faixa etária	Faixa etária
4	Saliência fônica	Saliência fônica	Saliência fônica
5	Estilo	–	Estilo
Não selecionado	Sexo/gênero	Sexo/gênero Estilo	Sexo/gênero

QUADRO 10 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A ANÁLISE DO ESTILO (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)

Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado	Árvore da Decisão laboviana	Árvore da Decisão remodelada
1	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear	Posição relativa e linear
2	Faixa etária	Faixa etária	Faixa etária
3	Marcas precedentes	Marcas precedentes	Marcas precedentes
4	Saliência fônica	Saliência fônica	Saliência fônica
5	Sexo/gênero	Sexo/gênero	Sexo/gênero
6	Estilo	Estilo	Estilo

Como podemos observar, para os informantes do ensino superior e do ensino fundamental, todos os grupos de fatores foram selecionados como estatisticamente significativos, com uma única diferença na ordem de seleção: na rodada da Árvore da Decisão remodelada, o estilo é a quarta variável selecionada para os mais escolarizados, enquanto é sexta selecionada para os menos escolarizados.

Para os falantes do ensino médio, ocorreram algumas outras alterações: em todas as rodadas, marcas precedentes passa a ocupar a segunda posição na ordem de

seleção e sexo/gênero não é selecionado; na rodada da árvore original, além do sexo/gênero, o estilo também não é selecionado. Convém pontuar aqui que o fato do sexo/gênero não ter sido selecionado como estatisticamente significativo para esse agrupamento de falantes é bastante previsível e consistente, visto que quando promovemos o cruzamento dessa variável com a escolaridade, como já vimos na Tabela 24, os efeitos são praticamente iguais para homens (0,512) e mulheres (0,516).

Com relação ao estilo, especificamente, no geral, vemos que essa variável tende a ser considerada como estatisticamente significativa nos três níveis de escolaridade.

A seguir, apresentaremos os resultados para os falantes de ensino superior, depois para os de ensino médio e, em seguida, para os de ensino fundamental. Escolhemos essa sequência de exposição porque gostaríamos de observar o comportamento dos efeitos estilísticos dos mais escolarizados para os menos escolarizados.

6.1 ENTREVISTAS DO ENSINO UNIVERSITÁRIO

Nas entrevistas de informantes universitários, retiramos os casos de núcleo na primeira posição por serem categoricamente marcados nesse nível de escolarização da amostra PortVix.

Como pode ser visto na Tabela 26, não obtivemos uma distribuição equilibrada dos dados. As 3.621 ocorrências de sintagmas nominais variáveis avaliadas se encontram, majoritariamente, nas situações que Labov (2001a) classifica como fala monitorada (88,8% da amostra). De acordo com Guy e Zilles (2007), essa distribuição assimétrica entre os fatores interfere nos valores dos pesos relativos. Nesta etapa, nossos dados se encontram, portanto, próximos ao “limite absoluto da capacidade de análise razoável” (GUY; ZILLES, 2007, p. 60), que é de 95% de sobreposição.

Vale salientar que não estamos afirmando que o PortVix é uma amostra de fala extremamente monitorada, pois, como veremos mais adiante, o estilo contextual resíduo, localizado no ramo de falas monitoradas da Árvore da Decisão, é que está inflacionando grande parte do percentual desse fator. Labov (2008 [1972]), inclusive,

sinaliza que o grande desafio é exatamente captar a fala espontânea, que é o correlato da fala casual, em entrevistas sociolinguísticas, estilo de fala classificado como monitorado (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 101-126).

TABELA 26 – EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX)

Estilos	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Monitorado	2.987/3.217	92,9%	0,522	88,8%
Casual	362/404	89,6%	0,332	11,2%
TOTAL	3.349/3.621	92,5%		
RANGE			190	
SIGNIFICÂNCIA				0,000

Na fala dos universitários, a taxa de concordância é elevada tanto na fala monitorada quanto na fala casual. Contudo, como pode ser observado na Tabela 26, há uma pequena queda no uso da variante padrão de 92,9% na fala monitorada para 89,6% na fala casual. Em termos de pesos relativos, a fala casual inibe a marcação de plural (0,332) e a fala monitorada apresenta efeito ligeiramente acima do neutro (0,522). Ressaltamos, porém, que essa aproximação com o ponto neutro (0,500) deve ser atribuída à distorção provocada pela alta sobreposição desse fator com o *input*, ou seja, com a taxa geral de concordância (GUY; ZILLES, 2007, p. 60-61, 238-239).

Apesar da pouca diferença entre fala casual e monitorada, conseguimos captar a influência estatisticamente significativa do estilo sobre a concordância nominal, pois, nas palavras de Sankoff (1988, p. 989), “a comparação dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”⁴².

⁴² Original: [...] the comparison of the effects of any two factors in a factor group (as measured by their difference) which is important, and not their individual values.

Na Tabela 27, temos as frequências, bem como os efeitos de cada contexto estilístico da Árvore da Decisão laboviana. Contudo, antes, gostaríamos de informar que, nesse agrupamento de falantes, não encontramos dados da categoria infância, pois os casos que envolviam essa temática eram relatos feitos sob a perspectiva adulta, como pode ser visto nos exemplos (127) e (128).

(127) E2 – e como que foi a sua infância... a senhora viajava muito com a família?
 Inf – não não não... a gente não tinha condições né? a gente era pobre né? não era/ não éramos miseráveis e indigente como é hoje mas pobre... papai trabalhava... mamãe doméstica né? **os filho**... a gente tinha sim o que ninguém tem hoje... a gente tinha **os vizinhos**... saía... brincava... **essas coisa tudo** de infância... eu tive infância entendeu? eu tinha uma escola pública de qualidade... tinha minha casa que é essa aqui que é até hoje... essa casa nunca faltou tinha tudo assim roupa... nunca faltou comida... nunca passei fome entendeu? [...] muito boa minha infância... melhor do que hoje [...]
 (FEM/>49/UNIV).

(128) E1 – cê tem saudade da sua infância?
 Inf – tenho cara é uma fácil/ era uma infância muito legal... dançava mais em Manguinhos... a gente sempre saía viajava... mais era uma época melhor né? não sei porquê era uma época melhor... o pessoal tava mais unido né? aí cresce vai pra lá um pra cá [...]
 E1 – jogou botão?
 i: botão... futebol de botão... aí depois de botão né vieram **aqueles bonequinhos** né que cê bate assim tem uma bolinha redondinha... aquilo é legal... brinquei muito disso... não é brincadeira não
 E1 – e video-game era atari [[risos]]
 Inf – é... cheguei a pegar atari... brinquei muito de atari cara... inclusive acho que tenho até ainda um guardado do meu tio aí... que coisa pré-histórica [[risos]] puts... meu pai brincava disso também... **aqueles redondinhos pior** que o atari... antes do atari aquele redondinho aquele né ... já ouviu falar né?... **dois negocinho redondinho** que você botava a bolinha num negócio quadrado/ numa quadra de tênis... aí vem a

bolinha bate [[o informante faz com a boca o barulho da bolinha]]... cheguei a jogar com isso quando criança... depois foi melhorando né?

(MASC/15-25/UNIV).

Como discutido na seção 4.3.2, obtivemos somente dois casos categoricamente marcados do estilo contextual língua, os quais foram retirados da análise de pesos relativos. Além disso, encontramos apenas seis casos da categoria tangente. Tendo em vista que fatores com poucos dados podem distorcer os pesos relativos, decidimos amalgamar os nós grupo e tangente, que, embora sejam trechos com características distintas, pertencem ao mesmo ramo da Árvore da Decisão: o de falas não monitoradas.

TABELA 27 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	295/309	95,5%	0,616	8,5%
Opinião genérica	253/257	98,4%	0,728	7,1%
Resíduo	2.439/2.651	92,0%	0,491	73,2%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	349/388	89,9%	0,333	10,7%
Grupo e Tangente	13/16	81,2%	0,136	0,4%
TOTAL	3.349/3.621	92,5%		
RANGE			592	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Todas as situações classificadas como fala monitorada e não monitorada se comportam dentro do previsto. No ramo de falas monitoradas, os trechos de respostas

e de opiniões genéricas favorecem a concordância, com pesos relativos de 0,616 e 0,728, respectivamente; e o contexto estilístico resíduo apresenta um efeito intermediário, com peso relativo de 0,491.

No ramo de falas não monitoradas, por outro lado, há o desfavorecimento da marcação de plural em todos os contextos estilísticos: narrativa de experiência pessoal apresenta 0,333 de peso relativo e o nó grupo e tangente possui 0,136 de peso relativo, o mais baixo desse ramo.

Sendo assim, após aplicar a Árvore da Decisão nas 12 entrevistas de informantes universitários da amostra PortVix, constatamos que é possível identificar alternancias de estilo conforme os contextos propostos por Labov (2001a). Entretanto, como comentado na Tabela 26, o resíduo é o principal responsável por inflacionar o percentual de dados do fator estilo monitorado, uma vez que de 3.621 dados, 2.651 se encontram nele (73,2% da amostra). Desse modo, remodelamos esse contexto estilístico, como detalhado no capítulo 4, para compreender com mais propriedade os efeitos estilísticos sobre a concordância nominal.

A Tabela 28 mostra os resultados para a Árvore da Decisão remodelada.

TABELA 28 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	295/309	95,5%	0,600	8,5%
Opinião genérica	253/257	98,4%	0,717	7,1%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	70/75	93,3%	0,713	2,1%
Narrativa habitual	176/215	81,9%	0,247	5,9%
Exposição/descrição geral	374/387	96,6%	0,707	10,7%
Exposição/descrição pessoal	161/185	87,0%	0,284	5,1%
Opinião pessoal	1.304/1.401	93,1%	0,505	38,7%
Demais casos	354/388	91,2%	0,457	10,7%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	349/388	89,9%	0,322	10,7%
Grupo e Tangente	13/16	81,2%	0,112	0,4%
TOTAL	3.349/3.621	92,5%		
RANGE			605	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Podemos perceber que os contextos estilísticos mantidos conforme elaborados por Labov (2001a) seguem o mesmo padrão encontrado na árvore original. No ramo de fala monitorada, há um favorecimento da concordância, enquanto no ramo de fala casual há uma tendência de não marcação de plural. Em termos de pesos relativos, temos 0,600 para resposta; 0,717 para opinião genérica; 0,322 para narrativa de experiência pessoal; e 0,112 para grupo e tangente.

Além disso, notamos que não há um comportamento estilístico uniforme nas falas residuais, conforme assumido por Labov (2001a). No que tange às narrativas, nossos resultados mostram que as narrativas vicárias favorecem a inserção do –S plural, com

peso relativo de 0,713, ao passo que as narrativas habituais a desfavorecem, com peso relativo de 0,247. Enquanto a primeira segue o pressuposto laboviano, manifestando traços de fala monitorada, a segunda adota uma orientação contrária. Nas entrevistas de universitários do PortVix, as narrativas habituais apresentam um comportamento similar aos contextos de fala casual, tendo um efeito inibidor de marcas plurais até mais forte do que o das narrativas de experiência pessoal (0,322).

Esses resultados parecem indicar que, quando a narrativa é sobre um fato que aconteceu com o próprio informante num tempo passado, seja ele de experiência pessoal ou de fatos recorrentes, ocorre um maior envolvimento emocional do que quando a narrativa é sobre algo que aconteceu com uma terceira pessoa.

Com relação às sequências expositivas/descritivas, observamos que o grau de monitoração da própria fala é diminuído quando os informantes discorrem sobre tópicos pessoais, isto é, sobre aquilo que envolve suas preferências pessoais e sua família, com peso relativo de 0,284. Em contrapartida, percebemos um aumento significativo do monitoramento quando os falantes versam sobre tópicos mais gerais, com peso relativo de 0,707. Tais resultados sugerem uma tendência de mais marcas plurais em sequências textuais mais objetivas e de menos marcas plurais em sequências textuais mais subjetivas.

No que diz respeito às opiniões pessoais, verificamos um efeito intermediário sobre a retenção de marcas de plural nos elementos do sintagma nominal, com 0,505 de peso relativo. Apesar de ser uma exposição pessoal (opinião própria do informante), esse é um tipo de textualização que, de certa forma, envolve um monitoramento maior da fala, tendo em vista que nela o informante sustenta um posicionamento, tentando convencer ou persuadir o ouvinte sobre a posição defendida. Acreditamos que o efeito não tenha sido a favor da ausência de marcas em decorrência dessa característica intrínseca às sequências argumentativas.

No tocante aos demais casos do resíduo, verificamos que eles continuam manifestando um efeito intermediário, com peso relativo de 0,457. De acordo com Labov (2001a), apesar de estar situado no lado destinado à fala monitorada, o resíduo pode conter passagens com efeitos semelhantes aos de fala não monitorada, pois a *Árvore da Decisão* capta apenas as quatro partes da entrevista em que é nítida a alternância de estilo em direção a uma fala mais casual. Consideramos que esse ramo

não deveria estar nem do lado da fala monitorada, nem do lado da fala casual, pois ele possui uma combinação de efeitos diversos. Portanto, deveria ser uma árvore com pelo menos três ramos, ternária, e não binária.

Os resultados aqui apresentados foram obtidos com a análise de todos os dados. Considerando que os itens não nucleares antepostos ao núcleo (98,7%) possuem marcação semicategórica, nos termos de Labov (2003), decidimos repetir a análise sem esses dados, observando apenas as posições em que realmente ocorre variação. Na Tabela 29 constam os resultados obtidos.

TABELA 29 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL UNIVERSITÁRIO DA AMOSTRA PORTVIX) – SEM ELEMENTOS NÃO NUCLEARES ANTEPOSTOS AO NÚCLEO

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	160/173	92,5%	0,596	8,5%
Opinião genérica	143/147	97,3%	0,692	7,2%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	46/50	92,0%	0,757	2,5%
Narrativa habitual	86/124	69,4%	0,217	6,1%
Exposição/descrição geral	206/217	94,9%	0,732	10,7%
Exposição/descrição pessoal	84/107	78,5%	0,269	5,3%
Opinião pessoal	677/766	88,4%	0,504	37,6%
Demais casos	181/212	85,4%	0,458	10,4%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	196/231	84,8%	0,334	11,3%
Grupo e Tangente	7/9	77,8%	0,195	0,4%
TOTAL	1.786/2.036	87,7%		
RANGE			562	
SIGNIFICÂNCIA			0,006	

Como vemos, os números acima se assemelham bastante aos da Tabela 28, demonstrando que não há diferença nos efeitos dos contextos estilísticos na análise com todos os dados ou sem os constituintes não nucleares antepostos ao núcleo.

Diante disso, percebemos que, no grupo dos universitários da amostra PortVix, algumas hipóteses labovianas se confirmam: respostas, opiniões genéricas e narrativas vicárias, trechos de fala mais monitorada, favorecem a concordância; por outro lado, narrativas de experiência pessoal, grupo e tangente, trechos de fala menos monitorada, desfavorecem a concordância. Entretanto, a hipótese do sociolinguista em relação à narrativa habitual não se efetiva, uma vez que esse contexto se mostrou favorecedor da não concordância, índice de fala casual.

De modo geral, esses resultados fornecem indícios de que quando o falante é envolvido de alguma forma no relato de fala, seja em contextos narrativos ou expositivos/descritivos de caráter pessoal, há a diminuição do monitoramento da fala e, conseqüentemente, um emprego maior da variante não padrão.

6.2 ENTREVISTAS DO ENSINO MÉDIO

Nas entrevistas do ensino médio, coletamos ao todo 2.841 ocorrências de elementos flexionáveis no interior do sintagma nominal. Observando a distribuição dessas ocorrências segundo os estilos na Tabela 30, vemos que, novamente, a grande maioria dos dados levantados compreende os contextos de fala monitorada (86,9% da amostra).

TABELA 30 – EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX)

Estilos	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Monitorado	2.230/2.469	90,3%	0,515	86,9%
Casual	322/372	86,6%	0,400	13,1%
TOTAL	2.552/2.841	89,8%		
RANGE			115	
SIGNIFICÂNCIA			0,020	

Tal como os universitários, os informantes de escolarização mediana exibem índices de concordância bem próximos para as duas situações de fala: 86,6% para a fala casual e 90,3% para a monitorada. Mesmo com a diferença de apenas 3,7 pontos percentuais entre os estilos, é possível perceber uma pequena queda na taxa de marcação da fala monitorada para a casual.

No que diz respeito aos pesos relativos, temos a fala casual desfavorecendo a concordância (0,400) e a fala monitorada um pouco acima da neutralidade (0,515). A assimetria na distribuição dos dados, mais uma vez, não nos permite obter um resultado na direção do favorecimento do morfema plural para esse último estilo devido a sua sobreposição com o *input*. Entretanto, é importante enfatizar que a diferença de 115 pontos entre os pesos relativos é estatisticamente significativa.

A Tabela 31 traz os resultados da árvore laboviana. É importante dizer que, nesta etapa, conforme consta no Quadro 10, a variável estilo não foi selecionada como estatisticamente significativa pelo *Goldvarb X*, embora tenha sido com a variável estilística com dois fatores.

Gostaríamos de observar, ainda, que, nesse agrupamento de falantes, verificamos que havia seis dados categoricamente marcados do nó estilístico infância, os quais foram excluídos da análise estatística. Observamos também que havia apenas três dados da categoria tangente, que foram agrupados com o nó grupo, assim como feito para os universitários. Vale ressaltar, também, que não localizamos dados correspondentes ao estilo contextual língua.

TABELA 31 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	414/454	91,2%	[0,507]	16,0%
Opiniões genéricas	253/274	92,3%	[0,584]	9,6%
Resíduo	1.563/1.741	89,8%	[0,506]	61,3%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	310/357	86,8%	[0,403]	12,6%
Grupo e Tangente	12/15	80,0%	[0,353]	0,5%
TOTAL	2.552/2.841	89,8%		
SIGNIFICÂNCIA			0,140	

Como vemos, mesmo sem significância estatística, os pesos relativos apontam, de maneira geral, para uma tendência já observada nas entrevistas do ensino superior. No ramo de falas monitoradas, os excertos de respostas apresentam efeito intermediário [0,507], os de opiniões genéricas favorecem relativamente a concordância [0,584] e os de resíduo exibem efeito neutro [0,506]. Em contrapartida, no ramo de falas não monitoradas, todas as categorias seguem em direção ao desfavorecimento da marcação de plural: temos [0,403] de peso relativo para narrativa de experiência pessoal e [0,353] para grupo e tangente.

Além disso, podemos observar que o resíduo retém mais de 60% dos dados. Apesar de não ter obtido êxito na identificação da influência de efeitos estilísticos com a Árvore da Decisão laboviana original nas 14 entrevistas de ensino médio do PortVix, optamos por realizar a remodelação das falas residuais na tentativa de alcançar significância estatística para a variável em análise.

Na Tabela 32, encontram-se os resultados da Árvore da Decisão remodelada, selecionada como estatisticamente significativa pelo programa computacional.

TABELA 32 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	414/454	91,2%	0,498	16,0%
Opinião genérica	253/274	92,3%	0,583	9,6%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	117/140	83,6%	0,359	4,9%
Narrativa habitual	101/107	94,4%	0,709	3,8%
Exposição/descrição geral	123/132	93,2%	0,724	4,6%
Exposição/descrição pessoal	140/163	85,9%	0,315	5,7%
Opinião pessoal	782/865	90,4%	0,510	30,4%
Demais casos	300/334	89,8%	0,514	11,8%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	310/357	86,8%	0,397	12,6%
Grupo e Tangente	12/15	80,0%	0,354	0,5%
TOTAL	2.552/2.841	89,8%		
RANGE			409	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Os estilos contextuais dos ramos de falas monitoradas e não monitoradas apresentam efeitos similares ao indicado na árvore original. Do lado monitorado, resposta possui efeito intermediário (0,498) e opinião genérica favorece relativamente marcas explícitas de plural (0,583). Já do lado não monitorado, narrativa de experiência pessoal (0,397) e grupo e tangente (0,354) inibem a retenção de marcas.

No ramo de falas residuais, os nós estilísticos seguem diferentes direções. Em relação às narrativas, notamos que, paradoxalmente, a vicária desfavorece a concordância,

com peso relativo de 0,359, enquanto a habitual a favorece fortemente, com peso relativo de 0,709. Aqui há uma distinção entre fala casual e monitorada, porém, no sentido oposto ao dos falantes universitários.

A fim de tentar compreender a divergência entre as narrativas vicárias dos mais escolarizados e dos de escolarização intermediária, voltamos aos dados buscando averiguar se há diferenças quanto à proximidade com a pessoa sobre a qual se fala ou quanto o fato em si. Para isso, realizamos dois levantamentos: um agrupando narrativa vicária testemunhada *versus* narrativa vicária não testemunhada e outro agrupando narrativa vicária com conhecido *versus* narrativa vicária com desconhecido.

Nossa expectativa era de encontrar mais trechos de narrativas vicárias com desconhecidos e de fatos não testemunhados na fala dos universitários, visto que esses formatos constituem o protótipo do menor envolvimento emocional e, por conseguinte, de maior monitoramento. No entanto, verificamos que, independentemente da escolarização, a maioria dos relatos (em torno de 60%) envolvem pessoas próximas e fatos não testemunhados pelo falante.

Outro ponto que procuramos observar foi o contexto de surgimento dessas narrativas. Esperávamos que as narrativas vicárias dos informantes mais escolarizados emergiriam, predominantemente, de sequências argumentativas, visto que estas, se comparadas com as narrativas, tendem a exigir mais atenção à fala. Entretanto, mais uma vez, não encontramos valores muito díspares: cerca de 75% das narrativas vicárias advêm de trechos narrativos no ensino superior e no ensino médio.

Ao esquadriharmos a origem das narrativas habituais, também constatamos que a tendência geral era bastante similar para os dois agrupamentos de falantes: aproximadamente 60% das narrativas habituais emergem de passagens narrativas nas entrevistas dos mais escolarizados e nas do ensino médio. Esses resultados revelam, portanto, que os gêneros narrativos do resíduo não apresentam um comportamento regular, sendo necessário um estudo mais apurado deles no futuro.

No que concerne às sequências expositivas/descriptivas, os dados estatísticos indicam que há uma diferença considerável quanto ao tipo de assunto, pois as exposições/descrições de caráter pessoal tendem a desfavorecer a variante padrão,

com peso relativo de 0,315, ao passo que as de caráter geral tendem a favorecê-la, com peso relativo de 0,724. Para os falantes do ensino médio, portanto, encontramos a mesma correlação observada para os universitários, isto é, exposições/descrições mais objetivas/mais monitoração e exposições/descrições mais subjetivas/menos monitoração.

No que diz respeito às opiniões pessoais, notamos um efeito intermediário sobre o uso do morfema plural, com peso relativo de 0,510. É importante reforçar aqui que esse efeito pode ser atribuído ao fato de os relatos de opinião pessoal serem um gênero textual que envolve aspectos que podem levar tanto ao maior monitoramento, necessidade de boa argumentação para sustentar a tese defendida, quanto ao menor monitoramento da fala, expressão de uma visão mais pessoal sobre determinado assunto.

Quanto aos demais casos do resíduo, percebemos que a influência dessa categoria é bastante semelhante para os falantes dos dois níveis de escolarização analisados, visto que as entrevistas do ensino médio também exibem um efeito intermediário (0,514), não apontando nem em direção à inserção nem ao cancelamento do –S plural. Ressaltamos, mais uma vez, que o resíduo recebe trechos bastante heterogêneos, fato que torna inapropriado sua localização no ramo de fala monitorada.

Retirando os dados de elementos não nucleares antepostos ao núcleo e de nucleares na primeira posição, os resultados estatísticos se mantêm, como pode ser visto na Tabela 33.

TABELA 33 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX) – SEM ELEMENTOS NÃO NUCLEARES ANTEPOSTOS AO NÚCLEO E NUCLEARES NA 1ª POSIÇÃO

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	210/248	84,7%	0,490	16,1%
Opinião genérica	126/143	88,1%	0,630	9,3%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	63/86	73,3%	0,337	5,6%
Narrativa habitual	52/58	89,7%	0,691	3,8%
Exposição/descrição geral	69/77	89,6%	0,744	5,0%
Exposição/descrição pessoal	64/86	74,4%	0,291	5,6%
Opinião pessoal	375/450	83,3%	0,524	29,2%
Demais casos	149/180	82,8%	0,520	11,7%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	159/205	77,6%	0,367	13,3%
Grupo e Tangente	6/9	66,7%	0,323	0,6%
TOTAL	1.273/1.542	82,6%		
RANGE			453	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

No grupo dos falantes de nível médio do PortVix, em conformidade com as hipóteses labovianas, a variante padrão tende a ocorrer mais nas categorias resposta, opinião genérica e narrativa habitual do que nos trechos de narrativas de experiência pessoal, grupo e tangente. Por outro lado, diferentemente do relatado por Labov (2001a), as narrativas vicárias se revelaram como um contexto favorável para a diminuição da monitoração da fala. Na realidade, os gêneros narrativos do resíduo, novamente, não apresentam um comportamento uniforme, conforme sugerido por Dantas e Gibbon (2014).

A partir das observações relatadas até aqui, somos levados a concluir que, além do gênero textual, há outros traços determinando o comportamento das narrativas habituais e vicárias, já que o papel desempenhado por esses formatos narrativos atua de maneira diferente nos dois grupos de falantes. Além disso, outra conclusão que parece se poder estabelecer é que os falantes de escolarização intermediária, em circunstâncias analíticas mais detalhadas, são tão influenciados pelo estilo nos moldes de atenção à fala quanto os mais escolarizados, posto que obtivemos resultados polarizados para os dois agrupamentos de falantes.

6.3 ENTREVISTAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nas entrevistas do ensino fundamental, fizemos um levantamento de 4.369 dados. Na Tabela 34, podemos observar que, novamente, ocorre o predomínio de estilos contextuais categorizados, nos termos de Labov (2001a), como fala monitorada (87,2% da amostra).

TABELA 34 – EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)

Estilos	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Monitorado	3.255/3.811	85,4%	0,524	87,2%
Casual	444/558	79,6%	0,341	12,8%
TOTAL	3.699/4.369	84,7%		
RANGE			183	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Os informantes do fundamental, igualmente aos de outros níveis de escolaridade, apresentam uma elevação discreta na taxa de concordância de 79,6% na fala casual para 85,4% na fala monitorada. Em relação aos pesos relativos, a fala casual

desfavorece o uso do morfema plural (0,341), enquanto a fala monitorada exhibe efeito levemente acima do neutro (0,524). É importante mencionar aqui que a diferença entre estilo casual e monitorado também foi considerado estatisticamente significativo. Assim, o índice de neutralidade obtido para a fala monitorada decorre, mais uma vez, da sobreposição entre esse fator, que abarca 86,9% dos dados, e o *input*.

Na Tabela 35, apresentamos as frequências absolutas, relativas e pesos relativos da árvore original. Vale ressaltar aqui que, durante a aplicação da Árvore da Decisão laboviana, não encontramos nenhum trecho de fala que contemple os contextos língua, grupo e tangente.

TABELA 35 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)

Fatores	Uso de		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	Concordância			
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	862/984	87,6%	0,526	22,5%
Opinião genérica	197/237	83,1%	0,458	5,4%
Resíduo	2.196/2.590	84,8%	0,530	59,3%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	424/536	79,1%	0,343	12,3%
Infância	20/22	90,9%	0,270	0,5%
TOTAL	3.699/4.369	84,7%		
RANGE			260	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Os números do ramo de falas monitoradas não apresentam comportamento uniforme. Os nós resposta e resíduo exibem peso relativo próximo do ponto neutro: 0,526 e 0,530, respectivamente. Podemos dizer que o resíduo indica neutralidade porque esse fator, por ter muitos dados, não se distancia do efeito médio, enquanto o contexto

resposta favorece relativamente o –S plural. Todavia, relativamente estes resultados favorecem um pouco mais a presença de marcas do que os dois fatores do ramo de falas não monitoradas, narrativa de experiência pessoal (0,343) e infância (0,270).

Vale mencionar que o número elevado de dados na categoria resposta se deve aos falantes de 7-14 anos, que, na maior parte da entrevista, limitam-se a responder às perguntas dos entrevistadores de forma breve e rápida. Ao fazermos a tabulação cruzada das variáveis estilo e faixa etária, verificamos que das 984 ocorrências de respostas, 493 ocorrem nessa faixa etária:

TABELA 36 – TABULAÇÃO CRUZADA PERCENTUAL DE CONCORDÂNCIA DAS VARIÁVEIS ESTILO E FAIXA ETÁRIA PARA A CATEGORIA RESPOSTA DA ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)

Faixa etária	Ocorrências da categoria resposta	
	n/N	[%]
7-14 anos	453/493	92,0%
15-25 anos	202/234	86,0%
26-49 anos	133/167	80,0%
>49 anos	74/90	82,0%
TOTAL	862/984	88,0%

Os trechos de opiniões genéricas, com peso relativo de 0,458, ao contrário do que imaginávamos, desfavorecem relativamente a concordância. Na tentativa de compreender o motivo de falantes mais e menos escolarizados se afastarem com relação a esse nó, fizemos um levantamento dos temas codificados na categoria em questão nas entrevistas dos universitários e nas do fundamental, grupos de escolaridade que apresentam mais discrepância nos efeitos dessa categoria.

No ensino fundamental, as opiniões genéricas versam sobre os seguintes temas:

- 1) Relacionamento: as pessoas casam ou separam mais atualmente; divórcio; diferenças entre o namoro atual e o de antigamente.

- 2) Família: diferenças entre a família atual e a de antigamente; as vantagens e as desvantagens de morar em família; necessidade da presença do homem em casa.
- 3) Igreja: contribuição na convivência familiar e no abandono das drogas; casamento entre pessoas de religiões diferentes; milagres; fé.
- 4) Drogas: possíveis motivos que levam as pessoas a usarem drogas; a influência de amigos e da TV; atitudes a serem feitas pela família quando há membros viciados; legalização das drogas.
- 5) Violência: perigos do bairro onde mora; presença do policiamento nas ruas; o comportamento dos presos após a liberdade; recuperação de presos; campanha de desarmamento; diminuição da maioridade penal.
- 6) Política: promessas; obrigatoriedade e validade do horário político.
- 7) Outros: compartilhamento de sentimentos entre irmãos gêmeos; preço dos alimentos; o ato de cozinhar como obrigação da mulher.

No ensino superior, as opiniões genéricas envolvem as temáticas a seguir:

- 1) Relacionamento: a frequência de separação atualmente em comparação com antigamente; possíveis motivos que levam as pessoas a se separarem; divórcio; casais com grande diferença de idade; relacionamento homoafetivo.
- 2) Família: dificuldades de se educar uma criança atualmente.
- 3) Igreja: contribuição no ambiente de trabalho e na construção do futuro; dons; orientações de Deus para a vida.
- 4) Violência: porte de arma; confrontos nos estádios de futebol; transmissão de conteúdos violentos na TV.
- 5) Política: desconfiança em relação aos candidatos; influência da mídia na escolha dos eleitos; possíveis mudanças com a próxima eleição; corrupção.

- 6) Saúde: os problemas do SUS.
- 7) Educação: o atual sistema educacional; chances de aprovação no vestibular para estudantes das redes públicas e privadas.
- 8) Televisão: a tarefa de censurar determinados canais para as crianças; prováveis motivos para o sucesso de programas denominados *reality show*; os programas de TV atuais.
- 9) Outros: aumento da preocupação com a aparência; campanhas contra a fome; polícia (o informante parece falar para uma audiência mais ampla em nome da Instituição) – o Curso de Formação de Soldado Combatente, diferenças entre as polícias civil e militar, policial visto como "ruim" e bombeiro como "bom", corrupção na polícia; alimentação do brasileiro (o falante parece ensinar que frutas são refeições)

Diante dessas duas listas, não constatamos diferenças significativas para justificar os resultados divergentes, pois o contexto estilístico opinião genérica compreende temas bastante similares no ensino fundamental e no superior. Mais adiante, nas reflexões sobre os efeitos obtidos para todos agrupamentos de falantes, voltaremos a essa discussão.

Ao utilizar a Árvore da Decisão nos moldes labovianos nas 20 entrevistas do ensino fundamental, conseguimos, portanto, captar efeitos estilísticos sobre a concordância nominal. Todavia, mais uma vez, é necessário remodelar essa árvore para uma análise mais adequada, pois o resíduo detém quase 60% dos dados.

Na Tabela 37, temos os resultados obtidos para a árvore remodelada.

TABELA 37 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	862/984	87,6%	0,527	22,5%
Opinião genérica	197/237	83,1%	0,461	5,4%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	163/197	82,7%	0,512	4,5%
Narrativa habitual	164/195	84,1%	0,499	4,5%
Exposição/descrição geral	123/151	81,5%	0,518	3,5%
Exposição/descrição pessoal	172/207	83,1%	0,495	4,7%
Opinião pessoal	873/1.018	85,8%	0,575	23,3%
Demais casos	701/822	85,3%	0,495	18,8%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	424/536	79,1%	0,342	12,3%
Infância	20/22	90,9%	0,267	0,5%
TOTAL	3.699/4.369	84,7%		
RANGE			308	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Os ramos de falas monitoradas e não monitoradas demonstram que os pesos relativos dos fatores quase não sofrem alterações da árvore original para a remodelada: resposta apresenta peso relativo de 0,527; opinião genérica apresenta 0,461; narrativa de experiência pessoal apresenta 0,342; e infância apresenta 0,267.

Sobre as falas residuais remodeladas, os dados mostram efeitos em direções distintas. No que diz respeito às narrativas, observamos que a vicária e a habitual exibem efeitos intermediários, com pesos relativos de 0,512 e 0,499, respectivamente. Tais resultados se diferem dos obtidos para os universitários e para os de escolarização intermediária, mas se alinham aos dos outros nós da fala monitorada

destes falantes. Em verdade, todos os nós das falas residuais remodeladas não apresentam diferenças significativas com relação aos efeitos de resposta e opinião genérica. Opinião pessoal (0,575), inclusive, é o fator que exerce o maior efeito em relação à presença de concordância nos falantes do ensino fundamental.

Ao buscar as narrativas vicárias nas entrevistas do ensino fundamental, verificamos que, assim como nas do ensino médio e superior, a grande parte dos trechos se originam de contextos narrativos, versam sobre acontecimentos com pessoas conhecidas e sobre fatos não testemunhados pelo falante. Também de maneira análoga às entrevistas do ensino superior e fundamental, as narrativas habituais surgem, majoritariamente, de contextos narrativos. Até o momento, portanto, parece-nos que não ocorre alteração no grau de monitoramento de fala nesses dois formatos narrativos para os falantes menos escolarizados, visto que os resultados de forma não relativa não apontam nem em direção à fala casual nem à monitorada.

No que tange às exposições/descrições, notamos que, assim como as narrativas residuais, exposições/descrições de caráter geral e pessoal não distinguem fala casual e monitorada, uma vez que ambos exibem pesos relativos próximos: 0,518 para exposição/descrição geral e 0,495 para exposição/descrição pessoal. Dessa forma, com essa diferença mínima entre as categorias, a correlação entre exposições/descrições objetivas/alta monitoração e exposições/descrições subjetivas/baixa monitoração não é encontrada para falantes de menor escolaridade.

Em relação às opiniões pessoais, já observamos que esse é o fator que mais tende a favorecer relativamente a marcação de plural, com peso relativo de 0,575. Consideramos que esse nó estilístico atua dentro do esperado, pois como mencionado na seção anterior, em virtude de ter que defender um ponto de vista, a chance de monitoração da fala é sempre maior.

Nos demais casos do resíduo, há efeito próximo do ponto neutro, com peso relativo de 0,495. Salientamos, novamente, nosso pensamento de que esse contexto estilístico deveria estar à parte dos ramos de falas monitoradas e não monitoradas por abarcar efeitos na direção do favorecimento, do desfavorecimento e da neutralidade.

Na Tabela 38, temos os resultados da análise sem os elementos não nucleares antepostos e os nucleares na primeira posição para verificarmos se os mesmos pesos relativos são atribuídos aos contextos estilísticos.

TABELA 38 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX) – SEM ELEMENTOS NÃO NUCLEARES ANTEPOSTOS AO NÚCLEO E NUCLEARES NA 1ª POSIÇÃO

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	426/543	78,5%	0,530	22,8%
Opinião genérica	82/122	67,2%	0,439	5,1%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	78/112	69,6%	0,499	4,7%
Narrativa habitual	78/107	72,9%	0,512	4,5%
Exposição/descrição geral	66/94	70,2%	0,511	3,9%
Exposição/descrição pessoal	80/114	70,2%	0,495	4,8%
Opinião pessoal	399/539	74,0%	0,580	22,6%
Demais casos	323/439	73,6%	0,495	18,4%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	193/299	64,5%	0,344	12,6%
Infância	10/12	83,3%	0,235	0,5%
TOTAL	1.735/2.381	72,9%		
RANGE			345	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Conforme podemos ver, os efeitos dos fatores são bem parecidos com os da análise com todos os dados. A alteração mais perceptível ocorre na ordenação entre os formatos narrativos das falas residuais. Na rodada com todos os dados, as narrativas

vicárias recebem peso relativo mais elevado do que as habituais. Essa situação se inverte com as narrativas habituais exibindo peso de 0,512 e as vicárias de 0,499. Essa diferença, todavia, não modifica a tendência geral encontrada de efeitos próximos ao ponto neutro.

Para finalizar, sabendo que um aspecto que diferencia as entrevistas do ensino superior e médio das do ensino fundamental são os falantes de 7-14 anos, decidimos fazer, ainda, uma análise retirando os dados dessa faixa etária a fim de verificar se esses informantes estariam, de certa forma, motivando as diferenças encontradas em alguns estilos contextuais.

Na Tabela 39 constam os resultados estatísticos. Vale informar que, nesta etapa, não temos dados de infância, pois as ocorrências dessa categoria estavam na fala de informantes da primeira faixa etária.

TABELA 39 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA SEM FALANTES DE 7-14 ANOS (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX) – TODOS OS DADOS

Fatores	Uso de concordância		Peso relativo	Frequência de dados por fator
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	409/491	83,3%	0,554	17,4%
Opinião genérica	121/159	76,1%	0,442	5,6%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	126/158	79,7%	0,517	5,6%
Narrativa habitual	105/132	79,5%	0,491	4,7%
Exposição/descrição geral	102/129	79,1%	0,500	4,6%
Exposição/descrição pessoal	105/138	76,1%	0,460	4,9%
Opinião pessoal	620/749	82,8%	0,582	26,5%
Demais casos	442/539	82,0%	0,488	19,1%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	226/328	68,9%	0,301	11,6%
TOTAL	2.256/2.823	79,9%		
RANGE			281	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Podemos observar que o padrão geral obtido na análise com a faixa etária de 7-14 anos não sofre modificações: opinião genérica (0,442) e narrativa de experiência pessoal (0,301) inibem a inserção do –S plural; opinião pessoal (0,582) favorece relativamente marcas explícitas; e resposta (0,554), narrativa vicária (0,517), narrativa habitual (0,491), exposição/descrição de caráter geral (0,500), exposição/descrição de caráter pessoal (0,460) e demais casos do resíduo (0,488) apresentam efeitos intermediários.

Assim, percebemos que, no grupo dos menos escolarizados, a forma não padrão é mais usada nas categorias narrativa de experiência pessoal e infância e menos usada

no nó resposta, reafirmando as hipóteses de Labov (2001a). Além disso, verificamos que, destoante às previsões labovianas, o plural é menos marcado no contexto estilístico opinião genérica. Os formatos narrativos vicários e habituais se aproximam mais do dito por Dantas e Gibbon (2014).

Com base no exposto, podemos concluir que a influência estilística segundo o modelo de atenção à fala é menos nítida para esses falantes na categorização detalhada, visto que não há nenhum efeito de forte favorecimento da concordância, nem diferenças de pesos relativos polarizadas entre os efeitos das diversas categorias estilísticas. O que há, na verdade, é um efeito do ramo monitorado *versus* o não monitorado. Nesta relação, os resultados dos universitários (0,322 de peso relativo na fala casual e 0,522 na fala monitorada), dos falantes do ensino médio (0,400 de peso relativo na fala casual e 0,515 na monitorada) e do fundamental são similares (0,341 de peso relativo na fala casual e 0,524 na monitorada).

6.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

A aplicação da Árvore da Decisão nas entrevistas do banco de dados do PortVix evidencia que a variação da concordância nominal de número é sensível ao estilo em função do grau de atenção que se presta à fala. Os resultados obtidos confirmam que a variante não padrão apresenta sempre mais chances de emprego no estilo casual do que no monitorado.

No entanto, na Tabela 40, os *ranges* apontam que a variável estilística é mais forte para os falantes com mais de onze anos de escolarização (605), seguido dos de nove a onze anos de escolarização (409) e dos de um a oito anos de escolarização (308). Os resultados dos pesos relativos mostram, inclusive, que esses grupos exibem nitidamente escalas estilísticas distintas, com resultados bastantes polarizados para os que possuem mais de oito anos de escolarização.

TABELA 40 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DOS CONTEXTOS ESTILÍSTICOS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL SUPERIOR, MÉDIO E FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)

Fatores	Ensino Superior	Ensino Médio	Ensino Fundamental
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)			
Resposta	0,600	0,498	0,527
Opiniões genéricas	0,717	0,583	0,461
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas			
Narrativa vicária	0,713	0,359	0,512
Narrativa habitual	0,247	0,709	0,499
Exposição/descrição geral	0,707	0,724	0,518
Exposição/descrição pessoal	0,284	0,315	0,495
Opinião pessoal	0,505	0,510	0,575
Demais casos	0,457	0,514	0,495
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)			
Narrativa de experiência pessoal	0,322	0,397	0,342
Grupo e Tangente	0,112	0,354	–
Infância	–	–	0,267
RANGES	605	409	308

Os mais escolarizados apresentam uma divisão ternária: na base, inibindo marcas de plural, temos os contextos grupo e tangente (0,112), narrativa de experiência pessoal (0,322), narrativa habitual (0,247) e exposição/descrição de caráter pessoal (0,284); no topo, retendo o –S plural, temos resposta (0,600), exposição/descrição de caráter geral (0,707), narrativa vicária (0,713), e opinião genérica (0,717); no meio, com valores intermediários, temos demais casos do resíduo (0,457) e opinião pessoal (0,505).

Os de escolaridade intermediária, assim como os mais escolarizados, apresentam uma hierarquia ternária: na parte inferior, com menores chances de concordância,

estão as categorias exposição/descrição de caráter pessoal (0,315), grupo e tangente (0,354), narrativa vicária (0,359) e narrativa de experiência pessoal (0,397); na parte superior, favorecendo o morfema plural, estão opinião genérica (0,583), narrativa habitual (0,709) e exposição/descrição de caráter geral (0,724); no meio, com números intermediários, estão resposta (0,498), opinião pessoal (0,510) e demais casos do resíduo (0,514).

Os menos escolarizados, semelhantemente a isso, apresentam uma distribuição ternária: de um lado, o nó opinião pessoal favorecendo a concordância (0,575); do outro lado, os nós infância (0,267) e narrativa de experiência pessoal (0,342) desfavorecendo o morfema de plural; no meio, os demais nós, com efeitos intermediários no intervalo 0-1, muito próximos a 0,500.

Nos Gráficos 4, 5 e 6, a seguir, comparando os três subagrupamentos de falantes, podemos ver, claramente, que a influência dos contextos estilísticos ora é semelhante ora é diferente nesses três níveis de escolaridade.

GRÁFICO 5 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL MÉDIO DA AMOSTRA PORTVIX)

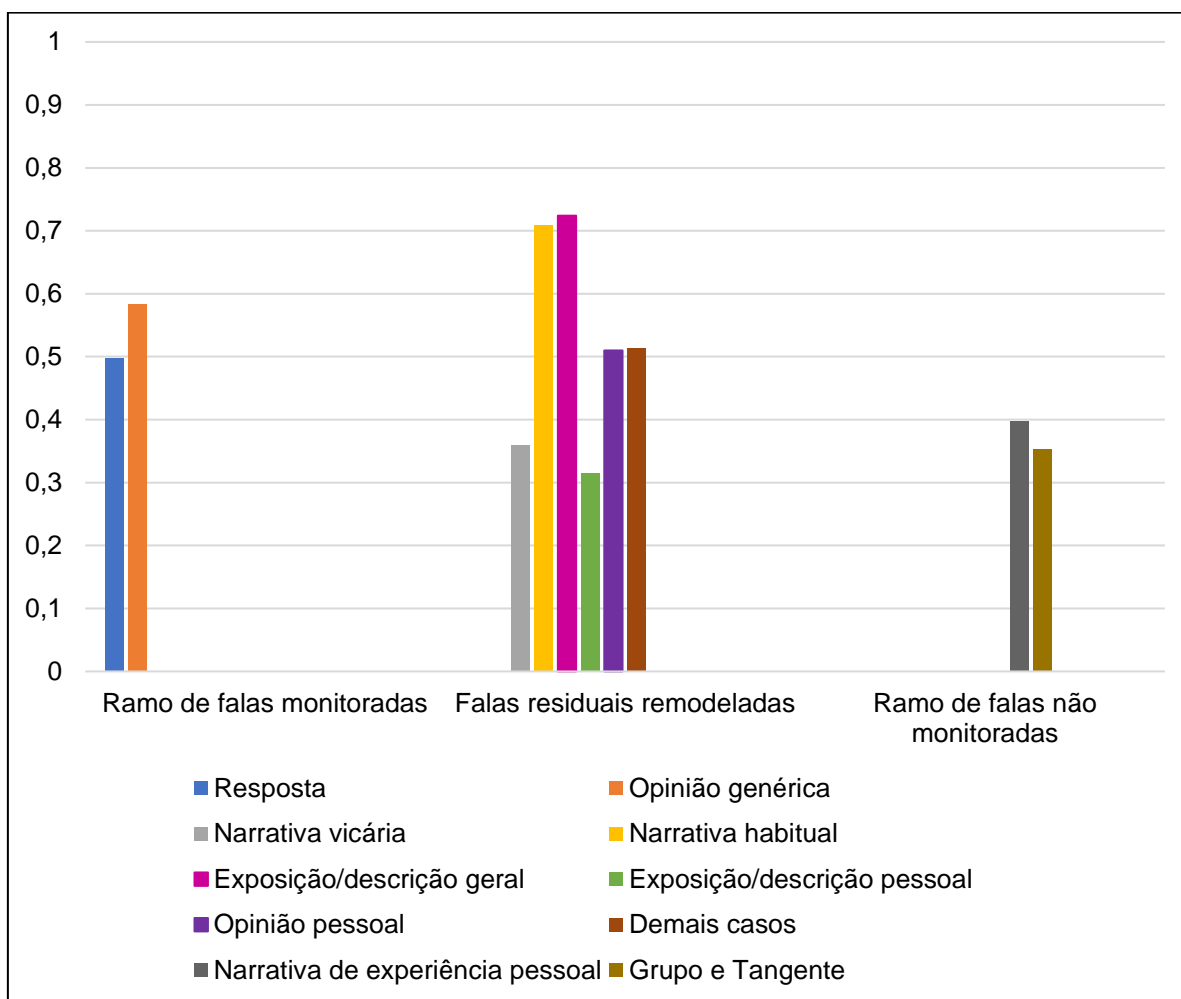
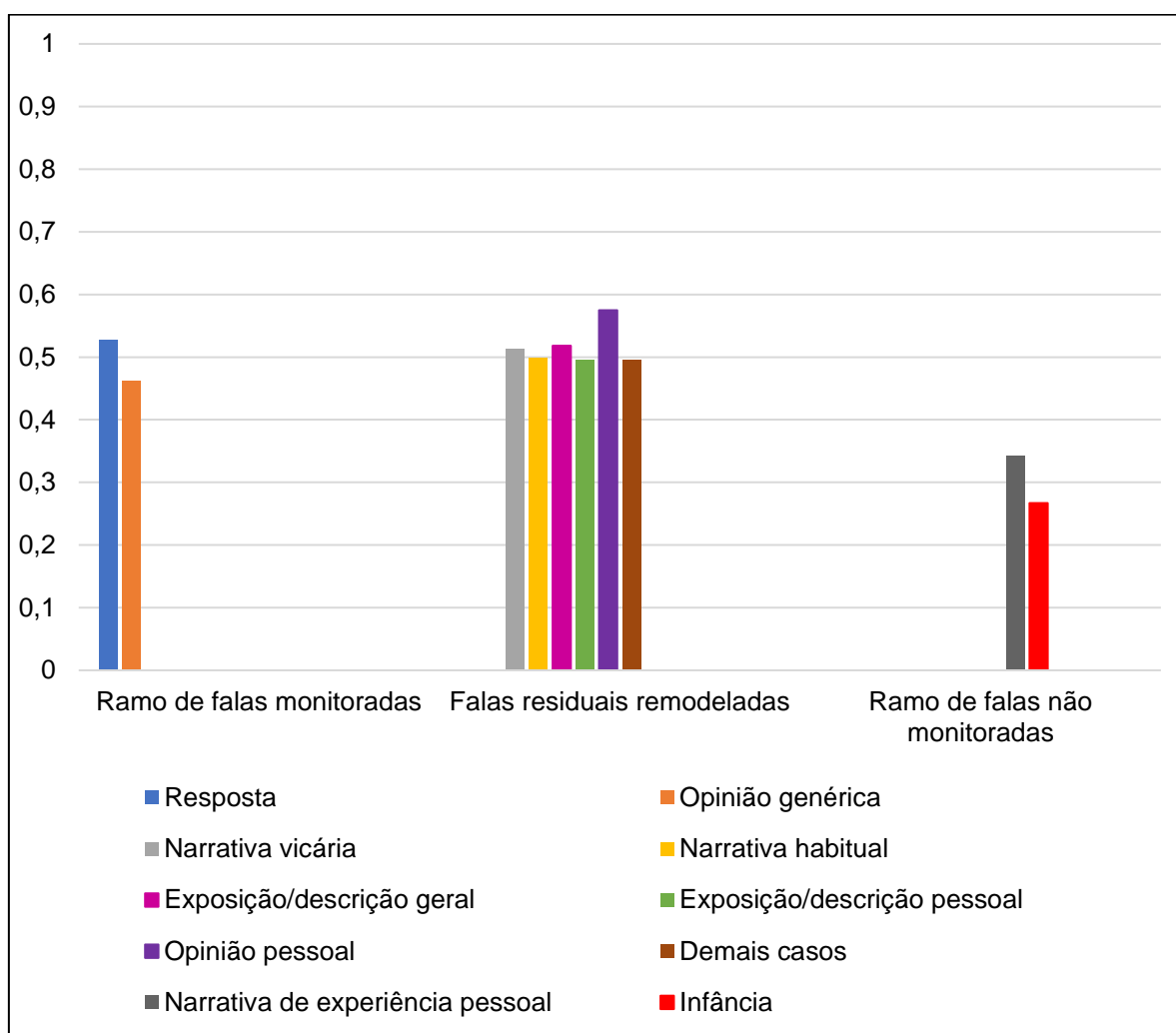


GRÁFICO 6 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES DE NÍVEL FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)



As semelhanças mais evidentes entre os agrupamentos de falantes estão nas categorias narrativa de experiência pessoal e grupo e tangente, que sempre apresentam as menores chances de marcação de plural se comparado com as do ramo de falas monitoradas.

Por outro lado, as diferenças mais perceptíveis estão nos nós opinião genérica, narrativa vicária, narrativa habitual, opinião pessoal, exposição/descrição de carácter geral e exposição/descrição de carácter pessoal:

- 1) Nas entrevistas do ensino superior e do ensino médio, o morfema plural tende a ser empregado nas opiniões genéricas, o que aponta uma diferenciação entre esses trechos e os dos nós de fala casual. Nas entrevistas do ensino fundamental, por sua vez, as chances de marcação de plural nessas passagens não se distanciam muito das do ramo de fala casual.
- 2) Os falantes mais escolarizados e os de escolaridade intermediária apresentam uma distinção muito forte entre narrativa vicária e narrativa habitual, porém em linhas opostas: no ensino superior, a vicária está favorecendo o uso da variante padrão e a habitual está desfavorecendo; no ensino médio, a vicária desfavorece a inserção do –S plural e a habitual favorece. Para os menos escolarizados, por outro lado, não existe oposição entre essas duas categorias entre si, mas elas se opõem em relação aos estilos contextuais do ramo de falas não monitoradas.
- 3) A emissão de opiniões particularizadas é a configuração que mostra mais chances de retenção de marcas para os informantes do fundamental, ao passo que para os de nível superior e médio ela mostra chances intermediárias.
- 4) Os informantes com mais de oito anos de escolarização exibem uma oposição nítida entre exposição/descrição de caráter pessoal e exposição/descrição de caráter geral, com esta categoria favorecendo a concordância e aquela a não concordância. Em contrapartida, os informantes com menos de oito anos de escolarização não apresentam diferenças relevantes entre esses dois fatores.

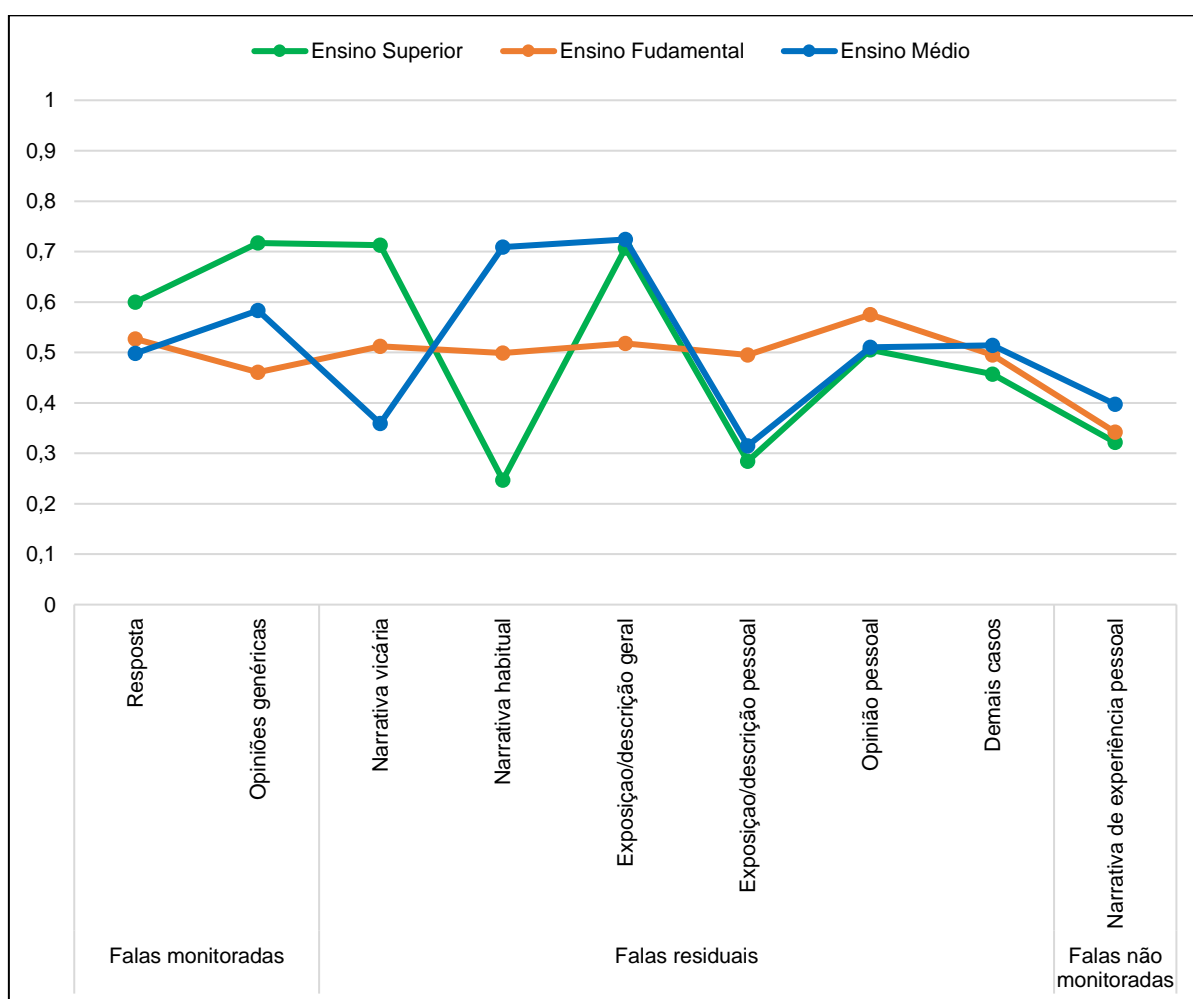
A partir das semelhanças, podemos chegar à constatação que os estilos contextuais do ramo de falas não monitoradas apresentam sempre efeitos mais uniformes, uma vez que há o desfavorecimento da variante padrão nos três graus de escolarização.

Através das diferenças, a conclusão a que se chega é que os nós estilísticos de falas monitoradas e de falas residuais apresentam um comportamento bastante flutuante, já que os informantes dos três níveis de escolaridade manifestaram, por vezes, tendências divergentes quanto a alguns aspectos. Relembrando as colocações de Labov (2001a), podemos ver que ele próprio, inclusive, já sugere que as categorias

opinião genérica e resíduo, pertencentes ao ramo de falas monitoradas, devem ser mais bem exploradas.

Portanto, as análises do estilo em função dos anos de escolarização, confirmando nossa hipótese, levam-nos a afirmar que, embora nem sempre na mesma direção, os falantes do ensino médio e do ensino superior transitam mais estilisticamente do que os do fundamental, o que pode ser melhor observado no Gráfico 7. Essa afirmação é baseada nos diversos efeitos aproximados dos contextos estilísticos no grupo dos menos escolarizados, o que fornece indícios de que esse grupo faz menos distinção entre fala monitorada e fala casual, em circunstâncias analíticas mais finas, com mais categorias.

GRÁFICO 7 – VARIAÇÃO ESTILÍSTICA SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA POR SUBGRUPAMENTOS DE FALANTES DA AMOSTRA PORTVIX



Vale ressaltar que isso não significa que os menos escolarizados não fazem alternância estilística, visto que, como enfatiza Labov (2003 [1969], p. 234), não há falantes de estilo único. Sendo assim, nossos resultados apenas confirmam o *Princípio da Mudança Gradual do Estilo*, que prevê que “nenhum falante é monoestilístico, embora alguns tenham um repertório verbal mais amplo do que outros”⁴³ (HERNÁNDEZ-COMPOY, 2016, p. 82).

A motivação principal da análise estilística aqui feita era a de verificar se o modelo da *Árvore da Decisão* (LABOV, 2001a) permitiria a identificação da influência estilística sobre a concordância nominal variável. Aplicamos, então, a proposta laboviana às 46 entrevistas que compõem a amostra PortVix, avaliamos os resultados e constatamos que o grande problema se encontrava na categoria resíduo, que detém muitos dados sem análise. A partir disso, buscamos remodelar essas falas residuais, controlando novos modelos narrativos e argumentativos, bem como trechos expositivos, explicativos e descritivos com base no caráter dos assuntos sobre os quais versavam. Embora tenhamos consciência de que não conseguimos abranger todo o material linguístico passível de investigação do resíduo, esta dissertação contribui para os estudos linguísticos ao apontar novos caminhos de exploração dos conteúdos localizados nesse estilo contextual.

Em verdade, não tivemos condições de explicar alguns dos resultados obtidos, deixando algumas lacunas em aberto para resolução futura. Além das opiniões genéricas, que necessitam de novas formas de refinamento que contemplem diferentes graus de formalidade para o entendimento da sua atuação desfavorecedora do –S plural nas entrevistas do ensino fundamental e favorecedora nas do ensino médio e superior, o comportamento das narrativas vicárias e habituais merece ser melhor investigado.

Sobre as narrativas vicárias, observamos que elas tendem a reter marcas explícitas de plural no ensino superior, a inibir no ensino médio e a apresentar efeito intermediário no ensino fundamental. Sobre as narrativas habituais, verificamos que elas desfavorecem o morfema plural no ensino superior, favorecem fortemente no ensino médio e exibem peso relativo intermediário no ensino fundamental.

⁴³ Original: The Principle of Graded Style-shifting: no single speaker is mono-stylistic, though some have a wider verbal repertoire than others.

Com uma análise a nível macro, voltamo-nos para o contexto de surgimento dessas narrativas. Nas narrativas vicárias, buscamos, ainda, observar quem era o personagem principal e a presença ou não do falante no fato relatado. No entanto, não conseguimos elucidar o que está por trás do comportamento desses formatos narrativos, pois os resultados relativos a essas questões são bastante aproximados para todos os agrupamentos de falantes. Dessa forma, tendo em vista que as narrativas de experiência pessoal, que possuem decididamente o traço [+envolvimento], têm se mostrado na linha esperada para todos os agrupamentos de falantes, somos levados a acreditar que, para compreendermos mais satisfatoriamente as narrativas das falas residuais, teremos de, no futuro, realizar uma análise mais minuciosa, procurando observar traços de envolvimento emocional dentro dessas passagens com base na presença de comentários avaliativos, um dos parâmetros estilísticos propostos por Dantas (2013) para a análise da fala narrativa em entrevistas sociolinguísticas.

A necessidade de reconsiderar a classificação dos dados como exclusivamente do ramo monitorado ou casual já foi mencionada por alguns pesquisadores. Baugh (2001), por exemplo, como visto na seção 3.2.1.1, sugere que as passagens de cada categoria estilística da Árvore da Decisão sejam avaliadas segundo os graus de mais informalidade ou mais formalidade. Dantas e Gibbon (2014), assim como Valle e Görski (2014), chamam atenção para o problema de estabelecer antecipadamente quais nós estilísticos envolvem cada estilo de fala, visto que, em quaisquer deles, alguns falantes podem se envolver mais emocionalmente, enquanto outros podem apresentar pouco ou nada de envolvimento emocional.

Após todas estas reflexões, podemos dizer que nossos resultados apontam, em concordância com o já discutido por esses pesquisadores, que a proposta laboviana binária de investigação das partes da entrevista, sem um olhar voltado para outros parâmetros, deixa de captar traços importantes que envolvem a variação estilística, visto que nem todos os trechos de determinado contexto do ramo de falas monitoradas são igualmente monitorados, assim como nem todas as passagens de determinada categoria do ramo de falas não monitoradas são igualmente casuais.

É preciso reconhecer, contudo, que os ramos da Árvore da Decisão sem detalhamento funcionam na mesma direção para os três níveis de escolaridade, como pode ser visto na Tabela 41.

TABELA 41 - COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE NÍVEL SUPERIOR, MÉDIO E FUNDAMENTAL DA AMOSTRA PORTVIX)

Estilos	Ensino Superior	Ensino Médio	Ensino Fundamental
Monitorado	0,522	0,515	0,524
Casual	0,332	0,400	0,341
RANGE	190	115	183
SIGNIFICÂNCIA	0,000	0,020	0,000

A concordância é desfavorecida no ramo de fala casual em todos os agrupamentos de falantes. Em termos de efeitos, temos 0,322 de peso relativo para os mais escolarizados, 0,400 para os de escolaridade intermediária e 0,341 para os menos escolarizados. Também em todos os agrupamentos de informantes as marcas explícitas de plural são relativamente favorecidas no ramo de fala monitorada: falantes de nível superior apresentam peso relativo de 0,522, falantes de nível médio apresentam 0,515 e falantes de nível fundamental apresentam 0,524. Há, portanto, duas grandes oposições com efeitos estatisticamente significativos nos três casos.

Diante disso, podemos dizer que a análise do PortVix a partir do modelo arbóreo laboviano também evidencia a sistematicidade/uniformidade do ramo de fala casual na diminuição de marcas de concordância e do ramo de fala monitorada no favorecimento relativo do morfema plural.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos um estudo da variação da concordância nominal na cidade Vitória à luz da Sociolinguística Variacionista, evidenciando que fatores linguísticos, sociais e estilísticos atuam sobre a presença ou ausência de marcas explícitas de plural. Com a análise das entrevistas da amostra PortVix, investigamos um total de 10.923 dados de elementos nominais.

Conforme vimos, a distribuição geral das variantes revela uma predominância da variante padrão na fala capixaba, com índice de 88,6%. Esse resultado sugere que Vitória se aproxima de cidades mais urbanas (Rio de Janeiro e Salvador) e se afasta de comunidades menos urbanas (microrregião do Alto Solimões e área rural de Santa Leopoldina).

A atuação dos fatores linguísticos se manteve dentro do esperado, com a capital capixaba se alinhando, de um modo geral, ao Rio de Janeiro, Região Sul, Salvador, Alto Solimões e Santa Leopoldina. A análise da posição relativa e linear demonstra que as chances de marcação de plural decaem conforme o elemento se localiza mais à direita no sintagma nominal, uma vez que os constituintes não nucleares pospostos ao núcleo e os nucleares a partir da primeira posição desfavorecem o uso do –S plural. A variável marcas precedentes indica que, a partir da segunda posição no sintagma, a presença de marcas gera mais marcas, ao passo que a presença de zero leva a mais zero, o que comprova a tendência do agrupamento de formas por semelhança. Por fim, a saliência fônica aponta que os itens mais salientes tendem a ser mais marcados do que os menos salientes.

À exceção sexo/gênero, o comportamento dos fatores sociais também operou conforme o imaginado. A faixa etária, com os informantes mais jovens realizando mais concordância do que os mais velhos, fornece evidências de que Vitória está em um processo de mudança em direção à aquisição de marcas, assim como o Rio de Janeiro e Santa Leopoldina. A escolaridade mostrou sua força, mais uma vez, exibindo um aumento no uso da forma de prestígio de acordo com o aumento nos anos de escolarização. Já a variável sexo/gênero, diferentemente do previsto na literatura sociolinguística, assinala que, em Vitória, os homens favorecem a

concordância e não as mulheres. Levantamos a hipótese de que o conservadorismo social do homem capixaba estaria refletindo na língua. Entretanto, é preciso um estudo mais apurado sobre a comunidade de Vitória para que possamos compreender mais satisfatoriamente esse resultado.

A análise estilística confirmou que a metodologia da Árvore da Decisão remodelada permite a identificação de alternâncias de estilo em função do grau de atenção à fala. Percebemos que as tendências gerais sinalizam que o –S plural é menos empregado nos contextos de fala casual e, por outro lado, é mais utilizado nos de fala monitorada. Além disso, verificamos que, em análises com categorização mais detalhada, a influência do estilo sobre a concordância nominal é mais consistente para os falantes mais escolarizados do que para os menos escolarizados. Concluimos, portanto, que, embora não haja falantes de estilo único, os que possuem mais de oito anos de escolaridade são os que apresentam maior diferenciação estilística.

Em linhas gerais, o presente trabalho, ao descrever a concordância nominal variável na variedade capixaba, mostra que há um sistema altamente ordenado regendo esse fenômeno linguístico tanto no campo local quanto no nacional. Ainda que existam algumas diferenças, constatamos que há uma regularização no português brasileiro no que tange à atuação da escolaridade e das restrições linguísticas.

Ademais, esta pesquisa corrobora que é possível a identificação de efeitos estilísticos em entrevistas sociolinguísticas, como sugerido por Labov (2001a). Convém enfatizar aqui que a operacionalização da Árvore da Decisão é uma tarefa complexa e difícil. Além do grande material linguístico que fica restrito ao resíduo antes da sua remodelação, a maioria dos trechos de fala contém sequências que pertencem a diversas categorias, sendo, portanto, difícil delimitar com precisão o início e o fim de cada estilo contextual. Há também, por vezes, passagens que não se encaixam em nenhum dos nós da “árvore”, que, por isso, foram destinadas ao resíduo. Contudo, como exposto em nosso referencial teórico, a Árvore da Decisão é apenas uma das metodologias que podem ser adotadas na análise da variação estilística.

A respeito de outras formas que possibilitam captar variações estilísticas, vale mencionar o acompanhamento de um mesmo indivíduo em diversas interações verbais, com diferentes interlocutores, tal como feito nos estudos de Pereira e Scherre (1995), sobre a concordância nominal, a concordância verbal e a concordância nos

predicativos; de Sousa (2012), sobre a concordância nominal; de Alves (2015), sobre os pronomes de segunda pessoa; de Scardua e Scherre (2017), sobre a concordância nominal; e de Yacovenco e Massariol (2017), sobre a expressão do sujeito pronominal. Nesse procedimento metodológico é possível conciliar as noções de estilo de Labov (2008 [1972], 2001a), Bell (1984, 2001) e Eckert (2001), pois as gravações naturais de fala permitem a identificação de como o falante escolhe seu repertório estilístico, levando em consideração a formalidade, a audiência, tópico e os seus papéis sociais. Porém, obter gravações úteis dessa natureza também não é fácil, uma vez que as situações reais de comunicação costumam apresentar muitos ruídos e sobreposição de vozes, o que interfere na qualidade do áudio.

Assim, mesmo com as dificuldades que envolvem esses diferentes métodos de coleta de dados, salientamos que o estilo precisa ser mais explorado nas pesquisas sociolinguísticas para que se possa aprimorar o entendimento do seu papel na variação linguística.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística, Parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2012. v. 1, p. 23-50.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. 2015. 150f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAUGH, John. A dissection of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p. 109-118.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELL, Alan. Language style as audience design. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 13, p. 145-201, 1984.

_____. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

BENFICA, Samine de Almeida. **A concordância verbal na fala de Vitória**. 2016. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

BENTES, Anna Christina. Tudo que é sólido desmancha no ar: sobre o problema do popular na linguagem. **Gragoatá**, Niterói, v.27, p.12-47, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Análise do português brasileiro em três *continua*: o continuum rural-urbano, o continuum oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus. (Eds.). **<<Substandard>> e mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998, p. 101-108.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRAGA, Maria Luiza; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA, 1, 1976, **Anais**. Rio de Janeiro: PUC, 1976, p.464-477.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 17-23.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAMBERS, Jack K. **Sociolinguistic theory**. Cambridge: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armenio Amado, 1975.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 113-126.

COUPLAND, Nikolas. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DANTAS, Wagner Saback. **Uma proposta de (re)análise estilística da fala narrativa na entrevista sociolinguística laboviana**. 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DANTAS, Wagner Saback; GIBBON, Adriana de Oliveira. A abordagem de estilo de fala narrativa na proposta da “árvore da decisão”: algumas questões de análise. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 141-162.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. Style and social meaning. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

_____. The meaning of style. **Texas Linguistic Forum**, Austin, v. 47, p. 41-53, 2004. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/salsa2003.pdf>> Acesso em 10 mai. 2017.

_____. **Variation, convention, and social meaning.** Paper Presented at the Annual meeting of the Linguistic Society of America, Oakland, 2005.

_____. Where does the social stop? In: PARROT, Jeffrey K.; QUIST, Pia; GREGERSEN, Frans (Eds.). **Language Variation: european perspectives III.** Amsterdam: John Benjamins, 2011, p. 13-29.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística.** São Paulo: Contexto, 2017.

FERRARI, Lilian Vieira. **Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos.** 1994. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na região Sul.** 1996. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, 917-944, 2012.

GÖRSKI, Edair Maria. A variação estilística na ótica da sociolinguística laboviana: (re)dimensionando o papel do contexto. In: VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 2011, Natal. **Anais.** Natal: SIGET, 2011.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise.** Florianópolis: Insular, 2014.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise.** Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92.

GUY, Gregory Riordan. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2001, Fortaleza. **Anais.** Fortaleza: ABRALIN, 2001.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. **Sociolinguistic styles.** Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

HORA, Dermeval da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane, Maria Nunes de (Orgs.). **Variação**

estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p. 19-30.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3, p. 53-91.

INCAPER. Programa de assistência técnica e extensão rural PROATER 2011-2013, Instituto Capixaba de Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural - Santa Leopoldina. **Planejamento e programação de ações (2011)**. Disponível em: <http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro_cerrano/Santa_Leopoldina.pdf>. Acesso em 15/12/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=320530&search=espirito-santo|vitoria>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 13-30.

KLUG, Letícia Beccalli. **Vitória:** sítio físico e paisagem. Vitória: EDUFES, 2009.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, 1967.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. **Word**, v. 18, p. 1-42, 1963.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

_____. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. **Language Variation and change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

_____. **Principles of linguistic change:** internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Some further steps in narrative analysis. **The Journal of Narrative and Life History**, v.7, n. 1-4, 395-415, 1997.

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p. 85-109.

_____. **Principles of linguistic change:** social factors. Oxford: Blackwell, 2001b.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds). **Sociolinguistics:** the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003, p. 234-250.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: Moral/Fundação Ford, 1977.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina**. 2014. 199f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. 408f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação de Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. 2013. 244f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

NADER, Maria Beatriz. Inserção feminina no mercado de trabalho capixaba: mudanças nos paradigmas da relação mulher e casamento. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2004, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1314/1278>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

NADER, Maria Beatriz. Cidades, aumento demográfico e violência contra a mulher: o ilustrativo caso de Vitória – ES. **Dimensões**, Vitória, v. 23, p. 156-171, 2009.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, p. 63-98, 1981.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 43-50.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: _____. _____. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 15-25.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 20, p. 9-16, 1991.

_____. Fluxos e contrafluxos: movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In: MOLLICA, Maria Cecília (Org.). **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 79-90.

_____. Remodeling the age variable: number concord in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, v. 25, p. 1-15, 2013.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do estado do Espírito Santo**. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33-42.

PEREIRA, Andréa Kluge; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A influência do contexto interacional na concordância de número no português do Brasil**. Trabalho apresentado no II Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das IFES mineiras, Uberlândia, 1995.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POPLACK, Shanna. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William (Ed.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfed Villaça (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.

ROBINS, Robert H. **Pequena história da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: < <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em: 08 ago 2017.

SCARDUA, Juliana Rangel. A concordância nominal na fala capixaba. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 5, 2014, Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/desc.php?&id=7345>. Acesso em: 08 fev. 2017.

SCARDUA, Juliana Rangel; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O papel da mudança estilística na concordância nominal variável: integração entre dois métodos de coleta de dados. Comunicação apresentada no X Congresso Internacional da Abralín, Niterói, 2017.

SCHAYDER, José Pontes. **História do Espírito Santo**: uma abordagem didática e atualizada 1535-2002. Campinas: Companhia da Escola, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. 172f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

_____. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 560f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

_____. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998a.

_____. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMAN, Klaus (Eds.). **“Substandard” e mudança no Português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998b. p. 153-188.

_____. Phrase-level parallelism effect noun phrase number agreement. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, v. 13, p. 91-107, 2001.

_____. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. Speech Community In: BROWN, Keith (Ed.). **Encyclopedia of Language & Linguistics**. 2nd ed., vol. 11, Oxford: Elsevier, 2006. p.716-722.

_____. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível?. **Revista Letra**, Rio de Janeiro, v.1 e 2, p. 51-62, 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (Org.). **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p.509-523.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.9, n.18, p.107-129, 2006.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 147-178.

_____. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, v.26, p.331-357, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, p. 121-146, 2011.

SCHILLING-ESTES, Natalie. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Cambridge: Blackwell, 2002, p. 375-401.

SILVA, Janaína Biancardi da. **Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa**. 2011. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SOUSA, Andressa Rebonato de. **Concordância nominal: variação e estilo**. Trabalho apresentado no Seminário de TCC Letras Neolatinas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Making Waves: the story of variationist sociolinguistics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. Textos de diferentes gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas: o caso do banco de dados VARSUL. **Veredas**, Juiz de Fora, n.2, p.176-194, 2015.

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-122.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 51-58.

VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012: homicídios de mulheres no Brasil (atualização)**. Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2012. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf>. Acesso em 17 dez. 2017.

_____. **Mapa da violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil**. Brasília, FLACSO, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em 17 dez. 2017.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, Maria da Penha Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho (Orgs.). **Caminhos em linguística**. Vitória: Nuples, 2002. p. 102-111.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Tomaz Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto Portvix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; MASSARIOL, Carolyn Batista. A expressão do sujeito pronominal na fala de uma universitária capixaba: uma análise baseada no estilo. **Revista (Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 11, n. 19, p. 104-123, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES DA AMOSTRA PORTVIX

Nº	Escolarização	Sexo/gênero	Faixa etária	Localização
1	Ensino fundamental	Homem	07-14 anos	Jucutuquara
2	Ensino fundamental	Homem	07-14 anos	Maruipe
3	Ensino fundamental	Homem	07-14 anos	Praia do canto
4	Ensino fundamental	Homem	07-14 anos	Santo Antônio
5	Ensino fundamental	Mulher	07-14 anos	Camburi
6	Ensino fundamental	Mulher	07-14 anos	Praia do canto
7	Ensino fundamental	Mulher	07-14 anos	Santo Antônio
8	Ensino fundamental	Mulher	07-14 anos	São Pedro
9	Ensino fundamental	Homem	15-25 anos	São Pedro
10	Ensino fundamental	Homem	15-25 anos	Jucutuquara
11	Ensino fundamental	Mulher	15-25 anos	Centro
12	Ensino fundamental	Mulher	15-25 anos	Santo Antônio
13	Ensino fundamental	Homem	26-49 anos	Maruipe
14	Ensino fundamental	Homem	26-49 anos	São Pedro
15	Ensino fundamental	Mulher	26-49 anos	Jucutuquara
16	Ensino fundamental	Mulher	26-49 anos	Maruipe
17	Ensino fundamental	Homem	>49 anos	Santo Antônio
18	Ensino fundamental	Homem	>49 anos	Maruipe
19	Ensino fundamental	Mulher	>49 anos	Maruipe
20	Ensino fundamental	Mulher	>49 anos	Centro
21	Ensino médio	Homem	15-25 anos	Centro
22	Ensino médio	Homem	15-25 anos	São Pedro
23	Ensino médio	Homem	15-25 anos	Santo Antônio
24	Ensino médio	Mulher	15-25 anos	Santo Antônio
25	Ensino médio	Mulher	15-25 anos	Praia do canto
26	Ensino médio	Mulher	15-25 anos	Camburi
27	Ensino médio	Homem	26-49 anos	Jucutuquara
28	Ensino médio	Homem	26-49 anos	Santo Antônio
29	Ensino médio	Mulher	26-49 anos	São Pedro
30	Ensino médio	Mulher	26-49 anos	Jucutuquara
31	Ensino médio	Homem	>49 anos	Santo Antônio
32	Ensino médio	Homem	>49 anos	Camburi
33	Ensino médio	Mulher	>49 anos	Jucutuquara

Nº	Escolarização	Sexo/gênero	Faixa etária	Localização
34	Ensino médio	Mulher	>49 anos	Maruipé
35	Ensino superior	Homem	15-25 anos	Jucutuquara
36	Ensino superior	Homem	15-25 anos	Maruipé
37	Ensino superior	Mulher	15-25 anos	Camburi
38	Ensino superior	Mulher	15-25 anos	Centro
39	Ensino superior	Homem	26-49 anos	Praia do canto
40	Ensino superior	Homem	26-49 anos	Maruipé
41	Ensino superior	Mulher	26-49 anos	Praia do canto
42	Ensino superior	Mulher	26-49 anos	Centro
43	Ensino superior	Homem	>49 anos	Praia do canto
44	Ensino superior	Homem	>49 anos	Centro
45	Ensino superior	Mulher	>49 anos	Jucutuquara
46	Ensino superior	Mulher	>49 anos	Maruipé

APÊNDICE B – NÍVEIS DE SIGNIFICÂNCIA NA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS

Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Escolaridade	0,000
5 ^a	Saliência fônica	0,000
6 ^a	Sexo/gênero	0,000
7 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

Ordem de seleção	Árvore da Decisão laboviana (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Escolaridade	0,000
5 ^a	Saliência fônica	0,000
6 ^a	Sexo/gênero	0,000
7 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Escolaridade	0,000
5 ^a	Saliência fônica	0,000
6 ^a	Estilo	0,000
7 ^a	Sexo/gênero	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (sem a palavra vezes na expressão as vezes)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Escolaridade	0,000
5 ^a	Estilo	0,000
6 ^a	Sexo/gênero	0,000
7 ^a	Saliência fônica	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Escolaridade vs Faixa etária	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Sexo/gênero	0,000
6 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Sexo/gênero vs Escolaridade	0,000
5 ^a	Saliência fônica	0,000
6 ^a	Estilo	0,001
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,001

Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (cruzamento das variáveis sexo/gênero e faixa etária)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Sexo/gênero vs Faixa etária	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Escolaridade	0,000
5 ^a	Saliência fônica	0,000
6 ^a	Estilo	0,008
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,008

APÊNDICE C – NÍVEIS DE SIGNIFICÂNCIA NA ANÁLISE DA VARIÁVEL ESTILÍSTICA

ENSINO UNIVERSITÁRIO		
Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1ª	Posição relativa e linear	0,000
2ª	Faixa etária	0,000
3ª	Marcas precedentes	0,000
4ª	Saliência fônica	0,000
5ª	Sexo/gênero	0,000
6ª	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO UNIVERSITÁRIO		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão laboviana (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1ª	Posição relativa e linear	0,000
2ª	Faixa etária	0,000
3ª	Marcas precedentes	0,000
4ª	Saliência fônica	0,000
5ª	Sexo/gênero	0,000
6ª	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO UNIVERSITÁRIO		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1ª	Posição relativa e linear	0,000
2ª	Faixa etária	0,000
3ª	Marcas precedentes	0,000
4ª	Estilo	0,000
5ª	Saliência fônica	0,000
6ª	Sexo/gênero	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO UNIVERSITÁRIO		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (sem elementos não nucleares antepostos ao núcleo)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Faixa etária	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Saliência fônica	0,000
4 ^a	Estilo	0,000
5 ^a	Sexo/gênero	0,000
6 ^a	Posição relativa e linear	0,006
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,006

ENSINO FUNDAMENTAL		
Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Faixa etária	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Sexo/gênero	0,000
6 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO FUNDAMENTAL		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão laboviana (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Faixa etária	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Sexo/gênero	0,000
6 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO FUNDAMENTAL		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Faixa etária	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Sexo/gênero	0,000
6 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO FUNDAMENTAL		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (sem elementos não nucleares antepostos ao núcleo e nucleares na 1^a posição)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Faixa etária	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Saliência fônica	0,000
4 ^a	Sexo/gênero	0,000
5 ^a	Posição relativa e linear	0,001
6 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO FUNDAMENTAL		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada sem falantes de 7-14 anos (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Faixa etária	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Sexo/gênero	0,000
6 ^a	Estilo	0,000
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO MÉDIO		
Ordem de seleção	Estilo casual versus estilo monitorado (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Estilo	0,020
*	Sexo/gênero	0,277
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,020

ENSINO MÉDIO		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão laboviana (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
*	Sexo/gênero	0,292
	Estilo	0,140
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO MÉDIO		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (todos os dados)	Significância no nível de seleção
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Faixa etária	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,000
5 ^a	Estilo	0,000
*	Sexo/gênero	0,672
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

ENSINO MÉDIO		
Ordem de seleção	Árvore da Decisão remodelada (sem elementos não nucleares antepostos ao núcleo e nucleares na 1ª posição)	Significância no nível de seleção
1ª	Marcas precedentes	0,000
2ª	Faixa etária	0,000
3ª	Saliência fônica	0,000
4ª	Estilo	0,000
*	Posição relativa e linear	0,298
	Sexo/gênero	0,768
SIGNIFICÂNCIA GERAL		0,000

APÊNDICE D – TESTES DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA ENTRE FATORES DE UMA MESMA VARIÁVEL INDEPENDENTE

Teste 1: homens e mulheres do ensino fundamental

Log likelihood: -2708.878 (rodada do cruzamento das variáveis sexo/gênero e escolaridade)

Log likelihood = -2718.504 (rodada com amalgamação dos dados de homens e mulheres do ensino fundamental)

Cálculo: $-2708.878 - (-2718.504) = 9.626 \times 2 = 19.252$

Grau de liberdade: 1

Teste 2: meninos e meninas de 7-14 anos

Log likelihood: -2676.421 (rodada do cruzamento das variáveis sexo/gênero e faixa etária)

Log likelihood = -2679.677 (rodada com amalgamação dos dados de meninos e meninas de 7-14 anos)

Cálculo: $-2676.421 - (-2679.677) = 3.256 \times 2 = 6.512$

Grau de liberdade: 1

DISTRIBUIÇÃO DO QUI-QUADRADO PARA 1 GRAU DE LIBERDADE	
Nível de significância	Valores
0,001	10.827
0,01	6.635
0,02	5.412
0,05	3.841

Fonte: Blalock Jr (1972, p. 569) – adaptado⁴⁴

⁴⁴ BLALOCK JUNIOR, Hubert Morse. **Social Statistic**. New York: McGraw-Hill, 1972.